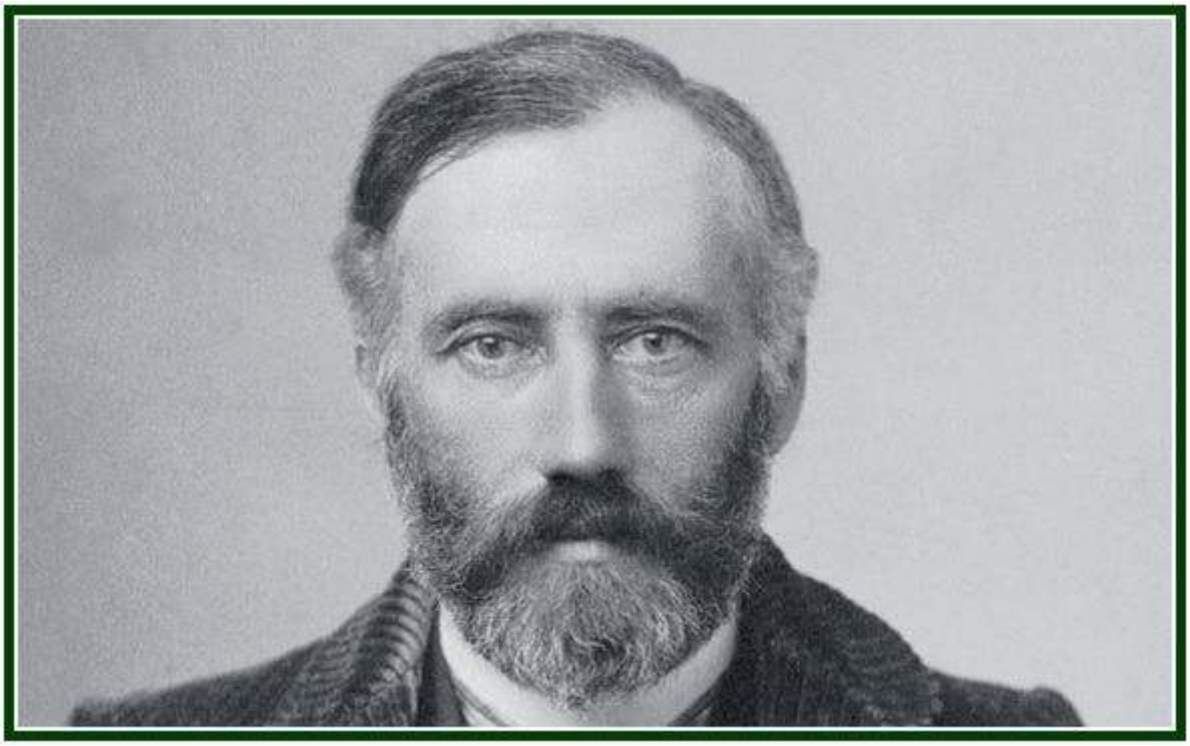
O Oceano da Teosofia

William Q. Judge



W. Q. Judge (1851-1896)

0000000000000000000000000000000000000000

Nota Editorial de 2016:

Esta é uma tradução da obra
The Ocean of Theosophy, de
William Q. Judge, The Theosophy Co.,
Los Angeles, Califórnia, EUA,1987,
172 pp. Primeira edição, 1893. Na presente
edição, as notas dos tradutores estão marcadas
com "(NT)". As notas que não têm sua autoria
expressamente indicada são de William Judge.

Discípulo de Helena Blavatsky e sujeito a
falhas como todo aprendiz **[1]**, William Judge
foi um dos fundadores do movimento teosófico
em 1875. "O Oceano da Teosofia" não tem
a profundidade nem a exatidão de "A Doutrina
Secreta", obra de H. P. B. em que Judge baseou-se
para escrever. É uma tentativa de popularizar os

conhecimentos básicos de teosofia em uma linguagem simples, de acordo com a compreensão de que Judge era capaz. A leitura de “A Doutrina Secreta” é insubstituível.

(Carlos Cardoso Aveline)

0000000000000000000000000000000000000000000000

CAPÍTULO I

A Teosofia e os Mestres

A Teosofia é um oceano de conhecimento que se estende de um extremo a outro da evolução dos seres sensíveis. Insondável nas suas partes mais profundas, ele exige das mentes mais poderosas o máximo de seu alcance, embora seja suficientemente raso em suas margens para ser entendido por uma criança. A Teosofia é a sabedoria sobre Deus, para aqueles que acreditam que ele está em tudo e em todas as coisas, e é sabedoria sobre a natureza, para o homem que aceita a afirmação encontrada na Bíblia Cristã de que Deus não pode ser medido ou descoberto, e que a escuridão cerca sua tenda. Embora contenha por derivação o nome Deus, e pareça a princípio abarcar apenas a religião, a Teosofia não nega a ciência, pois é a ciência das ciências e por conseguinte foi chamada de sabedoria das religiões. Porque nenhuma ciência é completa se deixar de fora qualquer aspecto da natureza, seja ele visível ou invisível; e a religião que se baseia apenas em uma revelação, deixando de lado as coisas e as leis que as governam, não é mais do que uma ilusão, um inimigo do progresso, um obstáculo no caminho do homem, em seu avanço rumo à felicidade. Englobando tanto o científico como o religioso, a Teosofia é uma religião científica e uma ciência religiosa.

Não é uma crença ou um dogma formulado ou inventado pelo homem, mas é o conhecimento das leis que governam a evolução dos fatores físicos, astrais, psíquicos e intelectuais na natureza e no ser humano. A religião de hoje é apenas uma série de dogmas fabricados pelo homem, sem nenhuma fundamentação científica para a ética que divulga; enquanto nossa ciência ainda ignora o invisível e não admite a existência de um conjunto completo de faculdades perceptivas internas no homem, ficando apartada do campo de experiência imenso e real que existe dentro do mundo visível e tangível. Mas a Teosofia sabe que o todo é constituído do visível e do invisível, e ao perceber que as coisas e objetos externos são transitórios, compreende os fatos da natureza, tanto interna quanto externa. Ela é, portanto, completa em si mesma e não vê mistério insolúvel em lugar algum; ela risca a palavra “coincidência” de seu vocabulário e saúda o reinado da lei em tudo e em todas as circunstâncias.

É crença comum à humanidade que o homem possui uma alma imortal. A isso, a Teosofia acrescenta que ele é uma alma, e posteriormente, que toda a natureza é sensível, que o vasto conjunto de objetos e homens não é um mero ajuntamento de átomos arranjados ao acaso e por isso sem leis que produzam as leis; mas que desde o menor dos átomos, tudo é alma e espírito sempre evoluindo sob o domínio da lei que é inerente ao todo. A Teosofia diz, tal como ensinaram os antigos, que o curso da evolução é o drama da alma e que a natureza não existe para outro

propósito que não seja a experiência da alma. Os teosofistas concordam com o professor Huxley **[2]** na afirmação de que deve haver seres no universo cuja inteligência está muito além da nossa, tanto quanto a nossa excede aquela do besouro preto, e que tais seres têm um papel ativo no governo da ordem natural das coisas. O teosofista acrescenta – avançando um pouco mais sob a luz da confiança que deposita em seus professores – que tais inteligências foram humanas em determinada época e vieram, como todos nós, de mundos anteriores ao nosso, onde ganharam uma experiência tão variada como a que é possível adquirir neste mundo. De tal forma que não aparecemos pela primeira vez quando chegamos a esse mundo, mas temos seguido um longo e incomensurável percurso de atividade e percepção inteligente em outros sistemas de globos, alguns dos quais foram destruídos eras antes que o sistema solar se condensasse. Essa extensão imensa do sistema evolutivo significa então que esse planeta, no qual estamos agora, é o resultado da atividade e evolução de alguns outros que morreram há muito tempo, deixando sua energia para ser usada no processo de formação da terra; e que os habitantes desta terra vieram por seu turno de algum outro mundo antigo, para prosseguir aqui o trabalho destinado na matéria. E os planetas mais brilhantes, como Vênus, são moradas de entidades ainda mais evoluídas, que já foram tão pequenas como nós, mas que agora alcançaram um grau de glória incompreensível para os nossos intelectos.

O ser mais inteligente do universo, o homem, nunca esteve, portanto, sem um amigo mas tem uma linhagem de irmãos mais velhos que continuamente supervisionam o progresso dos menos evoluídos, preservam o conhecimento ganho através de éons de testes e experiências, e continuamente procuram oportunidades de fazer com que a inteligência em desenvolvimento da raça, nesse ou noutros globos, examine as grandes verdades que dizem respeito ao destino da alma. Esses irmãos mais velhos também conservam o conhecimento que ganharam sobre as leis da natureza em todos os departamentos, e estão prontos a usá-lo para o benefício da humanidade quando as leis cíclicas o permitem. Eles sempre existiram, como uma coletividade, todos conhecendo um ao outro, não importa em que parte do mundo, todos trabalhando para a raça de muitas maneiras diferentes. Em alguns períodos eles são bem conhecidos pelo povo e circulam entre as pessoas comuns sempre que a organização social, a virtude e o desenvolvimento das nações o permitem. Porque se eles viessem abertamente ao público e fossem conhecidos em todos os lugares, seriam adorados como deuses por uns e caçados como demônios por outros. Naqueles períodos em que eles realmente se exteriorizam, alguns são governantes dos homens, alguns professores, alguns grandes filósofos, enquanto outros permanecem ainda desconhecidos, exceto para os mais avançados na coletividade.

Para a finalidade que eles têm em vista, seria contraproducente que atuassem publicamente na atual civilização, que é quase totalmente baseada em dinheiro, fama, glória e personalidade. Pois essa época, como um deles já disse, “é a era da transição”, quando todo sistema de pensamento, religião, governo e sociedade está mudando e as mentes dos homens estão apenas se preparando para atingir um estado que permitirá à raça avançar até o ponto adequado para que esses irmãos mais velhos se apresentem de fato à nossa vista. Eles podem ser, verdadeiramente, chamados de portadores da tocha da verdade através dos tempos; eles investigam todas as coisas e seres, eles sabem o que cada homem é em sua natureza mais recôndita e quais seus poderes e destino, seu estado antes do nascimento e os estados para os quais vai após a morte de seu corpo. Eles acompanharam o nascimento das nações e viram as realizações dos antigos, assistiram tristemente o declínio daqueles que não tinham poder para resistir à lei cíclica da ascensão e queda, e embora cataclismos parecessem mostrar uma destruição universal da arte, da arquitetura, da religião e da filosofia, eles preservavam os registros de tudo em lugares a salvo dos ataques dos homens ou do tempo. Eles fizeram observações minuciosas, através de clarividentes treinados dentro de sua própria ordem, a respeito dos aspectos invisíveis da natureza e da mente, gravando as observações e mantendo os registros. Eles dominaram os mistérios do som e da cor, necessários para possibilitar a comunicação com os seres elementais que estão por trás do véu da matéria; e desta

forma são capazes de dizer por que chove e para quê é a chuva, se a terra é oca ou não, o que faz o vento soprar e a luz brilhar e, o maior feito de todos – que implica o conhecimento dos fundamentos da natureza – eles sabem quais são as divisões básicas do tempo e qual é o significado e a duração dos ciclos.

Mas, pergunta-se o homem moderno do século XIX, que lê os jornais e acredita no "progresso moderno", se esses irmãos mais velhos são tudo o que você diz serem, porque não deixaram nenhuma marca na história nem reuniram homens ao seu redor? A resposta dada por eles próprios, publicada há algum tempo pelo sr. A. P. Sinnett, é melhor do que qualquer coisa que eu pudesse escrever:

"Nós falaremos primeiro, se você permite, do presumido fracasso da 'Fraternidade' em deixar qualquer marca sobre a história do mundo. Eles deveriam, você pensa, ser capazes, com seus talentos extraordinários, de reunir em suas escolas uma porção considerável das mentes mais iluminadas de cada raça. Como você sabe que eles não deixaram nenhuma marca? Você está informado de seus esforços, sucessos e fracassos? Tem alguma base sobre a qual acusá-los? Como poderia o seu mundo reunir provas das realizações de homens que mantiveram cuidadosamente fechada qualquer possível porta pela qual chegassem a eles os curiosos para espioná-los? A condição básica para o seu sucesso era que eles não deveriam ser jamais supervisionados ou obstruídos. O que eles fizeram, eles sabem; tudo o que aqueles situados fora de seu círculo puderam perceber foram os resultados, cujas causas permaneceram veladas à visão. Para explicar esses resultados, muitos inventaram, em diferentes eras, teorias sobre a interposição dos deuses, providências especiais, destino, a influência benigna ou maligna das estrelas. Nunca houve um tempo, dentro ou fora do assim chamado período histórico, quando nossos predecessores não estivessem moldando eventos e 'fazendo história', cujos fatos foram mais tarde invariavelmente distorcidos por historiadores para agradar os preconceitos de cada época. Você tem certeza de que as figuras heroicas visíveis nos sucessivos dramas não foram frequentemente seus fantoches? Nós nunca tivemos a pretensão de poder arrastar a massa das nações para essa ou aquela crise, à revelia da tendência geral das relações cósmicas do mundo. Os ciclos devem percorrer as suas rondas. Períodos de luz e sombra mental e moral sucedem uns aos outros, assim como a noite segue o dia. Os yugas **[3]** maiores ou menores devem ser cumpridos, de acordo com a ordem estabelecida das coisas. E nós, nascidos ao longo da poderosa maré, podemos apenas modificar e direcionar algumas de suas tendências menores." **[4]**

É obedecendo à lei dos ciclos, durante um período escuro na história da mente, que a filosofia verdadeira desaparece por um tempo; porém a mesma lei causa o seu reaparecimento, de maneira tão certa como o nascimento do sol que a mente humana presencia a cada dia. Mas alguns trabalhos só podem ser feitos pelo Mestre, enquanto outros requerem a assistência de colaboradores. É trabalho do Mestre preservar a verdadeira filosofia, mas a ajuda de companheiros é necessária para redescobri-la e divulgá-la. Uma vez mais, os irmãos mais velhos indicam onde a verdade – a Teosofia – pode ser encontrada; e os colaboradores pelo mundo inteiro estão engajados em trazê-la à tona, para maior aceitação e propagação.

Os Irmãos Mais Velhos da Humanidade são homens que se aperfeiçoaram em períodos anteriores da evolução. Esses períodos de manifestação são desconhecidos pelos evolucionistas modernos no tocante a números e datas, embora tempos atrás tenham sido reconhecidos não apenas pelos antigos Hindus, mas também por aqueles grandes homens e mentes que instituíram e conduziram a primeira e incontaminada forma dos Mistérios da Grécia. Os períodos em que os universos visíveis surgem do Grande Desconhecido são eternos no seu ir e vir, e se alternam com iguais períodos de silêncio e repouso no Desconhecido. O objetivo dessas ondas poderosas é a produção do homem perfeito, a evolução da alma, e elas sempre testemunham o aumento do número de Irmãos Mais

Velhos. A vida do menor dos homens reflete tais ondas na noite e no dia, no adormecer e no despertar, no nascimento e na morte, “pois esses dois, luz e sombra, dia e noite, são os modos eternos do mundo.” **[5]**

Em cada era e na história completa de cada povo, esses homens de poder e compaixão recebem diferentes designações. Já foram chamados de Iniciados, Adeptos, Magos, Hierofantes, Reis do Oriente, Homens Sábios, Irmãos e de muitas outras maneiras. Mas na língua sânscrita há uma palavra que , aplicada a eles, os identifica completamente com a humanidade. Tal palavra é Mahatma. Ela é composta de *Maha*, grande, e *Atma*, alma; de modo que significa grande alma, e já que todos os homens são almas, a diferença de um Mahatma está na sua grandeza. O termo Mahatma tornou-se amplamente utilizado pela Sociedade Teosófica, já que a sra. H. P. Blavatsky se referia a eles constantemente como seus Mestres, que deram a ela o conhecimento que possuía. Eles foram inicialmente conhecidos apenas como Irmãos, mas depois, quando muitos Hindus aderiram ao movimento teosófico, o nome Mahatma foi colocado em uso, ainda mais que ele traz consigo um corpo imenso da tradição e literatura hindus. Em diferentes ocasiões, inimigos inescrupulosos da Sociedade Teosófica disseram que até esse nome tinha sido inventado e que tais seres não eram conhecidos pelos indianos ou em sua literatura. Mas essas afirmações são feitas apenas para desacreditar, dentro do possível, um movimento filosófico que ameaça perturbar completamente os dogmas teológicos errados hoje dominantes. Pois por toda a literatura Hindu as referências aos Mahatmas são frequentes e em partes do norte daquele país o termo é comum. No antigo poema *Bhagavad-Gita*, reverenciado por todas as seitas hindus e reconhecido por críticos ocidentais como nobre e belo, há um verso, “Um tal Mahatma é difícil de encontrar.” **[6]**

Mas apesar de todas as disputas em relação a nomes específicos, há suficientes argumentos e provas para mostrar que uma coletividade de homens que possuem o conhecimento maravilhoso descrito acima sempre existiu e provavelmente existe hoje. Os antigos mistérios se referem continuamente a eles. O Egito Antigo os tinha nos seus grandes Reis-Iniciados, filhos do sol e amigos dos grandes deuses. Há um costume de se depreciar as ideias dos antigos, o que por si só deprecia as pessoas de hoje. Mesmo os cristãos, que reverentemente falam de Abraão como o “amigo de Deus”, rirão com desprezo da ideia dos governantes egípcios reivindicarem a mesma amizade, como se fosse uma pretensão infantil à dignidade e ao título. Mas a verdade é que esses grandes egípcios eram Iniciados, membros da grande loja que inclui todos os outros, de qualquer grau ou função. Os egípcios mais recentes e decadentes, é claro, devem ter imitado seus predecessores, mas isso ocorreu quando a doutrina verdadeira mais uma vez começava a ser obscurecida pelo surgimento dos sacerdotes e dos dogmas.

A história de Apolônio de Tiana é sobre um membro de uma dessas mesmas ordens antigas que aparece em um ciclo de descenso, apenas com o propósito de manter um testemunho em cena para as futuras gerações.

Abraão e Moisés dos judeus são outros Iniciados, Adeptos que tiveram um trabalho a fazer com um determinado povo. Na história de Abraão encontramos Melquisedeque, que estava tão mais adiantado que Abraão que tinha o poder de conferir a este uma dignidade, um poder, ou uma bênção. O mesmo capítulo da história humana que contém os nomes de Moisés e Abraão é iluminado também por Salomão. Assim, esses três compõem uma grande Tríade de Adeptos, e o registro das suas ações não pode ser posto de lado como tolice ou como destituído de sentido.

Moisés foi educado pelos egípcios e em Madiã **[7]**; de ambos recebeu muito conhecimento oculto e qualquer estudante atento da Maçonaria Universal pode perceber em todos os seus livros a mão, o plano e o trabalho de um mestre. Abraão, também, sabia todas as artes e muitos poderes psíquicos que eram cultivados em seu tempo, pois de outro modo não poderia ter se relacionado com reis nem ter sido o “amigo de Deus”. A referência às suas conversas com o Todo-poderoso a

respeito da destruição das cidades basta para mostrar que ele foi um Adepto que há muito havia ultrapassado a necessidade de cerimoniais e outros auxílios externos. Salomão completa essa tríade e seu nome se destaca com letras de fogo. Há em torno dele uma quantidade tal de lendas e histórias sobre sua manipulação de forças elementais e sobre seus dons mágicos que se poderia dizer que o mundo antigo é uma assembleia de tolos que inventavam mentiras para se distrair, caso seja negado que ele foi uma grande personalidade, um exemplo maravilhoso da encarnação de um poderoso Adepto entre os homens. Não temos que aceitar o nome Salomão nem seu pretenso reinado sobre os judeus, mas devemos admitir o fato de que em algum lugar na névoa do tempo a que os registros judaicos se referem existiu e viveu entre o povo da terra alguém que foi um Adepto, e que recebeu aquele nome tempos depois. Os peripatéticos e os críticos microscópicos podem fingir que veem no predomínio da tradição universal apenas evidências da credulidade dos homens e de sua capacidade de imitar; mas o verdadeiro estudante da vida e da natureza humana sabe que a tradição universal é verdadeira, e surge dos fatos na história do homem.

Voltando-nos para a Índia, tanto tempo esquecida e ignorada pelo Ocidente ganancioso e egoísta, beligerante e comercial, vamos encontrá-la repleta de histórias sobre esses homens maravilhosos, dos quais Noé, Abraão, Moisés e Salomão são apenas exemplos. Lá as pessoas são inclinadas, pelo temperamento e pelo clima, a preservarem as joias físicas, filosóficas e éticas que para nós estariam perdidas para sempre, caso tivessem sido deixadas à rapinagem dos godos e vândalos, quando as nações ocidentais estavam nos primórdios de sua luta por educação e civilização. Se os homens que brutalmente queimaram a vasta quantidade de tesouros históricos e etnológicos encontrados pelos enviados dos regentes católicos espanhóis nas Américas do Sul e Central pudessem ter sabido e colocado suas mãos sobre os manuscritos em folha de palmeira e livros da Índia, antes que o escudo protetor da Inglaterra se erguesse contra eles, teriam destruído todos eles, assim como fizeram com os americanos, e como seus predecessores tentaram fazer com a biblioteca alexandrina. Felizmente, os fatos ocorreram de outra forma.

Ao longo de toda a literatura indiana podemos encontrar nomes de vasta quantidade de grandes adeptos que foram bem conhecidos pelo povo e que ensinaram todos a mesma história – o grande épico da alma humana. Seus nomes não são familiares aos ouvidos ocidentais, mas permanecem os registros de seus pensamentos, trabalhos e poderes. Ainda mais, no calmo e imperturbável Oriente existe hoje, às centenas, pessoas que sabem por conhecimento próprio que a Grande Loja ainda existe e tem seus Mahatmas, Adeptos, Iniciados, Irmãos. E além disso, naquela terra há um número tal de peritos na aplicação prática de poderes menores mas ainda impressionantes sobre a natureza e suas forças, que nós possuímos uma massa irresistível de evidências humanas para comprovar a proposição apresentada.

E se a Teosofia – o ensinamento dessa Grande Loja – é como foi dito tanto científica quanto religiosa, então do ponto de vista ético nós temos ainda mais provas. Buda, Confúcio e Jesus são uma poderosa Tríade agindo pela ética e através dela. O primeiro, Hindu, funda uma religião que hoje abarca mais pessoas do que a cristandade, ensinando séculos antes de Jesus a ética que Jesus ensinou, e que já havia sido anunciada também séculos antes de Buda. Jesus, vindo para melhorar seu povo, repete essa ética antiga, e Confúcio faz o mesmo na China antiga e venerável.

Os teosofistas dizem que esses grandes nomes representam membros de uma única irmandade, e que todos têm uma única doutrina. E os personagens extraordinários que vez ou outra aparecem na civilização ocidental, como Saint- Germain, Jacob Boheme, Cagliostro, Paracelso, Mesmer, Conde de Saint-Martin, e a sra. H. P. Blavatsky são agentes que desenvolvem o trabalho da Grande Loja no seu tempo próprio. É verdade que eles são geralmente aviltados e classificados como impostores – embora ninguém consiga descobrir porque, já que eles geralmente conferem benefícios e apresentam proposições ou fazem descobertas que adquirem grande valor para a ciência depois de sua morte. Mas mesmo Jesus seria chamado de impostor hoje, se ele aparecesse

em alguma igreja teatral da Quinta avenida, desmascarando os falsos cristãos. Paracelso foi o criador de métodos e tratamentos valiosos na medicina, agora usados universalmente. Mesmer ensinou hipnotismo sob um outro nome. A sra. Blavatsky chamou mais uma vez a atenção do Ocidente para o sistema descritivo mais importante a respeito do homem, sua natureza e destino, um sistema há muito conhecido pela Loja. Mas todos são igualmente chamados de impostores por um povo que não tem nenhuma filosofia própria, e cujas classes mendicantes e criminosas excedem em número e miséria qualquer civilização da terra.

É possível que quase todos os leitores ocidentais se perguntem como seres humanos poderiam ter tanto conhecimento e poder sobre a operação das leis naturais como tenho atribuído aos Iniciados, agora tão comumente chamados de Mahatmas. Na Índia, China e outras terras orientais nenhum espanto surgiria nas mentes, porque lá, embora tudo o que diz respeito à civilização material esteja agora em uma condição de atraso, nunca se perdeu a crença na natureza interna do homem e no poder que ele pode exercer se assim o quiser. Consequentemente, os exemplos vivos de tais poderes e capacidades não estiveram ausentes em tais povos. Mas no Ocidente, uma civilização materialista que surgiu através da negação da vida da alma e da natureza, como reação a um dogmatismo ilógico, não tem havido nenhuma investigação desses assuntos e, até recentemente, o público em geral não acreditava na possibilidade de ninguém, exceto um suposto Deus, ter tal poder.

Um Mahatma dotado de poderes sobre o espaço, tempo, mente e matéria é uma possibilidade apenas porque ele é um homem aperfeiçoado. Todo ser humano tem o germe dos poderes atribuídos a esses grandes Iniciados. A diferença está apenas no fato que nós em geral não desenvolvemos o que possuímos como germe, enquanto o Mahatma passou por um treinamento e uma experiência que provocaram nele o desenvolvimento de poderes humanos ocultos, conferindo-lhe dons que parecem divinos para seus irmãos que lutam abaixo dele. A telepatia, a leitura da mente e o hipnotismo, todos eles há muito conhecidos da Teosofia, mostram a existência no sujeito humano de planos de consciência, funções e faculdades até aqui nem sonhadas. A leitura da mente e a influência mental à distância sobre um sujeito hipnotizado provam a existência de uma mente que não depende totalmente de um cérebro, e provam que existe um meio através do qual o pensamento influenciador pode se propagar. É graças a essa lei que os Iniciados podem se comunicar entre si, seja qual for a distância que os separa. A explicação racional disso, ainda não admitida pelas escolas de hipnotizadores, é que se as duas mentes vibrarem ou passarem a estar no mesmo estado elas irão pensar juntas; ou, em outras palavras, aquela que deve ouvir à distância recebe a impressão enviada pela outra. O mesmo ocorre com os outros poderes, por mais extraordinários que sejam. Eles são todos naturais, embora não usuais, assim como uma grande habilidade musical é natural porém pouco usual ou comum. Se um Iniciado pode fazer um objeto sólido mover-se sem contato, é porque ele compreende as duas leis da atração e da repulsão; e a palavra "gravitação" é apenas o nome de uma delas. Se ele é capaz de precipitar a partir do ar invisível , o carbono que sabemos nele existir, transformando-o em frases sobre o papel, é através do seu conhecimento da alta química oculta e do uso de uma poderosa e bem-treinada função formadora de imagens, que todo homem possui. Se ele lê pensamentos de outra pessoa com facilidade, isso resulta do uso do poder interno da visão, o único real, que não requer retina alguma para ver a teia finamente desenhada que o cérebro vibrante do homem tece em torno dele próprio. Tudo o que os Mahatmas podem fazer é natural para o homem perfeito; mas se aqueles poderes não são de imediato revelados para nós é porque nossa raça é completamente egoísta na etapa atual e ainda vive para o presente e o que é transitório.

Eu repito então, que embora a doutrina verdadeira desapareça por um tempo do meio dos homens ela está condenada a reaparecer porque, primeiro, ela está impressa no centro imperecível da natureza humana, e, segundo, a Loja sempre a preserva, não apenas nos registros objetivos, mas também nos homens inteligentes e plenamente autoconscientes que, tendo superado com sucesso

os muitos períodos de evolução que precederam aquele em que agora estamos, não podem perder as posses preciosas que adquiriram. Os irmãos mais velhos são o produto mais alto da evolução, e é através deles, e em cooperação com toda a família humana, que a realização regular e eficaz dos planos do Grande Arquiteto do Universo poderá ter continuidade. Por isso, achei melhor referir-me a eles e à Loja Universal, antes de abordar as outras partes do assunto.

NOTAS:

[1] Alguns dos equívocos da presente obra estão indicados na nota 2 do capítulo VI, na nota 1 do capítulo IX, nas notas 2 e 3 do capítulo X, na nota 9 do capítulo XIV, e na Introdução ao Capítulo XV. (C.C. Aveline)

[2] *Essays on Some Controverted Questions*. London, 1891.

[3] Yugas (sânscrito). Eras. (NT)

[4] *The Occult World*. Londres, 1881.

[5] *Bhagava-Gita,* Capítulo VIII.

[6] *Bhagava-Gita,* Capítulo VII.

[7] Madiã - uma das tribos nômades com que os israelitas se relacionavam nas primeiras fases da sua história. (NT)

000

CAPÍTULO II

Princípios Gerais

Os ensinamentos da Teosofia lidam no momento atual prioritariamente com a nossa Terra, embora seu campo de visão se estenda a todos os mundos, já que nenhuma parte do universo manifestado se encontra fora da área de ação do corpo único de leis que atuam sobre nós.

Pertencendo ao sistema solar, nosso globo certamente está conectado a Vênus, Júpiter e outros planetas; mas como a grande família humana tem que permanecer com o seu veículo material – a Terra – até que todas as unidades da raça que estão prontas sejam aperfeiçoadas **[1]**, a evolução dessa família é da maior importância para os seus membros. Algumas particularidades a respeito de outros planetas serão dadas mais tarde. Primeiro, veremos em linhas gerais as leis que governam todos eles.

O universo evolui de algo desconhecido que nenhum homem ou consciência, por mais elevada que seja, pode investigar. Ele evolui em sete planos, ou em sete modos e métodos, em todos os mundos, e essa diferenciação sétupla faz com que todos os mundos do universo, e por conseguinte todos os seus seres, tenham uma constituição setenária. Como foi ensinado antigamente, os

pequenos e grandes mundos são cópias do todo, e tanto o inseto mais diminuto como o ser mais desenvolvido são réplicas, em pequena ou grande escala, do vasto original que tudo abrange. Daí veio a máxima "assim em cima como embaixo", que os filósofos herméticos usavam.

As divisões do universo setenário podem ser descritas de maneira rudimentar como: o Absoluto, o Espírito, a Mente, a Matéria, a Vontade, o Akasha ou Éter e a Vida. Em lugar de "Absoluto", podemos usar a palavra "Espaço". Porque o Espaço é aquilo que sempre é, e é nele que toda manifestação deve acontecer. O termo Akasha, vindo do sânscrito, é utilizado no lugar de Éter porque as línguas ocidentais não desenvolveram ainda uma palavra apropriada para designar aquele tênue estado da matéria que tem sido chamado algumas vezes de Éter pelos cientistas modernos. Quanto ao Absoluto, nada podemos fazer além de dizer ELE É. Nenhum dos grandes professores da Escola atribui qualidades ao Absoluto, embora todas as qualidades existam Nele. Nosso conhecimento começa com a diferenciação, e todos os objetos, energias ou seres manifestados são apenas diferenciações do Grande Desconhecido. O máximo que pode ser dito é que o Absoluto periodicamente se diferencia, e periodicamente recolhe de novo o diferenciado para dentro de si.

A primeira diferenciação – falando metafisicamente em relação ao tempo – é o Espírito, com o qual aparecem a Matéria e a Mente. O Akasha é produzido a partir da Matéria e do Espírito. A Vontade é a força do Espírito em ação e a Vida é a resultante da ação do Akasha, movimentado pelo Espírito, sobre a Matéria.

Mas a Matéria mencionada aqui não é aquela vulgarmente conhecida como tal. É a Matéria real, que é sempre invisível e chamada algumas vezes de Matéria Primordial. No sistema Bramânico, é denominada Mulaprakriti. O ensinamento antigo sempre sustentou, tal como a Ciência de hoje reconhece, que nós vemos ou percebemos apenas os fenômenos mas não a natureza, o corpo ou o ser essencial da matéria.

A Mente é a parte inteligente do Cosmos, e no conjunto das sete diferenciações esquematicamente esboçadas acima, a Mente é aquele nível no qual o plano do Cosmos é fixado ou guardado. Esse plano é trazido de um período anterior de manifestação, que contribuiu para seu aperfeiçoamento sempre crescente, e nenhum limite pode ser fixado às possibilidades evolutivas do aperfeiçoamento cósmico. Porque nunca houve um começo para as manifestações periódicas do Absoluto, e nunca haverá um fim, mas o sair e o retornar ao Desconhecido continuarão.

Onde quer que um mundo ou sistema de mundos esteja evoluindo, lá o plano foi traçado na mente universal; a força original vem do espírito, a base é a matéria – que é de fato invisível –; a Vida sustenta todas as formas que requerem vida, e o Akasha é o elo de ligação entre a matéria de um lado, e o espírito-mente, do outro.

Quando um mundo ou um sistema chega ao fim de certos grandes ciclos, os homens registram um cataclismo na sua história ou tradição. Essas tradições são numerosas; entre os Judeus com seu dilúvio, entre os Babilônios com as suas inundações, nos papiros egípcios e na cosmologia Hindu; e nenhuma delas é meramente confirmatória da pequena tradição judaica, mas todas apontam para os ensinamentos primordiais e também para as vagas recordações das periódicas destruições e renovações. A história hebraica não é mais do que um pequeno fragmento arrancado do Templo da Verdade. Assim como há cataclismos periódicos menores ou destruições parciais, assim também, sustenta a doutrina, há a evolução e a involução universal. Eternamente o Grande Sopro sai e retorna novamente. Quando ele se dirige para fora, objetos, mundos e seres humanos aparecem; à medida que ele se recolhe, tudo desaparece na sua fonte original.

Esse é o despertar e o adormecer do Grande Ser; o Dia e a Noite de Brahma; o protótipo de nossos dias acordados e de nossas noites de sono como seres humanos, de nossa saída de cena ao final de uma pequena vida humana, e de nosso retorno, para novamente retomar o trabalho inacabado em uma outra vida, em um novo dia.

A verdadeira idade do mundo há muito tem sido cercada de dúvidas pelos investigadores ocidentais, que têm até o momento demonstrado uma forte resistência a colher informações dos registros dos povos orientais, muito mais antigos do que o Ocidente. Ainda assim, é com os orientais que está a verdade nesse assunto. Admite-se que a civilização egípcia floresceu muitos séculos atrás, e como na atualidade não há mais escolas egípcias de ensinamento antigo que possam ofender o orgulho moderno, e talvez porque os judeus "tenham vindo do Egito" para vincular o progresso moderno à mal compreendida tradição mosaica, as inscrições gravadas em pedra e os escritos em papiros obtêm hoje um pouco mais de crédito do que o pensamento e os registros vivos dos hindus. Porque estes ainda vivem entre nós, e não se poderia admitir que uma raça pobre e dominada **[2]** possua um conhecimento a respeito da idade do homem e do seu mundo, a respeito do qual a fina flor da cultura, da guerra e dominação ocidentais nada sabe. Desde que os ignorantes teólogos e monges da Ásia Menor e da Europa conseguiram impor o relato mosaico da gênese da Terra e do homem à evolução ocidental nascente, até os mais ilustrados de nossos homens de ciência têm demonstrado medo de questionar os anos que se passaram desde Adão, ou têm distorcido o pensamento e a percepção toda vez que seus olhos se voltam para qualquer cronologia diferente daquela das poucas tribos dos filhos de Jacó. Mesmo a nobre, antiga e silenciosa pirâmide de Gizé, vigiada pela Esfinge e Memnon feitos de pedra, tem sido degradada por Piazzi Smyth e outros e transformada em uma prova de que a polegada britânica deve prevalecer como unidade de medida, e que um "Domingo Continental" contesta a lei do Altíssimo. Mesmo assim, no relato mosaico, onde se poderia esperar encontrar referência a alguma prova como a pirâmide, não descobrimos sequer uma pista; apenas o registro da construção, pelo Rei Salomão, de um templo do qual nunca se encontrou um traço.

Mas o teosofista sabe por que a tradição hebraica tornou-se aparentemente um empecilho para a mente Ocidental. Ele conhece a conexão entre judeus e egípcios, o que é, e o que virá a ser, a ressurreição dos antigos construtores de pirâmides do vale do Nilo, e onde os planos daqueles antigos mestres pedreiros construtores foram escondidos dos olhares profanos, até que o ciclo passasse e novamente eles pudessem aparecer. Os judeus preservaram apenas uma parte do ensinamento do Egito, escondido nas palavras do livro de Moisés, e ele ainda permanece lá até hoje, no que se chama de significado cabalístico ou oculto das escrituras. Mas as almas egípcias que ajudaram a planejar a pirâmide de Gizé, que participaram do governo, da teologia, da ciência e da civilização egípcias, abandonaram a sua antiga raça; esta feneceu e os antigos egípcios retomaram seu trabalho nas raças emergentes do Ocidente, especialmente naquelas que agora estão repovoando os continentes americanos. Quando o Egito e a Índia eram mais jovens havia um constante intercâmbio entre eles. Ambos, na opinião do teosofista, pensavam igual, mas o destino quis que dos dois, apenas os hindus preservassem as antigas ideias entre os seres vivos. Desta forma, daqui para a frente tomarei dos registros Bramânicos do Hindustão a doutrina sobre os dias, noites e anos de vida de Brahma, que representa o universo e seus mundos.

A doutrina começa derrubando a interpretação feita desde há muito tempo da tradição mosaica, mas concorda plenamente com o relato, evidente no Gênesis, a respeito de outras "criações" anteriores; aceita a explicação cabalística dos versículos do Antigo Testamento sobre os reis de Edom **[3]**, que ali representam períodos de evolução anteriores ao período iniciado com Adão. A doutrina concorda com a crença sustentada por alguns dos antigos Padres Cristãos, que falavam aos seus confrades sobre maravilhosos mundos e criações anteriores.

Diz-se que um dia de Brahma dura mil anos, e que sua Noite tem essa mesma duração. Na Bíblia cristã há um versículo dizendo que para o Senhor um dia é como mil anos, e que mil anos são como um dia. Isso tem sido comumente utilizado para engrandecer o poder de Jeová, mas tem uma sugestiva semelhança com a antiga doutrina da duração do dia e da noite de Brahma. Teria mais valor se fosse interpretado como uma afirmação sobre o surgimento periódico de grandes noites e dias de igual duração, no universo de mundos manifestados.

Um dia dos mortais é calculado pelo sol, e não tem mais do que doze horas de duração. Em Mercúrio o dia seria diferente, e em Saturno ou Urano, mais ainda. Mas um dia de Brahma é constituído do que se chama Manvantaras – ou períodos entre dois homens **[4]**. São catorze manvantaras no total. Estes incluem quatro bilhões, trezentos e vinte milhões de anos mortais ou terrestres, que constituem um dia de Brahma.

Quando esse dia começa, a evolução cósmica, no que toca a este sistema solar, começa e passa de um a dois bilhões de anos evoluindo dentro da matéria etérea primordial, antes que os reinos astrais mineral, vegetal, animal e humano tornem-se possíveis. Esse segundo passo demora cerca de trezentos milhões de anos, e então, os processos materiais avançam ainda mais para que ocorra a produção dos reinos tangíveis da natureza, incluindo o homem. Isso cobre um e meio bilhão de anos. E o número de anos solares incluídos no "atual" período humano é maior do que dezoito milhões de anos.

Isso é exatamente o que Herbert Spencer chama de aparecimento gradual do conhecido e heterogêneo, a partir do desconhecido e do homogêneo. Pois os antigos teosofistas egípcios e hindus nunca admitiram uma criação vinda do nada, mas sempre insistiram com vigor na evolução, em etapas graduais, do heterogêneo e do diferenciado a partir do homogêneo e do indiferenciado. Nenhuma mente pode compreender o absoluto infinito e desconhecido, que é, não tem nem começo nem terá fim; que tanto é primeiro como último, porque, tanto diferenciado como recolhido dentro de si mesmo, ele sempre é. Esse é o Deus, citado na bíblia cristã, como aquele cuja tenda é cercada pela escuridão.

Essa cronologia cósmica e humana dos hindus é motivo de riso entre os orientalistas do Ocidente, embora eles não possam fornecer nada melhor em troca e estejam constantemente em desacordo uns com os outros, a respeito do mesmo assunto. Na tradução feita por Wilson do "Vishnu Purana", ele chama tudo isso de ficção baseada em nada e de bravatas infantis. Mas os Maçons, que permanecem quietos até aqui, deveriam saber melhor. Na história da construção do Templo de Salomão com material heterogêneo trazido de todos os cantos do mundo – uma construção feita sem que o barulho de uma ferramenta fosse ouvido – eles poderiam reconhecer a confirmação das ideias de seus irmãos egípcios e hindus. Porque o Templo de Salomão significa o homem, cuja estrutura é construída, finalizada e decorada sem o menor barulho. Mas os materiais tiveram que ser encontrados, reunidos e modelados em outros e distantes lugares. Eles estão nos períodos descritos acima, muito silenciosos e muito distantes. O homem não poderia ter seu templo vivo para ser habitado até que toda a matéria, ao redor e dentro do seu mundo, tivesse sido encontrada pelo Mestre, que é o homem interno. Quando encontrada, os planos para trabalhá-la tiveram que ser detalhados. Depois tiveram que ser executados em suas diferentes particularidades até que todas as partes estivessem perfeitamente prontas e ajustadas para serem colocadas na estrutura final. Assim, no vasto período de tempo que começou depois que a matéria quase intangível foi reunida e misturada, os reinos vegetal e material tomaram posse de sua Terra aqui com o Mestre – o homem – que foi ocultado do alcance da visão e levou adiante os planos para a fundação do templo humano. Tudo isso requer muitas e muitas eras, pois sabemos que a natureza não dá saltos. Quando o trabalho mais grosseiro estava completo, quando o templo humano estava erguido, muitas outras eras foram necessárias para que todos os servos, sacerdotes e conselheiros

aprendessem adequadamente seus papéis, de forma que o homem, o Mestre, pudesse utilizar o templo para seus melhores e mais elevados propósitos.

A doutrina antiga é muito mais nobre do que a da religião cristã ou a da escola puramente científica. A religião tem uma teoria que entra em conflito com a razão e o fato, enquanto a ciência não consegue dar, para os fatos que observa, nenhuma razão que seja de alguma forma nobre ou elevada. Apenas a Teosofia, incluindo todos os sistemas e toda a experiência, guarda a chave, o plano, a doutrina, a verdade.

A idade real do mundo é descrita pela Teosofia como sendo quase incalculável, e a do homem, como hoje é formado, é de mais de dezoito milhões de anos. Aquilo que veio a se transformar em ser humano é de idade ainda muito maior, por que antes que os dois sexos aparecessem a criatura humana era em algumas ocasiões de uma forma , algumas vezes de outra, até que todo o plano fosse plenamente desenvolvido na nossa atual forma, função e capacidade. Encontra-se referência a isso nos antigos livros, escritos para os profanos, onde dizia-se que o homem certa vez havia tido uma forma globular. Isso foi numa época quando as condições favoreciam tal forma e é claro, foi há muito mais tempo do que dezoito milhões de anos. E quando essa forma globular era a regra os sexos, tal como os conhecemos hoje, ainda não tinham se diferenciado, de maneira que havia apenas um sexo, ou se preferirem, não havia sexo algum.

Durante todas essas eras, antes que nosso ser humano viesse a existir, a evolução estava desenvolvendo um trabalho de aperfeiçoamento de vários poderes, que estão agora em nossa posse. Isso foi conseguido pelo eu superior, ou homem real, ao viver experiências em incontáveis contextos materiais, todos diferentes uns dos outros, e o mesmo plano geral era e é seguido, no tocante à evolução geral do universo a que me referi anteriormente. Isto é, os detalhes foram desenvolvidos inicialmente em esferas de matéria muito etérea, metafísica na verdade. Então o passo seguinte fez os mesmos detalhes serem produzidos num plano de matéria um pouco mais denso, até que finalmente pudesse ser executado em nosso plano atual, o qual nós erradamente chamamos de matéria grosseira. Nesses estados anteriores os sentidos existiam em germe, digamos, ou como ideia, até que fosse alcançado o plano astral que é vizinho a este nosso; e então eles foram concentrados de maneira a se tornarem de fato os sentidos atuais, que agora utilizamos através da função dos diferentes órgãos externos. Os órgãos externos da visão, do tato, da audição e do paladar são frequentemente considerados, pelos leigos ou desavisados, como sentidos e órgãos reais; mas aquele que se detém para pensar deve perceber que os sentidos são interiores, e que seus órgãos externos são apenas mediadores entre o universo visível e o real observador interno. E com todos esses vários poderes e potencialidades sendo bem produzidos nesse processo lento mas seguro, finalmente o homem é colocado em cena como um ser setenário, assim como o universo e a própria Terra são setenários.

Cada um dos seus sete princípios é derivado de uma das primeiras sete grandes divisões, e cada um se relaciona a um planeta ou cenário da evolução, e à raça na qual aquela evolução foi desenvolvida. Assim, é importante ter em mente essa primeira diferenciação sétupla, já que esta é a base de tudo o que se segue. Assim como a evolução do universo é setenária, a evolução da humanidade, sétupla na sua constituição, é desenvolvida em uma Terra também setenária. Isso é conhecido na literatura teosófica como a Cadeia Planetária Setenária, e está intimamente conectado com a evolução específica do ser humano.

NOTAS:

[1] Raça – o conceito teosófico de "raça" pouco tem a ver com cor da pele, mas diz respeito, isso sim, às características psicológicas e espirituais dos povos. O conceito foi deturpado no século 20

por ideologias antiteosóficas e baseadas no ódio. A Teosofia parte da premissa de que todos os seres humanos são irmãos entre si, independentemente de cor da pele, casta social, religião preferida, riqueza material ou ideologia política. Nesse parágrafo, William Judge se refere à família ou raça humana em geral, incluindo pessoas de qualquer cor de pele. O aperfeiçoamento de que ele fala é espiritual, emocional e psicológico. Nenhuma raça é superior ou inferior a outra. Representam aspectos diferentes da evolução humana. A humanidade do futuro, que começa a nascer, transcende características físicas, culturais e sociais. (C. C. Aveline)

[2] Quando esse livro foi escrito, a Índia era uma colônia da Inglaterra. (NT)

[3] Gênesis, 36: 31-32. (NT)

[4] Isto é, entre duas humanidades. Mais precisamente, o Manvântara corresponde ao período de "uma humanidade", de um tipo humano, de um período evolucionário que se desenvolve entre uma humanidade anterior e outra humanidade posterior. (NT)

000

CAPÍTULO III

A Cadeia Terrestre

Quanto à nossa Terra, a visão da teosofia a respeito de sua gênese, da sua evolução – e da evolução das mônadas humanas, animais e outras – é bem diferente das ideias modernas, e em alguns pontos contrária às teorias aceitas.

Mas as teorias de hoje não são estáveis. Elas mudam a cada século, enquanto a teosófica nunca se altera, porque na opinião daqueles Irmãos Mais Velhos que provocaram a sua repromulgação e assinalaram sua confirmação pelos livros antigos, ela nada mais é do que uma descrição de fatos da natureza. A teoria moderna é, ao contrário, sempre especulativa, mutável e continuamente alterada.

Seguindo o plano geral delineado nas páginas anteriores, a Terra é setenária. Ela é uma entidade e não um mero amontoado de matéria grosseira. E por ser uma entidade de natureza setenária, deve haver seis outros globos que circulam com este no espaço. Esse grupo de sete globos foi chamado de "Cadeia Terrestre", a "Cadeia Planetária". No livro "O Budismo Esotérico" **[1]** isso é claramente expresso, mas lá é dada uma visão um pouco rígida e inflexível, materialista, e o leitor é levado a crer que a doutrina fala de sete globos distintos, todos independentes, embora conectados uns aos outros. Pode-se chegar à conclusão de que o autor queria dizer que o globo Terra é tão distinto dos outros seis como Vênus é de Marte.

Essa não é a doutrina. A terra é um dos sete globos apenas no que se refere à consciência do homem, porque quando funciona em um dos sete ele o percebe como um globo distinto e não vê os outros seis. Isto está em perfeita correspondência com o homem que tem também seis outros constituintes dos quais apenas o corpo grosseiro lhe é visível, porque está funcionando agora na Terra – ou quarto globo – e seu corpo representa a Terra. Todos os sete "globos" constituem uma única massa ou grande globo, e todos eles se interpenetram um no outro. Temos que dizer "globo"

porque sua forma final é globular ou esférica. Se alguém se prendesse com muito rigor à explicação dada pelo sr. Sinnett, poderia supor que os globos não se interpenetram, mas estão conectados por correntes ou linhas de força magnéticas. E se muita atenção for dada aos diagramas usados em "A Doutrina Secreta" para ilustrar o esquema, sem levar em devida consideração as explicações e avisos dados por H.P.Blavatsky, o mesmo erro pode ser cometido. Mas tanto ela como seus professores Adeptos dizem que os sete globos de nossa cadeia estão em "coadunação um com o outro mas não em consubstanciação." Isso é posteriormente reforçado por avisos para que não se confie em estatísticas ou diagramas, mas para que se olhe o aspecto metafísico e espiritual da teoria, como exposta em linguagem corrente. Assim, da mesma fonte que é a origem do livro do sr. Sinnett **[2]**, nós temos a afirmação de que esses globos estão unidos em uma massa, embora se diferenciem um do outro em substância, e que essa diferença de substância se deve à mudança do centro de consciência.

A Cadeia Terrestre de sete globos, definida dessa maneira, é a reencarnação direta de uma cadeia anterior de sete globos, e essa família precedente de sete foi a cadeia lunar, sendo a própria Lua a representante visível do quarto globo da antiga cadeia. Quando aquela vasta entidade anterior, composta da Lua e de seis outros, todos unidos em uma massa, chegou ao seu limite de vida, ela morreu, exatamente como qualquer ser morre. Cada um dos sete enviou suas energias para o espaço e deu vida ou vibração similar para a poeira cósmica – matéria –; e a força de coesão do conjunto manteve as sete energias juntas. Isso resultou na evolução da atual Cadeia Terrestre de sete centros de energia ou evolução combinados em uma massa. Como a Lua era o quarto da antiga série, ela está no mesmo plano de percepção da Terra; e como nós temos a nossa consciência predominantemente limitada à Terra, nós somos capazes de ver apenas um dos antigos sete: a saber, a Lua. Quando funcionarmos em qualquer um dos outros sete nós vamos perceber em nosso céu o correspondente ao antigo corpo, que será então uma Lua, e não veremos a Lua atual. Vênus, Marte, Mercúrio e outros planetas visíveis são todos globos do quarto plano de diferentes massas planetárias, e por essa razão nos são visíveis, ficando seus seis centros companheiros de energia e consciência invisíveis para nós. Todos os diagramas em superfície plana podem apenas obscurecer a teoria, porque um diagrama necessita divisões lineares.

A corrente ou massa de Egos que evolui nos sete globos de nossa cadeia é limitada em número, embora a real quantidade seja enorme. Pois embora o universo seja ilimitado e infinito, ainda assim em qualquer porção particular do Cosmo na qual a manifestação e a evolução tenham começado, há um limite para a extensão da manifestação e do número de egos empenhados ali. E todas as Mônadas que evoluem atualmente em nossa Cadeia Terrestre vieram dos sete planetas ou globos anteriores que descrevi. O livro "O Budismo Esotérico" chama essa massa de Egos de "onda de vida", significando o fluxo de mônadas. Ela alcançou essa massa planetária, representada em nossa consciência pelo ponto central, a nossa Terra, e começou no Globo A ou número um, avançando como um exército ou como um rio. A primeira porção começou no Globo A, lá passou por uma longa evolução em corpos adequados para tal estado de matéria, e então passou para o Globo B ; e assim por diante, através de todos sete grandes estados de consciência, que são chamados de globos. Quando a primeira porção deixou o Globo A, outras afluíram e seguiram o mesmo curso, com toda a multidão prosseguindo com regularidade ao longo da rota setenária.

Essa jornada ocorreu por quatro vezes ao redor do todo, e então todo o fluxo ou exército de Egos provenientes da antiga Cadeia Lunar chegou, e estando completo, nenhum mais entrou desde a metade da Quarta Ronda. O mesmo processo circular dessas classes chegadas em tempos e condições diferentes prossegue por sete Rondas completas nos sete centros planetários de consciência, e quando os sete terminam, a perfeição máxima possível no imenso período ocupado terá sido atingida; então essa cadeia ou massa de "globos" morrerá por sua vez, para dar lugar ainda a outra série.

Cada um dos globos é usado pela lei evolucionária para o desenvolvimento de sete raças **[3]**, e de sete sentidos, faculdades e poderes apropriados para aquele estado da matéria. A experiência do total de sete globos é necessária para atingir um desenvolvimento perfeito. Portanto temos as Rondas e as Raças. A Ronda é o ato de percorrer os sete centros planetários de consciência ; a Raça é o desenvolvimento racial em um daqueles sete. Há sete raças para cada globo, mas o total de quarenta e nove raças apenas perfaz sete grandes raças. O conjunto de sete raças em cada globo ou centro planetário compõe na realidade uma raça de sete aspectos constituintes ou peculiaridades especiais de função e poder.

E como nenhuma raça completa poderia evoluir de repente em qualquer globo, o processo lento e ordenado da natureza, que não admite saltos, deve se processar pelos meios apropriados. Assim as sub-raças têm que evoluir uma após a outra antes que a raça raiz perfeita esteja formada, e então a raça raiz emite seus ramos enquanto está declinando e preparando-se para o advento da nova grande raça.

Para ilustrar isso, é ensinado claramente que nas Américas deve se desenvolver a nova sexta raça, e aqui todas as raças da terra estão no presente engajadas na formação de um grande amálgama do qual resultará uma sub-raça altamente evoluída, após a qual outras serão desenvolvidas por processos similares até que a nova raça esteja completa.

Entre o fim de qualquer grande raça e o começo de outra há um período de descanso, no que se refere ao globo, por que então o fluxo de Egos humanos o deixa por um outro da cadeia de modo a continuar a evolução ulterior de poderes e faculdades lá. Mas quando a última, a sétima raça tiver aparecido e se aperfeiçoado plenamente, uma grande dissolução acontece, semelhante à dissolução que descrevi brevemente e que precedeu o nascimento da cadeia terrena. Então o mundo desaparece como algo tangível, e no que concerne ao ouvido humano, há silêncio. Essa, diz a tradição, é a origem da crença tão difundida de que o mundo chegará a um final, e que haverá um dia do julgamento, e que tem havido enchentes e incêndios universais.

Quanto à evolução na Terra, afirma-se que o fluxo de mônadas começa a se exercitar primeiro na massa de matéria dentro do que se chamam condições elementais, quando tudo é gasoso ou flamejante. Por que a antiga e verdadeira teoria é que nenhuma evolução é possível sem a Mônada como agente vivificante. No primeiro estágio não há nenhum animal ou vegetal. A seguir vem o mineral, quando a massa inteira endurece e as Mônadas ficam todas aprisionadas dentro. Depois as primeiras Mônadas emergem nas formas vegetais que constroem para si mesmas, mas nenhum animal aparece ainda. A seguir a primeira classe de Mônadas emerge do vegetal e produz o animal, e então o modelo humano, astral e pouco nítido, e nós temos minerais, vegetais, animais e futuros homens, porque a segunda e demais classes ou grupos estão ainda evoluindo em reinos inferiores. Quando a metade da Quarta Ronda é alcançada, já nenhuma Mônada emerge mais para o estado humano, e isso não ocorrerá enquanto uma nova massa planetária **[4]**, reencarnada da nossa, se forme. Esse é todo o processo esboçado em linhas gerais, mas deixando muitos detalhes de fora, pois em uma das rondas o homem aparece antes dos animais. Mas esse detalhe não precisa trazer confusão alguma.

Para dizer de uma outra forma. O plano surge primeiro na mente universal, após o que a base ou modelo astral é feito ; e quando o modelo astral está completo, todo o processo é feito de forma a tornar a matéria mais densa até a metade da Quarta Ronda. Depois disso, no que corresponde ao nosso futuro, toda a massa é espiritualizada com plena consciência, e todo o corpo de globos é elevado a um plano mais alto de desenvolvimento. No processo de densidade crescente referido acima, há uma alteração a respeito do tempo de aparecimento do homem no planeta. Mas a respeito desse detalhe os professores apenas disseram “que na Segunda Ronda o plano varia, mas a variação não será descrita para essa geração.” Assim, é para mim impossível dizê-lo. Mas não há

imprecisão alguma no ponto de que sete grandes raças têm que evoluir aqui nesse planeta, e que um conjunto inteiro de raças tem que percorrer sete vezes a série total de sete globos.

Os seres humanos não apareceram aqui em dois sexos. Os primeiros não tinham sexo. Depois eles se tornaram hermafroditas, e finalmente se separaram em macho e fêmea. E essa separação em macho e fêmea, para os seres humanos, ocorreu há mais de dezoito milhões de anos. Por essa razão é dito, nessas antigas escolas, que a nossa humanidade tem pouco mais de dezoito milhões de anos.

NOTAS:

[1] Edição brasileira: "O Budismo Esotérico", Alfred P. Sinnett, Editora Pensamento, São Paulo, 1993, 164 pp. (NT)

[2] Mesma fonte e origem - isto é, os Mestres ou Raja Iogues que inspiraram a criação do movimento teosófico moderno através de Helena P. Blavatsky. (NT)

[3] Raças - O termo "raça" é usado em teosofia no sentido de "conjunto de características arquetípicas" e nada tem a ver com racismo. A filosofia teosófica tem como seu ponto de partida o princípio da fraternidade universal entre todos os seres humanos, independentemente de raça, credo, sexo, cor, filiação religiosa, ideologia política ou posição social. (NT)

[4] Massa planetária, ou Cadeia planetária. (NT)

000

CAPÍTULO IV

A Constituição Setenária do Homem

Com respeito à natureza do homem, há duas ideias correntes nos círculos religiosos do cristianismo. Uma é o ensinamento, e a outra a aceitação comum deste ensinamento; o primeiro certamente não é segredo, na Igreja, mas ele é abordado tão raramente nos sermões para os leigos que chega a ser quase segredo para as pessoas comuns. Quase todo mundo diz ter uma alma e um corpo, e pára por aí. O que a alma é, e se ela é a pessoa real ou se tem poderes próprios, isso não se pergunta; os pregadores geralmente se restringem à sua salvação ou perdição. E ao falar dela como algo diferente de si mesmas, as pessoas adquiriram uma noção subjacente de que elas não são almas, porque a alma pode ser perdida por elas. Daí veio a tendência ao materialismo, fazendo com que os homens prestassem mais atenção ao corpo do que à alma, a última sendo deixada à suave misericórdia dos sacerdotes católicos romanos, e entre os dissidentes o cuidado com ela fica muito frequentemente adiado até o dia da morte. Mas, quando o verdadeiro ensinamento for conhecido, será visto que o cuidado com a alma, que é o Eu Superior, é uma questão vital que requer atenção todos os dias, não podendo ser adiada sem que prejuízos dolorosos resultem para o homem integral, tanto a alma como o corpo.

O ensinamento Cristão – segundo São Paulo, já que é nele que de fato se apoia o cristianismo dogmático – é que o homem é composto de corpo, alma e espírito. Essa é a constituição tríplice do

homem, na qual os teólogos acreditam, mas que eles mantêm na obscuridade, porque examiná-la poderia resultar na reconsideração de pontos de vista que já foram ortodoxos, mas hoje são heréticos. Porque, ao colocarmos a alma entre o espírito e o corpo, nos aproximamos da necessidade de olhar para a questão da responsabilidade da alma – já que o corpo sozinho não pode ter responsabilidade alguma. E para tornar a alma responsável pelos atos que faz, nós devemos admitir que ela tem poderes e funções. Daqui é fácil chegar à posição que a alma pode ser racional ou irracional, como os gregos pensavam algumas vezes; e assim estaremos a apenas um passo das proposições teosóficas. Esse esquema tríplice da natureza do homem contém, na realidade, o ensinamento teosófico da sua constituição setenária, porque as quatro outras divisões que faltam na categoria podem ser encontradas nos poderes e funções do corpo e da alma, como tentarei mostrar mais adiante. Essa convicção de que o homem é setenário e não apenas uma díade foi sustentada há muito tempo, e era comumente ensinada a cada um, acompanhada por demonstrações; mas assim como outros princípios filosóficos, ela sumiu de vista, porque foi gradualmente retirada no tempo em que a moral da Europa oriental começou a degenerar, e antes que o materialismo ganhasse plena força, na companhia do seu irmão, o ceticismo. Com a sua retirada, foi deixada para o cristianismo a doutrina atual sobre corpo, alma e espírito. As razões para essa ocultação e a sua revitalização foram bem colocadas nesse século 19 pela sra. H.P.Blavatsky em "*A Doutrina Secreta"*. Em resposta à afirmação de que "nós não podemos entender como qualquer perigo poderia ser causado pela revelação de uma doutrina filosófica tão pura como a evolução da cadeia planetária", ela diz:

"O perigo era o seguinte: Doutrinas tais como a da cadeia Planetária, ou das sete raças, de imediato dão a chave para a natureza sétupla do homem, pois cada princípio se correlaciona com um plano, um planeta, e uma raça; e os princípios humanos são, em cada plano, correlacionados às forças sétuplas ocultas – aquelas dos planos mais altos sendo de um poder oculto tremendo, o abuso das quais poderia causar um mal incalculável à humanidade. Uma chave que é, talvez, chave nenhuma para a atual geração – especialmente para os ocidentais – protegida como está por sua própria cegueira e ignorante descrença materialista no oculto; mas uma chave que seria, não obstante, muito real nos primeiros séculos da era cristã, para pessoas plenamente convencidas da realidade do ocultismo e entrando num ciclo de degradação que os tornou propícios para os poderes ocultos e feitiçarias da pior espécie."

O sr. A. P. Sinnett, que durante certo tempo foi um alto funcionário no Governo da Índia **[1]**, foi o primeiro a descrever nesse século a real natureza do homem em seu livro *"O Budismo Esotérico"*, que foi feito de informações levadas a ele por H.P. Blavatsky da Grande Loja de Iniciados à qual já fizemos referência. E ao colocar dessa forma a antiga doutrina para a civilização ocidental ele auferiu um grande benefício para sua geração e ajudou consideravelmente a causa da Teosofia. Sua classificação era:

(1.) O Corpo, ou *Rupa.*
(2.) Vitalidade, ou *Prana-Jiva.*
(3.) Corpo Astral, ou *Linga-Sharira.*
(4.) Alma Animal, ou *Kama-Rupa.*
(5.) Alma Humana, ou *Manas.*
(6.) Alma Espiritual, ou *Buddhi.*
(7.) Espírito, ou *Atma.*

As palavras em itálico são equivalentes, no idioma sânscrito, aos termos em inglês. Essa classificação permanece válida até hoje em termos práticos, mas é passível de modificação e expansão. Por exemplo, um arranjo posterior que coloca o corpo astral na segunda categoria ao invés da terceira não a altera substancialmente. Ela dá de imediato uma ideia do que o homem é muito diferente da descrição vaga em duas palavras, "corpo e alma"; e também desafia

corajosamente a concepção materialista de que a mente é produto do cérebro, uma porção do corpo. Não se faz nenhuma alegação de que estes princípios fossem até o momento desconhecidos, pois eles eram todos compreendidos de diversas maneiras não apenas pelos hindus, mas por vários europeus. Mesmo assim, a apresentação compacta da constituição setenária do homem em íntima conexão com a constituição setenária de uma cadeia de globos através da qual o ser evolui, não havia sido revelada. O abade francês Eliphas Levi escreveu sobre o reino astral e o corpo astral, mas evidentemente não tinha nenhum conhecimento do resto da doutrina, e quanto aos hindus, embora eles possuíssem os outros termos na sua língua e na sua filosofia, eles não usavam a classificação setenária, mas dependiam basicamente de uma quaternária e certamente ocultavam (quando a conheciam) a doutrina de uma cadeia de sete globos incluindo a nossa terra. Na verdade, um erudito hindu, Subba Row, já falecido, afirmou que eles sabiam de uma classificação sétupla, mas que ela não tinha sido e não seria revelada.

Considerando esses constituintes de outra maneira, poderíamos dizer que o homem inferior é um ser composto, mas que na sua real natureza ele é uma unidade ou um ser imortal, consistindo de uma única trindade de Espírito, Discernimento e Mente que requer quatro instrumentos ou veículos mortais inferiores, através dos quais trabalha na matéria e obtém experiência da natureza. Essa trindade é chamada de Atma-Buddhi-Manas em sânscrito. São termos difíceis de traduzir para o inglês. Atma é Espírito, Buddhi é o poder mais alto do intelecto, aquele que julga e discerne, e Manas é a Mente. Esse conjunto tríplice é o homem real; e sem dúvida esta ideia originou a doutrina da trindade de Pai, Filho e Espírito Santo. Os quatro instrumentos ou veículos são mostrados nessa tabela:

Atma, Buddhi, Manas,
Paixões e Desejos, Princípio Vital, Corpo Astral, Corpo Físico.

Esses quatro constituintes materiais inferiores são transitórios e sujeitos à desintegração em si, assim como à separação um do outro. Quando chega a hora de começar a sua separação, a combinação não pode mais ser mantida, o corpo físico morre, os átomos dos quais cada um dos quatro é composto começam a se separar uns dos outros e todo o conjunto ao se desfazer não mais servirá para ser usado como um instrumento pelo homem real. Isso é o que se chama de "morte" entre nós mortais, mas não é a morte para o homem real, porque ele é imorredouro, persistente, imortal. Ele é chamado portanto de Tríade, ou trindade indestrutível, enquanto eles são chamados de Quaternário ou o quatro mortal.

Esse quaternário, ou homem inferior, é um produto das leis e substâncias cósmicas e físicas. Como qualquer outra coisa física, ele tem evoluído no decorrer das eras, a partir da substância cósmica, e está portanto sujeito às leis físicas, fisiológicas e psíquicas que governam a raça humana como um todo. Assim o seu período de continuidade pode ser calculado, tal como o limite de tensão elástica dos metais usados na construção de uma ponte pode ser deduzido pelo engenheiro. Qualquer agregado sob a forma de ser humano e feito desses constituintes está portanto limitado em duração pelas leis do período evolucionário na qual ele existe. Por ora, está geralmente em torno de setenta a cem anos, mas sua duração possível é mais longa. Assim, há na história exemplos de pessoas comuns que viveram até os duzentos anos de idade; e, pelo conhecimento de leis ocultas da natureza, o limite possível de duração pode ser estendido até aproximadamente quatrocentos anos.

O homem físico visível é:
Cérebro, nervos, sangue, ossos, linfa,
músculos, órgãos de sensação e ação, e pele.

***O homem físico invisível é*:**
Corpo Astral, Paixões e Desejos,
Princípio Vital (chamado de *prana* ou *jiva*.)

Vemos que a parte física de nossa natureza é, dessa forma, estendida a um segundo departamento que, embora invisível ao olho físico, é não obstante material e sujeito a degradação. Devido ao fato de que foram em geral habituadas a admitir como real apenas aquilo que podem ver com o olho físico, as pessoas chegaram finalmente à suposição deque o que não visto não é nem real nem material. Mas elas esquecem que até no plano da terra, gases nocivos são invisíveis embora reais e poderosamente materiais, e que a água pode existir no ar suspensa e invisível até que as condições se alterem e ocorra a precipitação.

Recapitulemos antes de entrar em detalhes. O Homem Real é a trindade de *Atma-Buddhi-Manas*, ou Espírito e Mente, e ele usa certos agentes e instrumentos para entrar em contato com a natureza de modo a se conhecer. Esses instrumentos e agentes são encontrados nos quatro fatores inferiores – ou o Quaternário. Cada princípio – na tríade ou no quaternário – é, por si mesmo, um instrumento para a experiência específica que pertence à sua própria esfera de ação, sendo o corpo a mais inferior, o menos importante e o mais transitório de toda essa sequência.

Porque quando chegamos ao corpo, descendo da Mente Superior, pode ser demonstrado que todos os órgãos corporais são em si mesmos sem sentido e inúteis, quando privados do ser humano interno. Visão, audição, tato, paladar e olfato não pertencem ao corpo, mas ao segundo homem físico, que é invisível. Os órgãos reais para o exercício desses poderes estão no Corpo Astral, e os órgãos do corpo físico são apenas instrumentos mecânicos externos, que fazem a coordenação entre a natureza e os órgãos reais, internos.

NOTA:

[1] O sr. Sinnett foi editor do jornal *Pioneer*, de Allahabad, o órgão oficial do Governo da Índia.

CAPÍTULO V

O Corpo Físico e o Corpo Astral

O corpo físico, uma massa de carne, ossos, músculos, nervos, substância cerebral, bile, muco, sangue e pele, é objeto de cuidado exclusivo para muitas pessoas, que o tornam seu deus porque se identificam com ele, referindo-se apenas a ele quando dizem “eu”. Deixado por sua própria conta, ele fica desprovido de sentido e em tais casos age apenas por reflexo e ação automática. Nós vemos isso no sono, porque então o corpo assume atitudes e faz movimentos que o homem acordado não permite. É como a mãe terra, pois é composto por um grande número de “vidas”

infinitesimais. Cada uma dessas vidas é um ponto sensível. Não apenas existem micróbios, bactérias, bacilos, mas estes são feitos de outras vidas, e estas por outras vidas ainda mais diminutas. Essas vidas não são as células do corpo, mas compõem as células, mantendo-se sempre dentro dos limites que a evolução assinalou para a célula. Elas estão incessantemente girando e movendo-se juntas através de todo o corpo, localizando-se em determinados espaços aparentemente vazios, e onde quer que haja carne, membranas, ossos e sangue. Elas também se estendem além dos limites do corpo, até uma distância que é mensurável.

Um dos mistérios da vida física está escondido nessas "vidas". Sua ação, impulsionada para adiante pela energia da Vida – chamada *Prana* ou *Jiva* – explicará a existência ativa e a morte física. Elas são divididas em dois tipos, um, o dos destruidores, e o outro, dos preservadores; e esses dois tipos guerreiam entre si desde o nascimento, até que os destruidores vencem. Nessa luta, a própria Energia da Vida põe fim ao combate, por que é a vida que mata. Isso pode parecer heterodoxo, mas na Filosofia Teosófica é considerado um fato. Pois, como se diz, o bebê vive porque a combinação de órgãos saudáveis é capaz de absorver toda a vida no espaço à sua volta, e é levado a dormir todos os dias pela sobrepujante energia da vida, já que os preservadores entre as células do corpo jovem ainda não foram suplantados pelos do outro tipo. O processo de dormir e acordar é apenas e simplesmente a restauração do equilíbrio no sono e a ação produzida pela perturbação dele, quando acordado. É algo comparável à lâmpada de arco voltaico, na qual o arco de luz brilhante no ponto da resistência é o símbolo do homem ativo acordado. Assim, durante o sono nós estamos novamente absorvendo e não resistindo à Energia da Vida; quando acordamos estamos jogando-a fora. Mas, uma vez que ela existe ao nosso redor como um oceano no qual nós nadamos, nosso poder de jogá-la fora é necessariamente limitado. Logo que acordamos, estamos em equilíbrio no que se refere aos nossos órgãos e vida; quando adormecemos estamos ainda mais cheios de vida do que de manhã, ela nos exauriu; ela finalmente mata o corpo. Tal combate não poderia ser sustentado para sempre, já que o peso da vida de todo o sistema solar se opõe ao poder de resistência concentrado numa pequena estrutura humana.

O corpo é considerado pelos Mestres de Sabedoria como sendo o mais transitório, impermanente e ilusório de toda a série de constituintes do homem. Nem por um momento ele é o mesmo. Sempre mudando, em movimento por toda parte, ele nunca está de fato terminado ou completo embora seja tangível. Os antigos claramente perceberam isso, pois eles elaboraram uma doutrina chamada de *Nytia Pralaya*, ou a contínua mudança das coisas materiais, a contínua destruição. Isso é hoje conhecido na ciência através da doutrina de que o corpo sofre uma alteração e renovação completa a cada sete anos. Ao final dos primeiros sete anos ele não é mais o mesmo corpo que era no começo. No final dos nossos dias ele terá mudado sete vezes, às vezes mais. Mesmo assim ele apresenta a mesma aparência geral da maturidade até a morte; e é uma forma humana desde o nascimento até a maturidade. Esse é um mistério que a ciência não explica; é uma questão pertencente à célula e aos meios pelos quais a forma humana é preservada.

A "célula" é uma ilusão. Ela é meramente uma palavra. Ela não tem nenhuma existência como coisa material, pois toda célula é composta por outras células. O que então é uma célula? Ela é a forma ideal dentro da qual os átomos físicos reais - feitos das "vidas"- se arranjam. Como se admite que as moléculas físicas estejam sempre saindo do corpo, a todo o instante elas devem estar deixando as células. Assim, não há nenhuma célula física, mas os limites privativos de uma, sua membrana e forma geral ideal. As moléculas assumem uma posição dentro de uma forma ideal de acordo com as leis da natureza, e a deixam novamente, quase que de imediato, para dar lugar a outros átomos. E da mesma maneira é com o corpo, assim como com a terra e com o sistema solar. Assim também ocorre, embora de uma forma mais lenta, com todos os objetos materiais. Eles estão todos em constante mutação e movimento. Essa é uma sabedoria moderna e também antiga. Essa é a explicação física da clarividência, clariaudiência, telepatia e leitura da mente. Ela ajuda a nos mostrar que coisa ilusória e insatisfatória é o nosso corpo.

Embora, estritamente falando, o segundo constituinte do homem seja o corpo astral (chamado em sânscrito de *Linga Sharira*), nós consideraremos a Energia Vital (*Prana* e *Jiva* em sânscrito) conjuntamente com ele, porque para nossa observação o fenômeno da vida é mais comumente exibido em conexão com o corpo.

A Vida não é o resultado do funcionamento dos órgãos, nem se vai quando os órgãos se dissolvem. Ela é um princípio universalmente difundido. Ela é o oceano no qual a terra flutua: ela permeia o globo e cada ser e objeto dentro dele. Ela trabalha incessantemente em nós e ao nosso redor, pulsando em contato e através de nós para sempre. Quando ocupamos um corpo, nós apenas usamos um instrumento mais especializado do que qualquer outro para lidar tanto com *Prana* quanto com *Jiva*. Estritamente falando, *Prana* é respiração; como a respiração é necessária para a continuação da vida na máquina humana, essa é a melhor palavra. *Jiva* significa "vida" e também se aplica à alma vivente, pois a vida em geral deriva da própria Vida Suprema. Portanto, pode-se usar *Jiva* de forma mais geral, enquanto *Prana* é mais específico. Não se pode dizer que alguém tem uma quantidade definida dessa Energia Vital, que voará de volta à sua fonte quando o corpo for cremado, mas sim que ela trabalha com qualquer que seja a massa de matéria que contenha. Nós, desta forma, a secretamos ou usamos à medida que vivemos. Pois não importa se mortos ou vivos, a energia da vida ainda está ali; durante a vida em meio aos nossos órgãos, sustentando-os; na morte, entre as inúmeras criaturas que surgem da nossa destruição. Somos tão capazes de afastar essa vida como somos de fazer desaparecer o ar no qual o pássaro flutua e, assim como o ar, ela preenche todos os espaços no planeta, de modo que nenhum lugar pode perder seu benefício, nem escapar no final ao seu poder esmagador. Mas ao trabalhar sobre o corpo físico, essa vida – *Prana* – necessita um veículo, ou guia, e esse veículo é o corpo astral.

Há muitos nomes para o Corpo Astral. Aqui estão alguns: *Linga Sharira*, sânscrito, significando corpo modelo, o melhor de todos; duplo etéreo, fantasma, espectro, aparição, *doppelgänger*, homem pessoal, perispírito, alma irracional, *Bhuta*, elemental, assombração, demônio, diabo. *Bhuta*, diabo e elemental são praticamente sinônimos; o primeiro em sânscrito, o segundo em inglês. Para os hindus, o *Bhuta* é o corpo astral quando liberado do corpo e da mente pela morte; e estando, desta forma, separado da consciência é, na concepção deles, um demônio. Eles não estão de todo errados, se abolirmos a antiga noção de que o diabo é um anjo caído do céu, pois esse diabo corporal é algo que sai da terra.

Pode-se fazer a objeção que o termo Corpo Astral não é correto para esse propósito. A objeção surge da natureza e gênese da língua inglesa, pois como esta cresceu em meio à luta com a natureza e entre um povo comerciante, ainda não cunhou as palavras necessárias para designar o grande conjunto de faculdades e órgãos do homem invisível. E como seus filósofos não admitiram a existência desses órgãos internos, os termos corretos não existem na língua. Assim, ao procurar palavras para descrever o corpo interno, as únicas encontradas em inglês foram "corpo astral". Este termo se aproxima da realidade, já que em termos gerais a substância desta forma deriva da matéria cósmica ou matéria estelar. Mas a antiga palavra sânscrita descreve-o exatamente – *Linga Sharira*, o corpo modelo – porque ele é o modelo ou projeto do corpo físico. É melhor do que "corpo etéreo", pois poderia parecer que este é consequência do físico, ao passo que de fato o corpo astral precede o material.

O corpo astral é feito de uma matéria de textura muito fina quando comparada ao corpo visível, e tem uma grande força elástica, de modo que muda muito pouco durante uma vida, enquanto o físico se altera a todo instante. E não apenas tem uma força imensa, como ao mesmo tempo possui uma elasticidade que permite sua extensão a uma distância considerável. Ele é flexível, plástico, extensível e forte. A matéria do qual é composto é elétrica e magnética na sua essência, e é exatamente do que o mundo inteiro era composto no passado longínquo, quando os processos da

evolução ainda não tinham chegado ao ponto de produzir um corpo material para o homem. Mas não é matéria crua ou bruta. Tendo percorrido um vasto período de evolução e se submetido a um número incalculável de processos de purificação, sua natureza se refinou a um grau além dos elementos físicos grosseiros que nós vemos e tocamos com os nossos olhos e mãos físicas.

O corpo astral é o modelo que guia o físico, e todos os outros reinos têm também modelos astrais. Vegetais, minerais, e animais têm o duplo etéreo, e essa teoria é a única que responderá às perguntas de como é que a semente produz seu próprio tipo e todos os seres sencientes se reproduzem em seus iguais. Os biólogos podem apenas dizer que os fatos são como nós os conhecemos, mas não podem dizer o motivo pelo qual uma bolota de carvalho nunca se tornará nada exceto um carvalho, a não ser o de que nenhum homem jamais soube que isso fosse diferente. Mas nas antigas escolas do passado a verdadeira doutrina era conhecida e ela está de novo sendo trazida para o Ocidente através dos esforços de H. P. Blavatsky e daqueles que têm encontrado inspiração em seus trabalhos.

Essa doutrina diz que, nos primeiros tempos da evolução deste planeta, os vários reinos da natureza foram primeiro delineados em um plano ou forma ideal e que então a matéria astral começou a trabalhar nesse plano com a ajuda do princípio da Vida, até que após longas eras a forma astral do homem foi produzida e aperfeiçoada. Essa é, então, a primeira forma que a raça humana teve, e corresponde de certa maneira à alegoria do estado do homem no jardim do Éden. Após outro grande período de tempo, durante o qual o ciclo de descida à matéria continua ocorrendo, a forma astral finalmente se veste com um "casaco de pele", e a forma física atual entra em cena. Essa é a explicação do verso do livro do Gênesis que descreve a doação de casaco de peles a Adão e Eva. **[1]** É a queda final na matéria, pois deste ponto em diante o homem interno lutará para elevar toda a massa de matéria física a um nível mais alto e animá-la com uma maior proporção de influência espiritual, de modo que fique pronta para ir ainda mais longe durante o próximo período de evolução, depois que o atual período tiver terminado. Assim, no tempo presente, o modelo para a criança que cresce no ventre da mãe é o corpo astral, já perfeito em sua forma antes que a criança tenha nascido. É sobre isso que as moléculas se arranjam até que a criança esteja pronta, e a presença do corpo-modelo etéreo explicará como a forma cresce nessa configuração, como os olhos empurram a si mesmos para a superfície da face, e muitas outras questões misteriosas na embriologia, que são divulgadas pelos médicos em descrições que não têm explicação. Isso também explica, como nada mais o faz, os casos de marcas de crianças ainda no ventre materno, algumas vezes negadas pelos médicos, mas bem conhecidas por aqueles que se dão ao trabalho de observar, como sendo um fato de ocorrência frequente. A forma física que cresce está sujeita ao modelo astral, ela está conectada à imaginação da mãe por órgãos físicos e psíquicos; a mãe pinta um quadro de horror, medo ou algo assim, e o modelo astral é então similarmente afetado. Quando a marca consiste em que a criança nasce sem pernas, as ideias e forte imaginação materna agem de forma a cortar as pernas astrais, e o resultado é que as moléculas, não tendo nenhum modelo de perna sobre o qual trabalhar, não fazem nenhuma perna física; e algo semelhante ocorre em todos esses casos. Mas ao encontrarmos um homem que ainda sente a perna que o cirurgião cortou, ou percebe os dedos que foram amputados, então o membro astral não sofreu interferência, de modo que o homem sente-o como se ele ainda estivesse no seu corpo. Porque faca ou ácido não vão ferir o modelo astral, mas nos seus estágios iniciais de desenvolvimento as ideias e a imaginação têm o poder do ácido e do aço afiado.

No homem comum, que não é treinado no ocultismo prático ou que não traz essa faculdade de nascença, o corpo astral não pode ir mais do que a poucos metros de distância do físico. Ele é parte do físico, ele o sustenta e está incorporado a ele, assim como as fibras da manga estão em toda a fruta. Mas existem aqueles que, devido a práticas realizadas em vidas anteriores na Terra, nascem com o poder de inconscientemente projetar seu corpo astral. Esses são médiuns, alguns videntes, muitas pessoas histéricas, catalépticas ou escrofulosas. Aqueles que se treinaram no

longo curso de uma disciplina excessivamente dura, a qual alcança a natureza moral e mental e vai muito além do poder de um homem comum atual, podem usar a forma astral à vontade, pois superaram completamente a ilusão de que o corpo físico é uma parte permanente deles, e, além disso, aprenderam as leis químicas e elétricas que governam essa matéria. Nesse caso, eles agem com conhecimento e conscientemente; nos outros casos o ato é feito sem o poder de impedi-lo ou de provocá-lo à sua vontade, ou de evitar os riscos inerentes ao uso das potências de alta qualidade da natureza.

O corpo astral tem dentro dele os reais órgãos dos sentidos. Nele estão a visão, a audição, o olfato e o tato. Ele tem um sistema completo de nervos e artérias próprias, para a condução do fluido astral que é para aquele corpo como o sangue é para o físico. É o homem pessoal real. Lá estão localizadas a percepção subconsciente e a memória latente, com as quais os hipnotizadores da atualidade lidam e se iludem. Assim, quando o corpo morre o homem astral é libertado, e como na morte o homem imortal – a Tríade – voa para outro estado, o corpo astral torna-se a casca do homem que viveu, e leva um tempo para se dissolver. Ele retém todas as memórias da vida vivida pelo homem, e então reflexa e automaticamente pode repetir o que o homem morto sabia, pensava e via. Ele permanece perto do corpo físico abandonado por todo o tempo até que o corpo físico seja completamente dissipado, pois tem que passar pelo seu próprio processo de morte. Ele pode se tornar visível sob certas condições. É o fantasma das salas de sessões espíritas, e lá se faz passar pelo real espírito desse ou daquele indivíduo. Atraído pelos pensamentos do médium e dos assistentes, flutua vagamente onde eles estão e então é galvanizado para uma vida fictícia, por toda uma hoste de forças elementais e pelo corpo astral ativo do médium que está sustentando a sessão, ou qualquer outro médium da audiência. Dela (como em uma fotografia) são então refletidas no cérebro do médium todas as propaladas evidências com que os espíritas reivindicam provar a identidade do amigo ou parente morto. Essas evidências são aceitas como prova de que o espírito do morto está presente, porque nem o médium nem os assistentes estão familiarizados com as leis que governam sua própria natureza, nem com as constituições, poder e função da matéria astral e do homem astral.

A filosofia Teosófica não nega os fatos provados nas sessões espíritas, mas dá uma explicação inteiramente oposta à dada pelos espíritas. E, certamente, a completa ausência de qualquer explicação lógica científica por esses assim chamados espíritos a respeito dos fenômenos que se diz serem por eles produzidos apoia o argumento de que eles não possuem conhecimento algum para comunicar. Eles podem meramente causar certos fenômenos; o exame desses e as deduções que se seguem podem ser conduzidos adequadamente apenas por um cérebro treinado, guiado por uma trindade viva de espírito, alma e mente. E aqui uma outra classe de fenômenos espíritas requer uma breve abordagem. Ela é a aparição do que se chama um “espírito materializado”.

Três explicações são oferecidas: *Primeiro*, que o corpo astral do médium vivo se destaca do seu corpo e assume a aparência do assim chamado espírito; pois uma das propriedades da matéria astral é a capacidade de refletir uma imagem que existe invisível no éter. *Segundo*, o verdadeiro invólucro astral do morto – totalmente vazio do seu espírito e consciência – torna-se visível e tangível quando a condição do ar e do éter é tal que altera a vibração das moléculas do invólucro astral de forma que ela se torne visível. Os fenômenos da densidade e peso aparente são explicados por outras leis. *Terceiro*, uma massa invisível de matéria elétrica e magnética é coletada, e sobre ela é refletida, a partir da luz astral, uma imagem de qualquer pessoa que se deseje, tanto viva como morta. Isso é tido como o “espírito” de tais pessoas, mas não é, e tem sido merecidamente chamado por H. P. Blavatsky de “fraude psicológica”, porque pretende ser o que não é. E, estranho dizer, essa mesma explicação de materialização tem sido dada por um “espírito”, em uma sessão regular, mas nunca foi aceita pelos espíritas apenas porque perturba sua noção do retorno dos espíritos das pessoas falecidas.

Finalmente, o corpo astral explicará quase todas as coisas psíquicas estranhas que acontecem na vida diária e no trato com médiuns genuínos; ela mostra o que uma aparição pode ser e a possibilidade de ser vista, assim impedindo o cientista incrédulo de violar o bom senso ao afirmar que você não viu o que você sabe que viu; ela retira a superstição ao mostrar a natureza real desses fenômenos e destrói o medo irracional do desconhecido, que faz com que um homem tenha medo de ver um "fantasma". Através dele podemos também explicar o deslocamento de objetos sem contato físico, pois se pode deslocar a mão astral e fazê-la pegar um objeto, trazendo-o para perto do corpo. Quando se demonstrar que isso é possível, então não se caçoará mais de viajantes que contam terem visto Iogues Hindus fazerem xícaras de café voar pelo ar e objetos distantes se aproximarem, aparentemente segundo sua vontade, intocados por eles ou por qualquer outra pessoa. Todos os exemplos de clarividência e clariaudiência são também explicados pelo corpo astral e pela luz astral. Os órgãos astrais – que são os verdadeiros órgãos – realizam a audição e a visão, e assim como todos os objetos materiais estão constantemente em movimento dentro de seus próprios átomos, assim também a visão e audição astrais não são impedidas, mas trabalham até a uma distância tão grande quanto a extensão da luz astral ou matéria astral que há ao redor ou sobre a Terra. Foi desse modo que o grande vidente Swedenborg viu casas queimando na cidade de Estocolmo quando ele estava em outra cidade, a muitos quilômetros de distância, e pelos mesmos meios qualquer clarividente de hoje vê e escuta à distância.

NOTA:

[1] Gênesis, 3: 21. (NT)

000

CAPÍTULO VI

Kama - Desejo

O autor de "O Budismo Esotérico" – um livro que deveria ser consultado por todos os estudantes de teosofia, já que foi feito a partir de sugestões dadas por alguns dos próprios adeptos – deu o nome de *Kamarupa* para o quarto princípio da constituição humana. A razão foi que a palavra *Kama* em Sânscrito significa "desejo", e como a ideia que pretendia passar era de que o quarto princípio era o "corpo e a massa de desejos e paixões", o sr. Sinnett adicionou a palavra em sânscrito para corpo ou forma, que é *Rupa*, assim formando a palavra composta *Kamarupa.* Irei chamá-la pelo equivalente em inglês – paixões e desejos – porque esses termos expressam com exatidão a sua natureza. Faço isso também para ressaltar a questão que de fato existe por resolver entre a psicologia e a filosofia mental do ocidente e do oriente. O Ocidente divide o homem em intelecto, vontade e sentimento, mas não fica entendido se as paixões e os desejos constituem um princípio em si mesmo ou se provêm completamente do corpo. De fato, a maioria das pessoas os considera resultado da influência da carne, pois são frequentemente chamados de "desejos da carne" e "apetites da carne". Entretanto, os antigos e os teosofistas sabem que eles são um princípio em si, e não apenas impulsos do corpo. A psicologia ocidental, agora na sua infância e completamente destituída de conhecimento sobre a natureza interior do homem, que é psíquica, não oferece nenhuma ajuda nesse ponto, e dele resulta a divergência maior entre ela e a Teosofia.

As paixões e os desejos não são produzidos pelo corpo; pelo contrário, o corpo é causado por eles. São a paixão e o desejo que causaram o nosso nascimento, e nos trarão ao nascimento novamente, em algum corpo nessa terra ou em outro globo **[1]**. É pelo desejo e pela paixão que somos levados a evoluir através das mansões da morte, chamadas de vida na terra. Foi pelo despertar do desejo, na desconhecida primeira causa, na única existência, que toda a coleção de mundos foi manifestada; e, pela influência do desejo no mundo agora manifestado, o mundo continua existindo.

O quarto princípio é o princípio do equilíbrio de todos os sete. Ele se situa no meio, e dele os caminhos sobem e descem. Ele é a base da ação e o motor da vontade. Como dizem os antigos Herméticos: "Por trás da vontade está o desejo." Pois, seja querendo fazer o bem ou o mal, primeiro temos que despertar dentro de nós o desejo por uma destas direções. O homem bom que enfim se torna um sábio teve, em algum momento de suas muitas vidas, que despertar o desejo pela companhia de homens santos e de manter vivo seu desejo pelo progresso, de modo a continuar em seu caminho. Mesmo um Buda, ou um Jesus, teve primeiro que fazer um voto, formular um desejo, em alguma vida, no sentido de que salvaria o mundo ou uma parte dele, e perseverar com esse desejo vivo em seu coração através de vidas incontáveis. Do mesmo modo, por outro lado, o homem mau chamou para si vida após vida desejos baixos, egoístas, perversos, degradando em vez de purificar esse princípio. No aspecto material e científico do ocultismo – o uso dos poderes internos ocultos de nossa natureza – se o princípio do desejo não estiver forte, o poder principal de nossa imaginação não poderá realizar seu trabalho, porque embora faça um molde ou matriz, a vontade não pode agir a não ser que seja movida, dirigida e mantida na medida certa pelo desejo.

Os desejos e paixões, portanto, têm dois aspectos, um deles sendo baixo e o outro, alto. O baixo é evidenciado pelo posicionamento constante da consciência inteiramente embaixo, no corpo físico e no corpo astral; o alto vem da influência e da aspiração pela trindade de cima, de Mente, Buddhi e Espírito. Esse quarto princípio é como o signo de Libra, na trajetória do sol através do Zodíaco; quando o sol (que é o homem real) alcança aquele signo ele treme em seu equilíbrio. Se for para trás, os mundos são destruídos; se for para frente, toda a raça humana é elevada em perfeição.

Durante a vida as paixões e os desejos estão, tal como ocorre com o corpo astral, localizados em todo o homem inferior, e, assim como a contraparte etérica do nosso corpo físico, eles podem ser aumentados ou diminuídos, ficando fracos ou crescendo em força, e podem ser degradados ou purificados.

Após a morte o corpo de desejo dá forma ao corpo astral, que então se torna uma mera casca; pois quando um homem morre seu corpo astral e o princípio da paixão e do desejo deixam o corpo físico juntos e aderem um ao outro. É aí que o termo *Kamarupa* pode ser aplicado, já que *Kamarupa* é realmente formado pelo corpo astral e *Kama* em conjunção, e a junção dos dois constitui uma forma ou modelo que, embora normalmente invisível, é material e pode ser trazido à visibilidade. Embora esteja vazio de mente e consciência, ele tem poderes próprios que podem ser exercidos sempre que as condições permitirem. Essas condições são fornecidas pelo médium dos espíritas, e em cada sessão as cascas astrais de pessoas mortas estão sempre presentes para iludir os assistentes, cujos poderes de discernimento foram destruídos pelo sentimento de assombro. É o "demônio" dos Hindus, e um médium não poderia ter um inimigo pior. Porque o fantasma astral – ou *Kamarupa* - nada mais é do que a massa de desejos e paixões abandonada pela pessoa real, que foi para o "paraíso" e não tem preocupação alguma com as pessoas que deixou para trás, muito menos com sessões e médiuns. Assim, esvaziados da alma mais nobre, esses desejos e paixões trabalham apenas na parte mais baixa da natureza do médium e não estimulam nenhum princípio bom, mas sempre as inclinações mais baixas do ser. É por isso que

muitos espíritas admitem que há muita fraude entre os médiuns, e que médiuns têm muitas vezes confessado: "os espíritos me tentaram e cometi fraudes sob seu comando."

Esse fantasma *Kamarupa* também é o inimigo da nossa civilização. Ela permite executar homens pelos crimes cometidos, e assim joga no éter a massa de paixões e desejos libertada do peso do corpo e passível de a qualquer momento ser atraída por alguma pessoa sensitiva. Sendo atraídas dessa maneira, as imagens deploráveis dos crimes cometidos e também a cena da execução e todas as maldições e desejos de vingança que a acompanham são implantadas em pessoas vivas, que não vendo o mal, são incapazes de jogá-lo fora. Desta forma, todos os dias crimes e novas ideias de crimes se propagam incessantemente por aqueles países onde vigora a pena capital.

As cascas astrais, em conjunto com o corpo astral ainda vivo do médium, ajudadas por certas forças da natureza, que os teosofistas chamam de "elementais", produzem quase todos os fenômenos espíritas não-fraudulentos. O corpo astral do médium, tendo o poder de extensão e de expulsão, forma o arcabouço para os assim chamados "espíritos materializados", faz objetos se moverem sem contato físico, dá informações de parentes mortos, nenhuma delas mais do que recordações e imagens da luz astral, e tudo isso usando as cascas de suicidas, assassinos executados e fantasmas deste tipo, que estão naturalmente mais próximos desse plano de vida. O número de casos em que qualquer comunicação vem de um verdadeiro espírito fora do corpo é tão pequeno que quase pode ser contado nos dedos de uma mão. Algumas vezes os espíritos de homens vivos, enquanto seus corpos dormem, vêm a sessões e ali participam. Mas eles não conseguem se lembrar, não sabem como fazem isso e não são distinguidos, pelos médiuns, da massa de cadáveres astrais.

O fato de que tais coisas podem ser feitas pelo homem interior sem que sejam lembradas nada prova contra essas teorias, porque a criança pode ver sem saber como o olho funciona, e o selvagem que não tem nenhum conhecimento da complexa maquinaria trabalhando em seu corpo ainda executa o processo da digestão perfeitamente. **[2]** E que isto é inconsciente nele está exatamente de acordo com a teoria, pois esses atos e feitos do homem interior são ações inconscientes da mente subconsciente. Essas palavras, "consciente" e "subconsciente", estão naturalmente sendo usadas de maneira relativa; a inconsciência é apenas do cérebro. E experiências de hipnose têm comprovado conclusivamente todas essas teorias, como será plenamente aceito em um futuro não muito distante. Além disso, as cascas astrais de suicidas e criminosos executados são as mais consistentes, de maior duração e mais próximas de nós dentre todas as sombras do Hades, e deste modo, conforme a necessidade do caso, devem ser os verdadeiros "guias" da sala de sessão.

Paixão e desejo, associados ao corpo-modelo astral, são comuns tanto aos animais como aos homens, assim como ao reino vegetal, embora fracamente desenvolvidos neste. Em determinado período da evolução, nenhum princípio além dos materiais tinha se desenvolvido ainda, e todos os três princípios superiores, Mente, Alma e Espírito, estavam apenas latentes. Até esse ponto, homens e animais eram iguais, porque o bruto em nós é feito de paixões e do corpo astral. O desenvolvimento dos germes da Mente fez o homem, porque a mente constituiu a grande diferenciação. O Deus interno começa com *Manas*, ou mente, e é sobre a luta entre esse Deus e o animal abaixo que a Teosofia fala e adverte. O princípio inferior é chamado de mau porque em comparação com o alto, ele o é, mas mesmo assim é ele a base da ação. Nós só podemos elevar-nos se o ser primeiramente estabelecer-se no desejo de fazer o melhor. Nesse aspecto ele é chamado de *rajas*, ou a qualidade ativa ou má, distinguindo-se de *tamas*, ou a qualidade da escuridão e da indiferença. A elevação não é possível a não ser que *rajas* esteja presente para dar o impulso, e pelo uso desse princípio da paixão todas as qualidades mais altas são trazidas, para afinal refinar e elevar nossos desejos de modo que eles possam ser continuamente colocados sobre a verdade e o espírito. Com isso a Teosofia não ensina que as paixões devem ser estimuladas ou

satisfeitas, pois jamais se ensinou doutrina tão perniciosa; mas a recomendação é fazer uso da atividade proporcionada pelo quarto princípio de modo a elevar, e não a cair sob o domínio da qualidade escura, que termina na aniquilação, depois de ter começado no egoísmo e na indiferença.

Tendo assim discorrido sobre o tema e demonstrado quais são os princípios inferiores, nós encontramos a Teosofia ensinando que no atual momento da evolução do homem ele é um quaternário plenamente desenvolvido, com os princípios superiores parcialmente desenvolvidos. Por isso é ensinado que o homem de hoje demonstra ser movido por paixão e desejo. Uma rápida espiada pelas civilizações da terra o comprova, pois todas são movidas por esse princípio, e em países como a França, Inglaterra e Estados Unidos, sua glorificação é exibida na atenção dada à ostentação, à arte sensual, à luta por poder e posição, e em todos os hábitos e modos de vida onde a gratificação dos sentidos é tantas vezes considerada como o bem mais valioso. Mas, à medida que a Mente vai gradualmente se desenvolvendo, enquanto prosseguimos em nosso curso ao longo da linha do desenvolvimento da raça, pode-se perceber por baixo das aparências, em todos os países, o começo da transição do animal que possui o germe da mente real para o homem de mente completa. Esse dia já é conhecido pelos Mestres, que têm revelado algumas das antigas verdades, como o "período de transição". A orgulhosa ciência, e a ainda mais orgulhosa religião, não admitem isso, e pensam que nós somos como sempre seremos. Mas, acreditando no seu professor, o teosofista vê em tudo à sua volta a evidência que a mente da raça humana está mudando através da ampliação, que os dias antigos do dogmatismo acabaram e que a "era do questionamento" chegou, que as indagações crescerão ano após ano e que as respostas deverão satisfazer a mente à medida que ela cresce mais e mais, até que afinal, com todo o dogmatismo chegando ao fim, a raça humana estará pronta para enfrentar todos os problemas, cada homem por si, todos trabalhando pelo bem do todo, e que a finalidade será o aperfeiçoamento daqueles que lutam para superar o bruto. Por essa razão as antigas doutrinas estão sendo de novo reveladas, e a Teosofia convida cada um a refletir se vai ceder ao animal abaixo ou olhar para cima e ser governado pelo Deus interior.

Um tratamento mais amplo do quarto princípio da nossa constituição nos levaria a considerar questões tais como as apresentadas pelos fazedores de milagres do oriente, pelos fenômenos espíritas, hipnotismo, aparições, insanidade e coisas afins, mas estas devem ser reservadas para outra ocasião.

NOTAS:

[1] O texto está aqui conforme corrigido por W. Q. J. em "The Theosophical Forum", Junho, 1894. (Nota da edição em inglês)

[2] Na verdade, os povos indígenas possuem em muitos casos uma porção considerável de conhecimento sobre o funcionamento do corpo humano e da alma, e sobre as artes de curar. (C. C. Aveline)

000

CAPÍTULO VII

Manas - A Mente

Em nossa análise da natureza do ser humano consideramos até agora apenas os elementos perecíveis que constituem o homem inferior, e chegamos ao quarto princípio ou plano – o do desejo – sem tocar na questão da Mente.

Mas, mesmo tendo chegado tão longe como chegamos, deve ser evidente que há uma grande diferença entre as ideias comuns sobre a Mente e as ideias encontradas na Teosofia. Geralmente pensa-se que a Mente é imaterial, ou apenas o nome para a ação do cérebro ao desenvolver o pensamento, um processo totalmente desconhecido a não ser por inferência; ou se pensa que se não houver um cérebro não pode haver uma mente. Tem sido dada muita atenção ao ato de catalogar algumas das funções e características mentais, mas não há termos capazes de descrever os verdadeiros fatos metafísicos e espirituais do homem. Essa confusão e pobreza de palavras para tal uso são devidas quase que inteiramente, primeiro, à religião dogmática, que tem afirmado e reforçado durante muitos séculos dogmas e doutrinas que a razão humana não poderia aceitar. Segundo, à guerra que se criou naturalmente entre ciência e religião, tão logo se removeram as algemas colocadas pela religião na ciência e foi permitido a esta lidar com os fatos na natureza. A reação contra a religião naturalmente impediu a ciência de assumir qualquer visão do homem e da natureza que não fosse materialista. Assim, de nenhuma das duas obtivemos ainda as palavras necessárias para descrever o quinto, o sexto e o sétimo princípios, aqueles que constituem a Trindade, o homem real, o peregrino imortal.

O quinto princípio é *Manas*, na classificação adotada pelo sr. Sinnett, e é geralmente traduzido como Mente. Outros nomes têm sido dados a ele, mas ele é o conhecedor, o perceptor, o pensador. O sexto é *Buddhi,* ou discernimento espiritual, e o sétimo é *Atma*, ou Espírito, o raio do Ser Absoluto. A língua inglesa é suficiente para descrever em parte o que é *Manas*, mas não *Buddhi*, nem *Atma*, e deixará sem descrição muitas coisas relacionadas a *Manas*.

O curso da evolução desenvolveu os princípios inferiores e produziu por fim a forma do homem com um cérebro de capacidade melhor e mais profunda do que o de qualquer outro animal. Mas esse homem na forma não era homem na mente, e precisava do quinto princípio, o do pensamento, da percepção, para diferenciá-lo do reino animal e para conferir o poder de se tornar autoconsciente. A mônada, composta de *Atma* e *Buddhi,* estava aprisionada nessas formas*;* pois, sem a presença da mônada, a evolução não poderia se processar. Voltando por um momento para o tempo em que as raças humanas eram destituídas de mente, surge a questão, "quem deu a mente aos humanos, de onde ela veio, e o que é ela?" Ela é o elo entre o Espírito de Deus acima e o espírito pessoal abaixo; ela foi dada às mônadas sem mente por outros seres que tinham completado todo esse processo muitas eras antes, em outros mundos e sistemas de mundos, e ela veio, portanto, de outros períodos evolutivos que ocorreram e terminaram antes que o sistema solar tivesse começado. Essa é a teoria, estranha e inaceitável hoje, mas que deve ser afirmada se quisermos dizer a verdade sobre a Teosofia; e isso é apenas repassar o que outros disseram antes.

A maneira pela qual a luz mental foi dada aos homens que não tinham mente pode ser percebida pela imagem de uma vela acendendo muitas outras. Se existe uma vela acesa e muitas velas não acesas, segue-se que a partir de uma chama as outras velas podem ser acesas. Assim é o caso de *Manas*. Ele é a vela que tem luz. Os homens sem mente tendo os quatro princípios elementares do

Corpo, Corpo Astral, Vida e Desejo, estas são as velas não acesas que não podem acender a si mesmas. Os Filhos da Sabedoria, que são os Irmãos Mais Velhos de toda família humana de qualquer globo, têm a luz, recebida por eles de outros mais antigos, que a receberam de outros ainda mais antigos, em uma linha de tempo sem começo nem fim. Eles acendem o fogo nos princípios inferiores combinados à Mônada, e assim acendem *Manas* no novo homem e preparam uma outra grande raça para a iniciação final. Esse acender do fogo de *Manas* é simbolizado em todas as grandes religiões e na Maçonaria. No Oriente do templo, um sacerdote aparece segurando a vela acesa no altar, e milhares de outros acendem sua vela a partir dela. Os Parsis também têm seu fogo sagrado que é aceso por um outro fogo sagrado.

Manas, ou o Pensador, é o ser que reencarna, o imortal que carrega os resultados e valores de todas as diferentes vidas vividas na terra ou em algum outro lugar. Sua natureza se torna dual assim que se liga a um corpo. O cérebro humano é um organismo superior e *Manas* usa-o para raciocinar, indo de premissas até conclusões. Isso também diferencia o homem do animal, porque o animal age através de impulsos automáticos e assim chamados instintivos, enquanto o homem pode usar a razão. Esse é o aspecto mais inferior do Pensador, ou de *Manas*, e não, como muitos supõem, o dom mais alto e melhor que o homem possui. O seu outro aspecto, e para a Teosofia o mais alto, é o intuitivo, que sabe sem depender da razão. O inferior, e puramente intelectual, está mais próximo do princípio do Desejo, e assim se distingue do seu outro lado que tem afinidade pelos princípios espirituais acima. Se o Pensador então se torna totalmente intelectual, toda natureza começa a tender para baixo; por que o intelecto sozinho é frio, sem coração, egoísta, porque não está iluminado pelos dois outros princípios de *Buddhi* e *Atma*.

Em *Manas* estão guardados os pensamentos de todas as vidas. Isso significa que, na vida de qualquer pessoa, a soma total dos pensamentos ligados a todas as ações daquela existência terão um caráter geral, mas muitas podem ser colocadas em uma ou mais categorias. Isto é, o homem de negócios de hoje é um tipo único, todos os pensamentos de sua vida representam apenas um único fio de pensamento. O artista é outro. O homem empenhado em seus negócios, mas que também pensou muito sobre fama e poder que ele nunca atingiu é ainda outro. A grande massa de pessoas fortes e pobres, que se autossacrificam e têm muito pouco tempo para pensar, constitui outra categoria distinta. Em todas elas, a quantidade total de pensamentos da vida compõe o fluxo ou fio de meditação de uma vida – "aquela sobre a qual o coração se estabeleceu" – e é guardada em *Manas*, para ser exteriorizada novamente a qualquer momento em qualquer vida em que o cérebro e a ambientação corporal sejam similares àqueles usados para gerar aquela categoria de pensamentos.

É *Manas* que vê os objetos apresentados a ele pelos órgãos do corpo e pelos verdadeiros órgãos internos. Quando o olho aberto recebe uma imagem na retina, toda a cena se transforma em vibrações no nervo óptico, que desaparecem dentro do cérebro, onde *Manas* é capaz de percebê-las como ideia. E o mesmo ocorre com os demais órgãos e sentidos. Se a conexão entre *Manas* e o cérebro se rompe, a inteligência não mais se manifestará a menos que *Manas* tenha, por treinamento, descoberto como projetar o corpo astral para fora do físico e manter comunicação assim com outras pessoas. O hipnotismo, o mesmerismo e o espiritismo provaram que os órgãos e os sentidos não conhecem objetos. Como vemos em experimentações mesméricas e hipnóticas, o objeto visto ou sentido, e a partir do qual todos os efeitos de objetos sólidos podem ser sentidos, é apenas uma ideia que existe no cérebro do operador. Da mesma forma, *Manas*, usando o corpo astral, tem apenas que imprimir uma ideia na outra pessoa para fazer com que esta veja a ideia e a traduza em um corpo visível, a partir do que os efeitos normais de densidade e peso parecem seguir-se. E em hipnotismo existem muitos experimentos, todos os quais mostram que a assim chamada matéria não é por si mesma sólida ou densa; que a visão nem sempre depende do olho e de raios de luz procedentes de um objeto; que o que é intangível para um cérebro e órgãos normais pode ser perfeitamente tangível para outro, e que efeitos físicos no corpo podem ser produzidos

apenas por uma ideia. É conhecido o experimento de produzir uma bolha por um simples pedaço de papel, ou de impedir que o verdadeiro gesso corrosivo forme essa bolha, pela força de uma ideia convertida na convicção, tanto de que deveria, como de que não deveria se formar uma bolha. Este experimento comprova conclusivamente o poder de efetuar um impulso na matéria pelo uso do que chamamos *Manas*. Mas todos esses fenômenos são exemplos de poderes de *Manas Inferior*, atuando no corpo astral e no quarto princípio, o princípio do Desejo, e usando o corpo físico como campo para a demonstração das forças.

É este *Manas Inferior* que retém todas as impressões de uma encarnação, e algumas vezes estranhamente as mostra em transes ou sonhos, delírios, estados induzidos, aqui e ali em condições normais, e muito frequentemente no momento da morte física. Mas ele fica tão ocupado com o cérebro, com a memória e com a sensação, que geralmente mostra apenas algumas recordações a partir de uma massa de acontecimentos que os anos trazem até ele. Ele interfere com a ação de *Manas Superior* porque no estágio atual da evolução, o Desejo e todos os poderes, faculdades e sentidos correspondentes a ele são os mais altamente desenvolvidos, e assim obscurecem, de certo modo, a luz branca do lado espiritual de *Manas*. Ele é colorido por cada objeto que lhe é apresentado, seja um objeto de pensamento ou objeto material. Isso quer dizer que *Manas Inferior*, operando através do cérebro, é imediatamente alterado adotando a forma e outras características de qualquer objeto, mental ou não. Isso lhe confere quatro peculiaridades: *Primeira*, de naturalmente voar para longe de qualquer ponto, objeto, ou assunto; *segunda*, de voar para uma ideia agradável; *terceira*, de voar para uma ideia desagradável; *quarta*, de se manter passivo, sem cogitar em nada. A primeira se deve à memória e ao movimento natural de *Manas*; a segunda e terceiras se devem apenas à memória; a quarta, quando não anormal, significa o sono, e quando anormal, reflete tendência à insanidade. Essas características mentais todas pertencem a *Manas Inferior* e são aquelas que *Manas Superior*, ajudado por *Buddhi* e *Atma*, tem que lutar para conquistar. *Manas Superior*, quando consegue agir, se torna o que algumas vezes chamamos de Gênio; se completamente desenvolvido, então o indivíduo pode se tornar divino. Mas a memória continuamente apresenta imagens a *Manas Inferior*, e o resultado é que o Superior fica obscurecido. Algumas vezes, porém, ao longo da estrada da vida, nós vemos aqui e ali homens que são gênios, ou grandes visionários, ou profetas. Nestes casos os poderes superiores de *Manas* estão ativos e a pessoa está iluminada. Foi assim com grandes Sábios do passado, homens como Buda, Jesus, Confúcio, Zoroastro e outros. Poetas também, tais como Tennyson, Longfellow e outros, são homens em quem *Manas Superior* vez por outra lança um claro raio de luz ao homem abaixo, que pode ser rapidamente obscurecido, entretanto, pelos efeitos da educação religiosa dogmática, a qual transmite à memória algumas imagens que sempre impedem *Manas* de atingir plena atividade.

Nessa Trindade Superior, nós temos Deus acima de cada um; esse é *Atma*, e pode ser chamado de Eu Superior.

A seguir vem a parte espiritual da alma, chamada *Buddhi*; quando completamente unida a *Manas* ela pode ser chamada de Eu Divino.

O Eu interior, que reencarna e assume um corpo após outro, armazena as impressões de vida após vida, ganha experiência e adiciona-a ao Eu divino, sofrendo e tendo satisfação ao longo de um período imenso de tempo é o quinto princípio – *Manas* – não unido a B*uddhi*. Essa é a individualidade permanente que dá a cada homem o sentido de ser ele mesmo e não um outro; e que através de todas as mudanças de dias e noites, desde a juventude até o final da vida, nos faz sentir que temos uma só identidade ao longo de todo esse período; ele atravessa o hiato trazido pelo sono, e de modo semelhante atravessa o hiato trazido pelo sono da morte. É ele, e não o cérebro, que nos ergue acima do animal.

A profundidade e a variedade das operações cerebrais no homem não são a causa da mente, mas são causadas, isto sim, pela presença de *Manas*. E quando nós, de modo contínuo ou só de vez em quando, nos tornamos conscientemente unidos a *Buddhi*, a Alma Espiritual, nós contemplamos Deus, de certo modo. É isso o que todos os antigos desejavam ver, mas no que os modernos não acreditam, preferindo antes jogar fora seu próprio direito de serem grandes na natureza, para adorar um deus imaginário, construído apenas de suas próprias fantasias, não muito diferentes da fraca natureza humana. **[1]**

Essa individualidade permanente ao longo da atual raça **[2]** tem assim atravessado todo o tipo de experiência, porque a Teosofia insiste na sua permanência e na necessidade de sua continuidade para que possa fazer parte da evolução. A individualidade tem um dever a cumprir, que consiste em elevar a um patamar mais alto toda a matéria concernente na cadeia de globos à qual a terra pertence. Todos nós vivemos e tomamos parte em civilização após civilização, raça após raça, na terra, e continuaremos através de todas as rondas e raças, até que a sétima se complete. Ao mesmo tempo, deveria ser lembrado que a matéria deste globo e dos globos que são ligados a ele também tem atravessado todo tipo de forma, com algumas possíveis exceções em planos muito baixos da formação mineral. Mas em geral toda a matéria visível, ou suspensa no espaço e ainda não precipitada, foi moldada, em um momento ou outro, em toda uma variedade de formas, a respeito de muitas das quais não fazemos hoje a menor ideia. Os processos da evolução, portanto, seguem agora em algumas áreas com maior rapidez do que em eras anteriores porque tanto *Manas* quanto matéria adquiriram facilidade para agir. Isso é especialmente verdadeiro em relação ao homem, que é de longe o mais avançado de todos os objetos ou seres nessa evolução. Ele agora se encarna e projeta-se na vida mais rapidamente do que em períodos anteriores, quando se levava muitos anos para se obter um "casaco de carne". Esse vir à vida por repetidas vezes não pode ser evitado pelo homem comum, porque nele *Manas Inferior* ainda está ligado ao Desejo, que é o princípio preponderante no presente período. Sendo tão influenciado pelo Desejo, *Manas* é continuamente iludido enquanto está preso ao corpo, e, sendo iludido, é incapaz de evitar a ação sobre si mesmo das forças estabelecidas no período de uma vida. Essas forças são geradas por *Manas*; isto é, pelo pensamento ao longo do período de uma existência. Cada pensamento estabelece um elo físico e mental com o desejo no qual tem suas raízes. Toda a vida está cheia de tais pensamentos, e quando o período de repouso após a morte termina, *Manas* é atraído à terra por inúmeros fios elétrico-magnéticos em função dos pensamentos da última vida, e portanto pelo desejo, porque foi o desejo que causou tantos pensamentos e a sua ignorância da verdadeira natureza das coisas. Uma compreensão dessa doutrina, segundo a qual o homem é na realidade um pensador e feito de pensamento, tornará claro todo o resto em relação à encarnação e reencarnação. O corpo do homem interno é feito de pensamento, e, sendo assim, segue-se que, se os pensamentos têm mais afinidade pela vida terrena do que pela vida em outro lugar, um retorno à vida é inevitável.

No momento atual da evolução, *Manas* não está plenamente ativo na raça humana, já que o Desejo ainda predomina. No próximo ciclo do período humano, *Manas* será completamente ativo e desenvolvido em toda a raça. Assim, o povo da terra ainda não chegou ao ponto de fazer uma escolha consciente sobre qual caminho irá tomar; mas quando no ciclo acima referido, *Manas* estiver ativo, todos serão aí compelidos a fazer conscientemente a escolha para o caminho correto ou errado. O primeiro leva à união consciente com *Atma*, o outro à aniquilação **[3]** dos seres que fizerem esta opção.

NOTAS:

[1] "Deus". Em teosofia, nem sempre se usa a palavra "Deus". Quando a palavra é usada, ela tem o mesmo significado que na filosofia platônica clássica. Trata-se apenas da lei universal. É a inteligência infinita presente no Cosmo físico e além dele. É o conjunto de inteligências divinas que regem a vida por toda parte. Nada tem a ver com a fabricação teológica de um deus

monoteísta, uma lamentável ilusão que tem estado na origem da maior parte das guerras dos últimos milênios. (NT)

[2] "Atual raça". A raça humana atual, vista teosoficamente, inclui os descendentes de todos os povos e gente com diferentes cores de pele e evolui ao longo de grandes períodos de tempo. O conceito teosófico de raça não está preso ao plano físico e não inclui a ideia de que o ser de alguma raça seja inferior ou superior ao sujeito de outra. Ao contrário. O movimento teosófico foi criado para promover a fraternidade universal entre indivíduos de todos os povos, raças, castas e religiões. Veja mais sobre raças no capítulo três da presente obra. (NT)

[3] "Aniquilação". Sobre este termo, H. P. Blavatsky esclarece em "Ísis Sem Véu": "...Aniquilação, para a filosofia budista, significa apenas uma dispersão de matéria". A matéria aniquilada, ou dispersa, pode ser tanto densa quanto sutil. (Ver "Isis Unveiled", Theosophy Co., vol. I, p. 290.) (NT)

000

CAPÍTULO VIII

Sobre a Reencarnação

Como o homem se tornou o ser complexo que é, e por que razão, são duas questões para as quais nem a Ciência nem a Religião têm respostas definitivas. Esse pensador imortal, que possui poderes e possibilidades tão vastos devido à sua íntima conexão com cada parte secreta da Natureza a partir da qual ele é construído, encontra-se no topo de uma evolução imensa e silenciosa.

Ele pergunta por que a Natureza existe, qual é o objetivo do drama da vida, e como esse objetivo pode ser atingido. Mas nem a Ciência nem a Religião conseguem dar uma resposta razoável. A ciência não pretende ser capaz de dar a solução, dizendo que o exame das coisas, tal como elas são, já é trabalho suficiente. A religião oferece uma explicação tão ilógica quanto sem sentido, aceitável apenas para o beato, já que exige que consideremos toda a Natureza um mistério e que procuremos o sentido e significado da vida, com todo o seu sofrimento, na satisfação de um Deus que não pode ser descoberto. A mente educada e inquisitiva sabe que a religião dogmática pode apenas dar uma resposta inventada pelo homem, enquanto finge que ela vem de Deus.

Para que serve então o universo, e para que propósito final está aqui em evolução o homem, o pensador imortal? Tudo isso é para a experiência e para a emancipação da alma, para o propósito de elevar toda a massa de matéria manifestada até a estatura, a natureza e a dignidade da condição divina consciente. O grande objetivo é alcançar a autoconsciência; não através de uma raça, ou tribo, ou de alguma nação favorecida, mas através do aperfeiçoamento, e depois da transformação, de toda a massa de matéria e também daquilo que agora chamamos de alma. Nada é, nem será, deixado de fora. O objetivo para o homem atual é a sua iniciação no conhecimento completo, e para os demais reinos abaixo dele, que eles sejam elevados gradualmente de um estágio a outro para a seu tempo também serem iniciados. Isso é a evolução elevada à sua mais alta potência; é um panorama magnífico; faz do homem um deus, e dá a cada parte da natureza a possibilidade de um dia ser o mesmo. Há força e nobreza nisso, porque assim nenhum homem é diminuído ou encolhido, pois ninguém é originalmente tão pecador que não possa se erguer acima de todo

pecado. Vista da posição materialista da Ciência, a evolução abarca apenas metade da vida; enquanto na concepção religiosa existe uma mistura de absurdo e medo. As religiões atuais conservam o elemento do medo, e ao mesmo tempo imaginam que um ser Todo-Poderoso não foi capaz de pensar em nenhuma outra terra que não esta, e que só pode governá-la de modo bastante precário. Mas a antiga visão teosófica faz do universo um todo vasto, completo e perfeito.

A partir do momento em que postulamos uma evolução dupla, física e espiritual, nós temos que admitir ao mesmo tempo que ela só pode ser proporcionada pela reencarnação. Isto é, de fato, demonstrado pela ciência. Ela mostra que a matéria da terra e de todas as coisas físicas que existem sobre ela foi, em algum momento, gasosa ou derretida; que ela esfriou e se alterou; e que de suas alterações e evoluções foi finalmente produzida toda a grande variedade de coisas e seres. Isso, no plano físico, é a transformação ou mudança de uma forma para outra. A massa total de matéria é mais ou menos a mesma que no início desse planeta, com um acréscimo diminuto de alguma poeira estelar. Desde então ela deve ter mudado inúmeras vezes, sendo desta forma reformada e reincorporada. Naturalmente que, para ser estritamente preciso, não podemos usar a palavra "reencarnação" porque "encarnar" implica carne. Vamos dizer "reincorporar", e então vemos que tanto para a matéria como para o homem tem havido uma mudança constante de forma; e isso é, falando em termos gerais, "reencarnação".

Quanto à massa total de matéria, a doutrina diz que ela chegará ao estágio humano quando o próprio homem tiver ido mais adiante. Não há resíduo algum depois da salvação final do homem, que tenha de algum modo misterioso de ser colocado de lado em alguma pilha de lixo da natureza. A verdadeira doutrina não admite nada assim, e ao mesmo tempo ela não tem medo de apresentar a verdadeira situação do que poderia parecer um resíduo. O resíduo é todo trabalhado em outros estados, e, como a filosofia declara que não existe nenhuma matéria inorgânica, mas que todo átomo está vivo e tem o germe da autoconsciência, conclui-se que um dia tudo terá sido mudado. Assim, o que agora é chamado de carne humana um dia foi totalmente mineral, mais adiante vegetal, e agora é refinado em átomos humanos. Em um ponto muito longínquo no tempo, a matéria vegetal atual terá sido elevada ao estágio animal, e o que agora usamos como nossa matéria orgânica ou carnal terá sido mudada pela transformação através da evolução em pensadores autoconscientes. E assim por diante, ao longo de toda a escala, até que venha o tempo em que aquilo que hoje é conhecido como matéria mineral terá passado pelo estágio humano e ascendido ao estágio de pensador.

E então, com a chegada de outro grande período de evolução, a matéria mineral daquele tempo será algo que está agora passando por suas transformações mais inferiores em outros planetas e em outros sistemas de mundos. Isso talvez pareça um esquema "fantasioso" para os homens de nossos dias. Eles estão tão acostumados a serem chamados, desde que nascem, de maus, de pecadores, de fracos e de completamente tolos, que temem acreditar na verdade sobre si mesmos; mas para os discípulos dos antigos teosofistas não é impossível ou fantasioso, mas sim lógico e vasto. E sem dúvida isso um dia será admitido por todos, quando a mente dos povos ocidentais tiver rompido com a cronologia mosaica e as ideias mosaicas sobre o homem e a natureza. Portanto, em relação ao conceito de reencarnação ou metempsicose, dizemos em primeiro lugar que ele tem que ser aplicado a todo o cosmos e não ao homem somente. Mas como o homem é o objeto de conhecimento mais interessante para si mesmo, nós vamos considerar em detalhes sua aplicação a ele.

Essa é a mais antiga das doutrinas, e hoje as mentes humanas que a aceitam são mais numerosas do que aquelas que a rejeitam. Dos milhões no Oriente, quase todos a aceitam; ela era ensinada pelos gregos; um grande número de chineses acreditam agora como faziam seus ancestrais; os judeus a consideravam como verdade, e isso não desapareceu de sua religião; e Jesus, chamado de

fundador do cristianismo, também acreditava e a ensinava. Na igreja cristã primitiva, ela era conhecida e ensinada, e os melhores entre os padres da igreja acreditavam nela e a divulgavam.

Os cristãos deveriam lembrar que Jesus era um judeu que pensava que sua missão era para os judeus, pois ele diz em Mateus: "Não fui enviado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel". Ele deve ter conhecido muito bem as doutrinas estabelecidas por eles. Todos acreditavam na reencarnação. Para eles Moisés, Adão, Noé, Set e outros haviam retornado à terra, e no tempo de Jesus era crença corrente que o antigo profeta Elias ainda devia retornar. Assim vemos, primeiro, que Jesus nunca negou a doutrina, e que em várias ocasiões a confirmou, como quando ele disse que João Batista era na verdade o antigo Elias pelo qual as pessoas esperavam. Tudo isso pode ser confirmado consultando Mateus nos capítulos XVII, XI e outros.

Neles, Jesus é claramente apresentado como aprovando a doutrina da reencarnação. E seguindo Jesus nós encontramos S. Paulo, em Romanos IX, falando de Esaú e Jacó como se de fato existissem antes de terem nascido, e mais tarde grandes padres da igreja como Orígenes, Sinésio e outros acreditaram e ensinaram a teoria. Em Provérbios VIII, 22, nós temos Salomão dizendo que quando a Terra foi feita ele estava presente, e que muito antes que ele pudesse nascer como Salomão, vivia sua felicidade nas partes habitáveis da terra com os filhos dos homens. S. João Evangelista afirma no Apocalipse que lhe foi dito em uma visão, através da voz de Deus ou da voz de alguém falando por Deus, que quem vencesse não teria mais a necessidade de "sair", isto é, não precisaria mais reencarnar. Ao longo de quinhentos anos, depois de Jesus, a doutrina foi ensinada pela igreja, até o Concílio de Constantinopla. Então foi aprovada uma condenação, em relação a um aspecto da questão, que tem sido considerada por muitos como contrária à reencarnação. Mas se esta condenação vai contra as palavras de Jesus, não tem nenhum efeito. Ela se opõe a ele, de fato, e assim a igreja ficou na posição de afirmar que Jesus não sabia o suficiente para condenar, como a igreja o fez, a doutrina conhecida e ensinada em sua época. Ela foi obviamente do seu conhecimento, e nunca foi condenada, e sim aprovada, por ele.

O Cristianismo é uma religião judaica, e a doutrina da reencarnação pertence a ela historicamente por sucessão dos judeus, e também pelo fato de ter sido ensinada por Jesus e pelos primeiros padres da igreja. Se há alguma maneira lógica ou verdadeira para a igreja cristã sair dessa posição – excluindo, é claro, os dogmas da igreja – os teosofistas gostariam de ser informados. De fato, os teosofistas sustentam que sempre que um cristão nega a teoria, ele desse modo estabelece sua convicção contra a de Jesus, que deve ter sabido mais sobre esse assunto do que aqueles que o seguiram. É o anátema lançado pelo concílio da igreja e a ausência desta doutrina dos ensinamentos que hoje está danificando a Cristandade, e transformando todas as nações cristãs em povos que fingem ser seguidores de Jesus e da lei do amor, mas que na verdade, como nações, seguem a lei de Moisés, da retaliação. Pois só a reencarnação contém a resposta para todos os problemas da vida, e nela e no Carma está a força que fará com que os seres humanos sigam, de fato, a ética que eles adotam em teoria. O objetivo da filosofia antiga é devolver essa doutrina a toda religião que a tenha perdido, e assim nós a chamamos de "o elo perdido do Cristianismo".

Mas quem, e o quê, reencarna? Não é o corpo, pois este morre e se desintegra; e só poucos de nós gostariam de estar acorrentados para sempre aos corpos que temos hoje, admitindo-se que são afetados por doenças, exceto no caso dos selvagens. Não é o corpo astral, porque, como foi mostrado, este também tem um prazo, e deve ser reduzido a pedaços depois que o físico se vai. Nem são as paixões e desejos. Estes, certamente, têm uma duração muito longa, porque possuem o poder de se reproduzir a cada vida, desde que não os erradiquemos. E a reencarnação possibilita isso, já que ela nos dá muitas oportunidades de ir matando, lentamente e um a um, os desejos e paixões que desfiguram o cenário celeste do homem espiritual.

Já mostramos que nossa parte emocional se junta à astral após a morte, e forma um ser aparente, que tem uma curta vida enquanto está se desintegrando. Quando se completa a separação em relação ao corpo que morreu, o corpo astral e as paixões e desejos – e a vida começa a se ocupar com outras formas – os elementos da Tríade Superior, *Manas, Buddhi e Atma,* que constituem o ser humano real, imediatamente vão para um outro estado, e quando termina aquele estado, que é chamado de *Devachan*, eles voltam à Terra para reencarnar. Eles são a nossa parte imortal; eles de fato, e nenhum outro, somos nós. Isso deveria ser captado firmemente pela mente, porque da sua clara compreensão depende a percepção de toda a doutrina.

O que impede que o homem ocidental moderno tenha essa clara visão é o longo condicionamento que sofremos por uma ciência materialista e uma religião materializante, e as duas têm dado demasiada atenção ao corpo meramente físico. A ciência tem ensinado apenas sobre a matéria, e a outra tem pregado a ressurreição do corpo, uma doutrina que se opõe ao bom senso, aos fatos, à lógica e ao testemunho. Mas não há dúvida de que a teoria da ressurreição corporal surgiu da corrupção do ensinamento antigo e verdadeiro. A Ressurreição é fundamentada naquilo que Jó diz sobre ver o seu redentor na sua carne, e na observação de S. Paulo de que o corpo se ergue incorruptível. Mas Jó era um egípcio que falava da visão do seu professor ou iniciador, que era o redentor, e Paulo referia-se apenas ao corpo espiritual.

Embora a reencarnação seja a lei da natureza, a trindade completa de *Atma-Buddhi-Manas* ainda não encarna integralmente na raça humana atual. Eles usam e ocupam o corpo através da abertura de *Manas*, o mais inferior dos três, e os outros dois brilham sobre ele a partir de cima, constituindo o Deus no Céu. Isso era simbolizado no antigo ensinamento judaico pelo Homem Celeste, que tem a sua cabeça no céu e seus pés no inferno. Isto é, a cabeça, *Atma e Buddhi*, está ainda no céu, e os pés, *Manas*, andam no inferno, que é o corpo e a vida física. Por essa razão o homem não é ainda plenamente consciente, e as reencarnações são necessárias até completar a encarnação de toda a trindade no corpo.

Quando isso for alcançado, os membros da raça humana serão como deuses; a trindade divina estará plenamente desenvolvida, e toda a massa de matéria será aperfeiçoada e elevada ao próximo grau. Este é o significado real da expressão "a palavra feita carne." É uma coisa tão grandiosa quando atingida por uma pessoa individual, como no caso de Jesus ou Buda, que tais processos são vistos como encarnações divinas. E disso também vem a ideia de crucificação, pois *Manas* está desta forma crucificado com o propósito de elevar o ladrão ao paraíso.

É porque a trindade ainda não está encarnada na raça humana que a vida tem tantos mistérios, alguns dos quais estão se revelando no dia a dia em todos os vários experimentos feitos no homem e pelo homem.

O médico não sabe para que é feita a vida, nem por que o corpo se move como faz, porque a porção espiritual ainda está envolta nas nuvens do céu; o cientista fica vagando no escuro, confundido e confuso por tudo o que o hipnotismo e outras coisas estranhas colocam diante dele, porque o homem consciente está fora do alcance da visão, no topo da montanha divina, assim compelindo o erudito a falar de "mente subconsciente" de "personalidade latente" e coisas semelhantes; e o sacerdote não pode dar esclarecimento algum, porque nega a natureza divina no homem, reduz tudo ao nível do pecado original e põe sobre nossa concepção de Deus a marca negra da incapacidade de controlar ou gerenciar a criação sem a invenção de expedientes para curar supostos erros. Mas essa antiga verdade resolve o enigma e pinta Deus e a Natureza com cores harmoniosas.

A reencarnação não inclui a ideia de que nós assumimos formas de animais depois da morte, como acreditam alguns povos orientais. "Uma vez humano, sempre humano" é o ditado da Grande

Loja. Não seria uma punição exagerada para alguns homens se fosse possível condená-los a renascer em corpos de animais; entretanto a natureza não segue o sentimento, mas sim a lei; e nós, não sendo aptos a ver tudo, não podemos dizer que o homem animalesco é animal em toda a sua natureza. E a evolução, tendo trazido *Manas*, o Pensador e Pessoa Imortal, até esse plano, não pode enviá-lo de volta ao mundo animal, que não tem *Manas.*

Examinando duas explicações para a aceitação literal, por alguns povos do Oriente, daquelas leis do Manu que parecem ensinar que há uma transmigração para o mundo dos animais, insetos e assim por diante, nós podemos ver por que o verdadeiro estudante da doutrina não cai no mesmo erro.

A primeira explicação é que os vários versos e livros que ensinam tal transmigração têm a ver com o método real de reencarnação, isto é, com a explicação sobre os processos efetivos aos quais o Ego se submete, ao passar do estado incorpóreo para o corpóreo, e também com as vias, caminhos ou meios de descida do plano invisível para o plano visível. Isso ainda não foi totalmente explicado nos livros teosóficos, porque, por um lado, é um assunto delicado; e por outro, os detalhes não fariam sentido nem para os teosofistas; mas a explicação será dada, um dia. Como esses detalhes não são da maior importância, não serão expostos agora. Mas como sabemos que nenhum corpo humano é formado sem a união sexual, e que os germes de tal produção estão contidos nos sexos e devem vir da comida que é ingerida pelo corpo, é óbvio que o alimento tem algo a ver com a encarnação do Ego. A este respeito, se a estrada da reencarnação segue por determinados alimentos e não por outros, é possível que, para o caso em que o Ego fica preso a certos alimentos que não levarão ao germe da reprodução física, uma punição seja indicada, na passagem em que o Manu diz que tais e tais práticas levarão à transmigração. Eu lanço essas ideias aqui para uso de certos teosofistas cujas teorias a respeito são vagas e estão, em alguns casos, baseadas em hipóteses muito diferentes.

A segunda explicação é que, assim como a natureza pretende que usemos a matéria que entra em nossos corpos físico e astral com o propósito de, entre outros, beneficiá-la através da impressão que recebe ao se associar com o Ego humano, se nós a usarmos de forma a dar-lhe apenas impressões animais, ela deve retornar ao reino animal para lá ser absorvida, em vez de ser refinada e mantida no plano humano. E como toda a matéria que o Ego humano reúne retém a marca ou impressão fotográfica do ser humano, a matéria transmigra para o nível inferior quando recebe uma impressão animal do Ego.

Esse fato verdadeiro do grande laboratório da natureza poderia ser facilmente mal interpretado pelo ignorante. Mas os estudantes de hoje sabem que uma vez que *Manas*, o Pensador, entra em cena, ele não retorna mais a formas básicas. Primeiro, porque não deseja isso, e segundo, porque não pode. Porque, assim como o sangue no corpo é impedido de refluir pelas válvulas cardíacas, encharcando o coração, assim no grande sistema de circulação universal a porta se fecha atrás do Pensador e impede o seu retrocesso. A reencarnação é uma doutrina que se aplica ao ser humano real, e não ensina a transmigração para reinos da natureza que estão abaixo do humano.

000

CAPÍTULO IX

Sobre a Reencarnação (Continuação)

No Ocidente, onde o objetivo da vida é o sucesso comercial, financeiro, social ou científico – isto é, lucro, engrandecimento e poder pessoais – a vida real do ser humano recebe pouca atenção; e nós, ao contrário dos orientais, damos pouco destaque à doutrina da pré-existência da alma e da reencarnação. Que a igreja a negue já é o suficiente para muitos, e com eles nenhuma argumentação vale a pena. Confiando na igreja, eles não querem perturbar a serenidade de sua fé em dogmas que podem ser ilógicos. Como lhes foi ensinado que a igreja é capaz de mandá-los para o inferno, um medo cego do anátema lançado sobre a reencarnação no concílio de Constantinopla, por volta do ano de 500 E.C., é suficiente para impedi-los de aceitar a teoria amaldiçoada. E a igreja, ao discorrer sobre o assunto, insiste na objeção de que se os homens se convencerem de que terão muitas vidas, a tentação de aceitar o presente e fazer o mal sem controle será muito forte.

Absurda como possa parecer, a tese é divulgada por muitos Jesuítas instruídos, que dizem que os homens preferem usar a chance atual a esperar por outras. Se não houvesse retribuição cármica alguma, esse seria um bom argumento, mas a Natureza também tem uma Nêmesis para cada malfeitor. E como cada um, sob a lei do Carma – que é a lei da causa e do efeito e da justiça perfeita – deve receber ele mesmo em cada vida a exata consequência de cada ação ou pensamento, bom ou ruim, que ele tenha produzido em outras vidas, a base para a conduta moral está garantida. Há segurança sob esse sistema, já que nenhum homem pode, por nenhuma exceção, favor, édito ou crença, escapar das consequências; e cada um que abraça essa doutrina será movido pela consciência e por todo o poder da natureza a fazer o bem, de maneira que receba o bem e se torne feliz.

Diz-se que a ideia do renascimento é inadequada e desagradável porque, por um lado, ela é fria, não permite que nenhum sentimento interfira, e proíbe-nos de renunciar por vontade própria a uma vida que descobrimos ser dolorosa; e, por outro lado, porque neste caso parece não haver chance alguma de revermos os seres que amamos e que morreram antes de nós. Mas, quer gostemos ou não disso, as leis da Natureza continuam imperturbáveis, e sentimentos ou emoções não podem de modo algum evitar a consequência que deve seguir à causa. Se comemos comida ruim, resultados ruins devem acontecer. O glutão gostaria que a Natureza lhe permitisse comer até fartar-se sem a indigestão que virá; mas as leis da Natureza não são deixadas de lado deste modo. Por sua vez, o argumento que rejeita a ideia de não vermos nossos seres queridos no paraíso, como é pregado pela religião dogmática, pressupõe uma parada completa na evolução e no desenvolvimento daqueles que deixaram a terra antes de nós. E também implica que o reconhecimento mútuo depende da aparência física. Mas do mesmo modo que progredimos nessa vida, também todos devemos progredir depois que a deixamos, e seria injusto obrigar os outros a esperar por nossa chegada para que pudéssemos reconhecê-los.

Se alguém refletir nas consequências naturais de elevar-se ao céu, onde todos os obstáculos são afastados, deve ficar claro que aqueles que lá chegaram, digamos, vinte anos antes de nós, devem, conforme a natureza das coisas mentais e espirituais, ter feito um progresso equivalente a muitas centenas de anos aqui, sob condições muito diferentes e favoráveis. Como poderíamos então, chegando depois e ainda imperfeitos, estar aptos a reconhecer aqueles que estiveram aperfeiçoando-se no céu com tamanhas vantagens? E como sabemos que o corpo é deixado para

trás para que se desintegre, então é evidente que na vida espiritual e mental o reconhecimento não pode depender da aparência física. Porque, além de isso ser óbvio, estamos cientes de que um corpo deformado e feio frequentemente abriga uma mente gloriosa e uma alma pura, e que um exterior belamente formado – tal como no caso dos Bórgias – pode ocultar um demônio em caráter. Portanto, onde o corpo está ausente, a forma física não dá nenhuma garantia de reconhecimento. E a mãe que perdeu um filho já adulto deve saber que ela o amava quando bebê tanto quanto o amava depois, quando a alteração provocada pela vida já tinha varrido completamente a forma e as feições da infância. Os teosofistas veem que essa objeção não faz sentido diante da vida eterna e pura da alma. E a Teosofia também ensina que aqueles que são semelhantes entre si e amam um ao outro reencarnarão juntos sempre que as condições permitirem. Toda vez que um de nós for mais longe na estrada para a perfeição, ele sempre será movido a ajudar e confortar aqueles que pertençam à mesma família. Mas quando alguém se torna grosseiro, egoísta e mau, ninguém irá querer sua companhia em vida alguma.

O reconhecimento depende da visão interna e não da aparência externa; assim, não há força nessa objeção. E o outro aspecto relativo à perda do pai ou mãe, de um filho ou um parente, é baseado na crença errada de que assim como os pais dão à criança o seu corpo, também lhe dão sua alma. Mas a alma é imortal e não tem pais. Portanto, essa objeção é sem base.

Alguns argumentam que a hereditariedade invalida a reencarnação. Nós argumentamos que ela a comprova. A hereditariedade, ao nos dar um corpo em uma família, provê o ambiente apropriado para o Ego. O Ego só entra em uma família que corresponda completamente à sua natureza, ou que forneça uma oportunidade para o exercício de sua evolução, à qual também esteja ligado devido a encarnações passadas, ou por motivos mutuamente acertados. Assim a criança má pode vir para uma família que é atualmente boa porque os pais e a criança estão indissoluvelmente ligados por ações passadas. É uma chance de redenção para a criança, e de punição para os pais. Isso aponta para o fato de que a hereditariedade corporal é uma lei natural que rege os corpos que devemos habitar, assim como as casas em uma cidade mostrarão a mentalidade dos seus construtores. E uma vez que nós e nossos pais fomos os construtores e influenciadores dos corpos, tomamos parte e fomos responsáveis pelas situações sociais nas quais o desenvolvimento de corpos e cérebros físicos foi retardado ou estimulado, depreciado ou não, somos responsáveis nessa vida pela civilização na qual surgimos agora. Mas quando olhamos para o caráter das pessoas que habitam os corpos humanos, vemos grandes diferenças. Isso se deve à alma interior, que está sofrendo ou se alegrando – dentro da família, da nação e da raça – com aqueles pensamentos e atos que suas vidas passadas determinaram que fossem inevitáveis nesta vida.

A hereditariedade dá a moradia e também impõe aquelas limitações da capacidade cerebral ou corporal que são frequentemente uma punição, e às vezes uma ajuda; mas isso não afeta o Ego real. A transmissão de características é um assunto material, e constitui apenas o aparecimento em uma nação das consequências das vidas anteriores de todos os Egos que devem estar naquele povo. As limitações impostas ao Ego por qualquer hereditariedade familiar são consequências exatas das vidas anteriores daquele Ego. O fato de que tais características físicas e mentais sejam transmitidas não contradiz a reencarnação, já que sabemos que a mente condutora e o caráter real de cada um não são resultados de um corpo e de um cérebro, mas são próprios do Ego em sua vida essencial. A transmissão de características e tendências através dos pais e dos corpos é exatamente o modo selecionado pela natureza para dar ao Ego que encarna a casa adequada para o trabalho que ele deve desempenhar. De outra forma, seria impossível e contrário à ordem.

Aqueles que insistem na hereditariedade como objeção à reencarnação esquecem que eles estão acentuando as semelhanças e omitindo as divergências. As investigações na linha da hereditariedade têm registrado a transmissão de muitas características, mas não se faz isso com as divergências da hereditariedade, muito mais numerosas. Toda mãe sabe que as crianças de uma

família são tão diferentes em caráter como os dedos em uma mão – são todos dos mesmos pais, mas variam em caráter e capacidade.

A hereditariedade, como grande regra e como explicação completa, está absolutamente superada pela história. Está demonstrado que não há transmissão constante de aprendizado, poder e capacidade. Por exemplo, no caso dos antigos egípcios, desaparecidos há muito e cuja linha de transmissão foi dispersa, não há nenhuma herança em seus descendentes. Se a hereditariedade física explica a questão do caráter, como, então, o grande caráter egípcio se perdeu? A mesma questão surge a respeito de outras nações antigas e extintas. E tomando como exemplo individual, temos o grande músico Bach, cujos descendentes diretos mostraram um decréscimo na habilidade musical até que ela desapareceu da descendência familiar. Mas a teosofia ensina que em ambos os exemplos – e em todos casos semelhantes – a real capacidade e habilidade desapareceu apenas da família e do corpo nacional, mas está preservada nos Egos que então a exibiam, estando hoje encarnados em alguma outra nação ou família no tempo presente.

O sofrimento alcança praticamente todos os homens, e muitos levam vidas de aflição desde o berço até o túmulo. Surge então a objeção de que a reencarnação é injusta porque sofremos pelo erro feito por alguma outra pessoa em outra vida. Essa objeção se baseia na falsa noção de que a pessoa na outra vida era outro alguém; mas em todas as vidas o indivíduo é o mesmo. Quando nós voltamos, não assumimos o corpo de outro, nem os atos de um outro, mas somos como um ator que representa muitos papéis; é o mesmo ator que está ali dentro, embora recitando falas e com roupas diferentes a cada nova peça. Shakespeare estava certo ao dizer que a vida é como uma peça de teatro, pois a grande vida da alma é um drama, e cada nova vida e renascimento um outro ato no qual assumimos outro papel e trajamos uma nova roupa, mas somos o tempo todo a mesma pessoa. Assim, ao invés de ser injusta, a reencarnação é a justiça perfeita, e só através dela a justiça poderia ser preservada.

“Mas”, alegam, “se nós reencarnamos, como é que não nos lembramos da outra vida? E, já que não nos lembramos dos atos pelos quais devemos sofrer, não há aqui uma injustiça?” Os que fazem estas perguntas ignoram o fato de que eles também têm prazeres e recompensas na vida e estão contentes em aceitá-los sem questionamento. Pois se fosse injusto sermos punidos por atos dos quais não nos lembramos, seria também injusto sermos recompensados por outros atos que foram esquecidos. A mera entrada na vida não é base válida para qualquer recompensa ou punição. A recompensa e a punição devem ser o justo merecimento que resulta da conduta anterior. A lei de justiça da Natureza não é imperfeita. É apenas a imperfeição da justiça humana que requer que o ofensor saiba e se lembre nessa vida do fato ao qual uma penalidade é atribuída. Na vida anterior o indivíduo estava bem ciente do que fez, e a natureza fixa as consequências dos seus atos, sendo assim justa. Nós bem sabemos que ela fará o efeito seguir a causa, independentemente do nosso desejo, e quer nos lembremos ou esqueçamos do que fizemos. Se um bebê é machucado pela babá de forma que se abra caminho para uma doença incapacitante mais adiante na vida, como é frequentemente o caso, a doença incapacitante virá, embora a criança não a tenha provocado no presente, nem se lembre nada a esse respeito. Mas, sendo corretamente entendida, a reencarnação mostra – com sua companheira, a doutrina do Carma – como todo o esquema da natureza é perfeitamente justo.

A lembrança de uma vida pregressa não é necessária para provar que nós passamos por aquela existência, nem o fato de nada recordarmos é uma boa objeção. Nós esquecemos a maior parte das ocorrências dos anos e dias desta mesma vida, mas ninguém diria por essa razão que não atravessamos todos esses anos. Eles foram vividos, e nós retemos apenas alguns poucos detalhes deles no cérebro, mas seu efeito total no caráter é mantido e se torna uma parte de nós mesmos. A massa total de detalhes de uma vida é preservada no homem interno para ser um dia integralmente trazida de volta para a memória consciente em alguma outra vida, quando estivermos

aperfeiçoados. E mesmo agora, embora sejamos imperfeitos e saibamos muito pouco, os experimentos com hipnotismo mostram que todos os pequenos detalhes estão registrados no que atualmente se conhece como mente subconsciente. A doutrina teosófica diz que nem um único desses acontecimentos é de fato esquecido, e que, ao final da vida, quando os olhos estão fechados e aqueles ao nosso redor dizem que estamos mortos, cada pensamento e circunstância da vida surgem, cruzando vividamente a nossa mente.

Porém muitas pessoas se lembram de que viveram antes. Poetas têm cantado a esse respeito, e crianças bem o sabem, até que o convívio constante na atmosfera da descrença leva embora essa lembrança de suas mentes. Mas todos estão submetidos à limitação imposta sobre o Ego pelo novo cérebro a cada vida. É por isso que não podemos guardar as imagens do passado, sejam dessa vida ou das anteriores. O cérebro é o instrumento da memória da alma, e sendo novo a cada vida, mas com uma certa capacidade, o Ego só pode usá-lo na nova vida dentro dos limites da sua capacidade. Essa capacidade será plenamente aproveitada, ou não, de acordo com o próprio desejo do Ego e de acordo com sua conduta pregressa, porque as existências passadas terão aumentado ou diminuído seu poder para superar as forças da existência material.

Ao viver de acordo com os ditames da alma, o cérebro pode finalmente se tornar permeável para as recordações da alma; mas se levar um tipo de vida contrário, então mais e mais nuvens escurecerão aquela reminiscência. Como o cérebro não fez parte da existência anterior, ele em geral é incapaz de se lembrar. E essa é uma lei sábia, por que nos sentiríamos miseráveis se os atos e cenas de nossas outras vidas não ficassem fora de nossa visão, até o dia em que, pela disciplina, nos tornemos capazes de suportar o seu conhecimento.

Outra objeção levantada é que sob a doutrina da reencarnação não é possível contabilizar o aumento da população mundial. Isso pressupõe que sabemos com certeza que a população mundial tem crescido e nos mantemos informados de suas flutuações. Mas não se sabe até que ponto a população mundial tem aumentado **[1]**, e além disso, vastas quantidades de pessoas são mortas anualmente, sem que saibamos. Na China, ano após ano, muitos milhares têm sido carregados pelas enchentes. Estatísticas sobre a fome não foram feitas. Não sabemos hoje quantos milhares de mortes na África excedem os nascimentos em um ano. A objeção é baseada em tabelas imperfeitas que têm a ver apenas com os países ocidentais. Ela também pressupõe que há menos Egos fora da encarnação e aguardando para encarnar do que o número daqueles que estão habitando um corpo, e isso está incorreto.

Annie Besant fez uma boa colocação em sua “Reencarnação” ao dizer que o globo habitado se assemelha a um salão em uma cidade, que fica lotado por sua população, mas a parte da população que está do lado de fora é muito mais numerosa; o número de pessoas no salão pode variar, mas há uma fonte de suprimento constante da cidade. É verdade que, no que tange a esse globo, o número de Egos pertencentes a ele é definido; mas ninguém sabe que quantidade é essa, nem qual é a capacidade total da Terra para sustentá-los. Os técnicos em Estatística da atualidade estão em sua maior parte no Ocidente, e as suas tabelas abrangem apenas uma pequena seção da história humana. Eles não podem dizer quantas pessoas estiveram encarnadas na terra em nenhuma data passada, quando o globo esteve cheio em todas as suas regiões.

Assim, a quantidade de egos que desejam ou esperam reencarnar é desconhecida para o homem de hoje. Os Mestres do conhecimento teosófico dizem que o número total de egos é vasto, e por essa razão não faltam individualidades para ocupar os corpos que nascem, substituindo e superando o número dos que morrem. Também deve se ter em mente que para cada ego varia a duração da permanência nos estados *post-mortem*. Eles não reencarnam no mesmo intervalo, mas voltam do estado após a morte em diferentes proporções, e sempre que ocorre um grande número de mortes por guerra, peste ou fome, há de imediato um afluxo de almas para a encarnação, tanto no mesmo

lugar como em outros lugares ou raças. A terra é um globo muito pequeno, no vasto conjunto de planetas habitáveis. Há uma quantidade suficiente de Egos para a encarnação aqui. Mas com respeito àqueles que levantam essa objeção, eu não vejo como isso teria a menor força ou qualquer relação com a verdade da doutrina da reencarnação.

NOTA:

[1] Este texto foi publicado em 1893. Mesmo para aquela época, o raciocínio é falho. A população humana estava claramente em expansão e isso podia ser observado por qualquer cidadão do século 19. A questão decisiva, no assunto, é que o número de almas reencarnantes é muito maior que o número de almas encarnadas, em qualquer ponto da história. Por isso a população pode aumentar amplamente e mesmo assim se manterá devidamente abaixo do número de almas reencarnantes. (C. C. Aveline)

000

CAPÍTULO X

Argumentos a Favor da Reencarnação

A menos que se negue a imortalidade do homem e a existência da alma, não há argumentos fortes contra a doutrina da preexistência e do renascimento da alma, exceto a afirmação da Igreja de que cada nova alma é algo criado pela primeira vez. Essa tese só pode ser sustentada com base em um dogmatismo cego, porque, uma vez aceita a existência de uma alma, nós devemos chegar, cedo ou tarde, à teoria do renascimento. Mas mesmo que toda alma fosse nova nesta terra, ela deveria se manter vivendo em algum lugar depois da morte do corpo, e, devido à ordem conhecida da natureza, deveria ter algum outro corpo em outros planetas ou esferas.

A Teosofia aplica ao ser – o pensador – as mesmas leis que são vistas em funcionamento por toda a natureza; e todas elas são variantes da grande lei que diz que os efeitos seguem as causas, e que não existe um efeito sem uma causa. A imortalidade da alma – aceita pela imensa maioria da humanidade – requer uma corporificação, aqui ou em outro lugar, e esta corporificação significa reencarnação. Se nós viermos a esse planeta apenas por uns poucos anos e depois formos para algum outro, a alma deverá ser corporificada lá, assim como aqui, e se tivermos viajado de algum outro mundo para cá, nós devemos ter tido, por lá também, uma vestimenta adequada. Os poderes da mente e as leis que governam a sua movimentação, o seu apego e o seu desapego, tal como descritos na filosofia teosófica, mostram que sua recorporificação deve ser por aqui mesmo, onde ela se movimentou e trabalhou, e isso deve ocorrer até o momento em que a mente esteja apta a superar as forças que a acorrentam a esse globo. Permitir que a entidade se transfira para outra cena de ação antes que tenha superado todas as causas que a atraem para cá, e sem ter cumprido suas responsabilidades em relação aos outros seres da mesma corrente de evolução, seria injusto e contrário às poderosas leis e forças ocultas que operam continuamente sobre ela. Os primeiros padres cristãos viam esse fato, e ensinavam que a alma tinha caído na matéria e era obrigada pela lei da natureza a se esforçar para elevar-se novamente até o lugar de onde tinha vindo. Eles usavam um antigo hino grego que dizia:

Mente Eterna, a tua centelha que germina
Neste fino vaso de barro
Emite um raio tímido

Através das ondas do caos escuro.
Essa alma que envolve uma mente é semeada
Como um germe de vida encarnado na terra.
Por piedade, ó Ser Abençoado, toma posse
Daquilo que pede para nascer em Ti.
Longe de Ti, ó fogo central,
Lançada ao cativeiro triste da terra,
Não deixes que a trêmula centelha morra;
Absorve, ao final, aquilo que és Tu mesmo!

Cada ser humano tem um caráter definido, diferente de todos os outros, e as massas de pessoas reunidas em nações mostram que a força nacional e as peculiaridades que a distinguem formam um caráter nacional nítido e separado. Essas diferenças, tanto individuais como nacionais, são devidas ao caráter essencial, e não à educação. Mesmo a doutrina da sobrevivência dos mais aptos deveria mostrar isso, porque a aptidão não pode vir do nada. Ela deve mostrar-se afinal de contas como a eclosão, na superfície, do real caráter interior. Tanto os indivíduos como as nações que estão à frente na luta com a natureza mostram ter uma força imensa em seu caráter, e nós devemos ser capazes de encontrar um lugar e um tempo em que essa força se desenvolveu. Este lugar e tempo, diz a Teosofia, são esta Terra e todo o período durante o qual a raça humana tem estado no planeta.

Portanto, embora a hereditariedade tenha algo a ver com as diferenças de caráter em relação à força e à moral, e embora ela influencie um pouco a alma, fornecendo também o lugar apropriado para que ela receba recompensa ou punição, a hereditariedade não constitui a causa da natureza essencial de cada indivíduo.

Todas essas diferenças, tais como as demonstradas entre os bebês desde o nascimento, entre os adultos à medida que o seu caráter se revela mais claramente, e entre as nações em sua história, ocorrem devido à longa experiência adquirida durante as muitas vidas na terra, e são o resultado da própria evolução da alma. O processo de uma curta vida humana não dá base suficiente para a produção da sua natureza interior. É necessário que cada alma adquira toda a experiência possível, e uma vida não pode fornecer isso nem mesmo sob as melhores condições. Seria uma loucura do Todo Poderoso colocar-nos aqui por tão curto tempo, apenas para retirar-nos justamente quando estamos começando a ver o objetivo da vida e as suas possibilidades.

O mero desejo egoísta de uma pessoa escapar dos julgamentos e disciplinas da vida não é suficiente para colocar de lado as leis da natureza. A alma deve renascer até que tenha cessado de colocar em movimento as causas do renascimento. Isto ocorrerá depois de haver desenvolvido o seu caráter até o máximo possível, tal como indicado por todas as variedades da natureza humana. Ocorrerá quando tiver completado e transcendido toda experiência, e quando toda a verdade que pode ser conhecida tenha sido, já, adquirida. Se desejamos ver Justiça na Natureza, ou em Deus, a vasta disparidade entre os homens no que diz respeito à capacidade individual nos leva a admitir a reencarnação e a atribuir a origem da disparidade às vidas passadas de cada eu superior. Porque as pessoas são prejudicadas e sofrem abusos e aparentes injustiças tanto pela limitação de sua aptidão quanto pelas circunstâncias de nascimento ou educação. Vemos pessoas com pouca escolaridade que se erguem acima das circunstâncias da família e de educação formal, enquanto frequentemente os que nascem em boas famílias têm uma capacidade muito pequena. Mas os problemas das nações e das famílias surgem mais dessa falta de capacidade do que de qualquer outra causa. E se considerarmos apenas os povos silvícolas, lá a injustiça aparente é enorme. Porque muitos deles têm na verdade boa capacidade intelectual, mas ainda assim são silvícolas. Isso porque o eu superior que está naquele corpo é ainda pouco desenvolvido. Em contraste com os silvícolas, existem muitos homens com força cerebral pequena que não têm natureza silvícola porque os eus

superiores que os habitam tiveram longa experiência com a civilização no curso de outras vidas, e, sendo almas mais desenvolvidas, têm poder de usar o instrumento cerebral no seu limite mais alto.

Cada homem sente e sabe que ele tem uma individualidade própria, uma identidade pessoal que atravessa não só os intervalos causados pelo sono, mas também aqueles algumas vezes provenientes de lesões temporárias no cérebro. A identidade nunca se interrompe do começo ao fim da vida, na pessoa normal; e isso se deve apenas devido à persistência e ao caráter eterno da alma.

Assim, desde que começamos a nos lembrar, sabemos que nossa identidade pessoal não nos abandona, independentemente de quão ruim esteja nossa memória. Isso derruba o argumento de que a identidade depende da lembrança; porque se dependesse apenas das lembranças, nós teríamos que começar de novo a cada dia, já que não conseguimos nos lembrar em detalhe dos acontecimentos passados, e algumas mentes se lembram muito pouco, embora sintam a sua identidade pessoal. E, como é constatado muitas vezes que aqueles que se recordam menos insistem em sua identidade pessoal com tanta força quanto os outros, essa persistência da sensação deve vir da velha alma imortal.

Vendo a vida e o seu provável objetivo, com toda a variada experiência que é possível ao homem, o indivíduo é forçado à conclusão de que uma só vida não é suficiente para desenvolver tudo o que a Natureza espera dele, para não falar daquilo que o próprio homem espera alcançar. A variedade possível da experiência é enorme. Há um vasto campo de poderes latentes no homem, que, visivelmente, podem ser desenvolvidos, se lhe for dada oportunidade. Um conhecimento e uma diversidade infinitos se estendem à nossa frente, especialmente nesses dias em que a regra é a investigação especializada. Nós percebemos em nós altas aspirações, sem que tenhamos qualquer tempo para alcançá-las em toda sua extensão, enquanto a grande tropa de paixões e desejos, motivações e ambições egoístas, guerreiam conosco e entre si mesmos, perseguindo-nos até as portas da morte. Todos eles têm que ser testados, vencidos, usados, subjugados. Uma vida não é suficiente para isso.

Dizer que nós temos apenas uma vida aqui, com tais possibilidades colocadas diante de nós e sem poderem ser desenvolvidas, é fazer com que o universo e a vida sejam uma grande piada de mau gosto, perpetrada por um Deus poderoso que é então acusado, por aqueles que acreditam em uma criação especial de almas, de fazer troça do insignificante ser humano apenas porque este é pequeno e uma criatura deste Todo-Poderoso. Uma vida humana dura no máximo setenta anos; as estatísticas reduzem isso para cerca de quarenta **[1]** ; e, dentro desse pouco que resta, uma grande parte é passada durante o sono, e outro pedaço na infância. Assim, em uma vida, é perfeitamente impossível atingir mesmo uma fração muito pequena daquilo que a Natureza evidentemente tem em vista. Vemos vagamente muitas verdades que uma existência não nos dá tempo para alcançar. Isso ocorre especialmente quando os homens têm que lutar muito para sobreviver. Nossas aptidões são fracas, pequenas ou reduzidas; uma vida não dá oportunidade alguma para alterar isso; percebemos outros poderes latentes em nós que não podem ser de modo algum desenvolvidos em um espaço de tempo tão curto; e temos muito mais do que uma suspeita de que a extensão do campo da verdade é vastamente maior do que o estreito círculo ao qual estamos confinados. Não é razoável supor que tanto Deus como a natureza nos lancem para dentro de um corpo apenas para encher-nos de amargura porque não podemos ter outra oportunidade de estar aqui. Ao contrário, devemos concluir que uma série de encarnações nos trouxe até a situação atual, e que o processo de retorno para cá deve prosseguir, para que tenhamos as oportunidades necessárias.

O mero fato de morrer não é por si só o suficiente para efetuar o desenvolvimento de aptidões corretas e a eliminação de tendências e inclinações erradas. Se presumirmos que ao entrar no céu atingimos de imediato todo o conhecimento e toda pureza, então o estado pós-morte é reduzido a

um só nível, e a vida em si com toda a sua disciplina é destituída de qualquer significado. Algumas igrejas afirmam que há uma escola de disciplina após a morte, na qual os apóstolos em pessoa, que foram sabidamente homens ignorantes, devem ser os professores. Isso é absurdo e isento de qualquer base ou razão de ordem natural. Além do mais, se pudesse haver tal disciplina após a vida, por que seríamos lançados à vida, então? E por que depois do sofrimento e dos erros cometidos somos retirados do lugar onde nós cometemos nossos atos? A única solução para isto é a reencarnação. Nós retornamos à Terra porque fizemos nossas ações nela e interagimos com as pessoas que estão nela; porque é o único lugar apropriado onde a punição e a recompensa podem ser realizadas com justiça; porque aqui é o único lugar natural para continuar a luta rumo à perfeição, rumo ao desenvolvimento das aptidões que temos e à destruição em nós da maldade. A justiça, em relação a nós mesmos e a todos os outros, exige isso, porque não podemos viver sozinhos, e seria injusto permitir que alguns de nós escapassem, deixando que aqueles que foram participantes conosco da vida permaneçam ou sejam atirados a um inferno de duração eterna.

A persistência da vida selvagem, a ascensão e queda das nações e civilizações, a total extinção de nações, tudo isso requer uma explicação, e ela é encontrada apenas na ideia da reencarnação. A vida selvagem permanece porque ainda há eus superiores cuja experiência é tão limitada que ainda não são civilizados. Eles chegarão ao estágio de povos mais elevados quando estiverem prontos.**[2]** As etnias morrem quando os seus eus superiores já tiveram experiência suficiente através daquele tipo de estrutura étnica. Assim encontramos os índios de pele vermelha, as tribos do sul da África, os nativos da Ilha da Páscoa e outros, como exemplos de etnias abandonadas por eus superiores mais elevados; e, à medida que estas etnias fenecem, outras almas, que não tiveram nenhuma vida mais elevada no passado, entram nos corpos da etnia para usá-los e adquirir a experiência que aquele povo fornece.

Uma etnia não pode surgir de repente nem desaparecer de modo súbito. Vemos que esse nunca é o caso, mas a ciência não tem nenhuma explicação; ela simplesmente diz que isso é o fato, que as nações decaem. Mas essa constatação não leva em conta o homem interior, nem as leis internas e ocultas que se unem para formar uma etnia. A Teosofia mostra que a energia reunida tem que se desgastar gradualmente, e portanto a reprodução de corpos com as características daquela raça prosseguirá, embora os seus eus superiores só sejam compelidos a ocupar corpos físicos daquele tipo enquanto apresentarem um desenvolvimento equivalente ao daquele povo. Assim, chega um momento em que toda a massa de eus superiores que construiu a etnia a abandona em troca de outro ambiente físico, mais adequado para eles. A economia da Natureza não permitirá que a etnia desapareça de repente. Assim, de acordo com a ordem real da evolução, outros eus superiores, menos evoluídos, entram no processo e usam as formas disponíveis, mantendo a produção de novos corpos, mas em número cada vez menor a cada século. Esses eus superiores menores não são capazes de manter o nível das energias acumuladas pelos outros eus superiores, e então, enquanto o novo conjunto ganha tanta experiência quanto possível, o velho povo desaparece ao longo do tempo, depois de passar pela sua decadência. Essa é a explicação daquilo que podemos chamar de “decréscimo da vida selvagem”, e nenhuma outra teoria se adequará aos fatos.

Algumas vezes os etnólogos pensam que as etnias mais civilizadas matam as outras, mas o fato é que em consequência da grande diferença entre os eus superiores que habitam os corpos da etnia antiga e a energia daquele corpo em si, as mulheres começam a ficar estéreis, e então lenta mas seguramente o número de mortes excede os nascimentos. A própria China está em processo de declínio, e neste momento vive um estágio estacionário, antes que se acelere o abandono do que é velho.**[3]** Grandes civilizações, como as do Egito e da Babilônia, deixaram de existir porque as almas que as fizeram reencarnaram há muito tempo nas principais nações conquistadoras da Europa, e nos atuais continentes americanos. Como etnias e nações, elas foram integralmente reencarnadas e nasceram novamente para propósitos maiores e mais altos do que antes. De todas

as etnias antigas, só a Indo-Ariana permanece como preservadora das doutrinas de épocas anteriores. E ela retomará novamente um dia a sua antiga glória.

O aparecimento de gênios e grandes inteligências em famílias destituídas dessas qualidades, assim como a extinção, em uma família, da genialidade demonstrada por algum ancestral, é algo que só pode ser explicado pela reencarnação. Napoleão I veio em uma família que nada tinha do seu poder e da sua força. Nada da hereditariedade explica o seu caráter. Ele mesmo disse, segundo é contado nas memórias do Príncipe Talleyrand, que ele foi Carlos Magno. Só deduzindo que ele teve uma longa série de vidas, que lhe deu a linha correta de evolução e forneceu a causa para que sua mente, sua natureza e sua força surgissem, é que podemos ter uma pequena ideia de como ele e qualquer outro grande gênio apareceram.

Mozart, quando menino, podia compor partituras de orquestra. Isso não era devido à hereditariedade, pois tal partitura não é natural, mas forçada, mecânica, e totalmente convencional. Ainda assim ele as compreendia sem ter ido à escola. Como? Porque ele era um músico reencarnado, com um cérebro musical fornecido por sua família e portanto não era barrado em seus esforços por fazer aflorar o conhecimento musical. Mas ainda mais impressionante é o caso de *Blind Tom,* um negro cuja família não podia de modo algum ter conhecimento de piano, um instrumento moderno, e portanto não poderia transmitir aquele conhecimento aos átomos de seu corpo. Ainda assim ele tinha um grande poder musical e sabia a atual escala musical mecânica dos pianos. Há centenas de exemplos como esses entre tantos prodígios que têm causado assombro no mundo.

Na Índia há muitas histórias de sábios nascidos com conhecimento completo de filosofia e de temas afins, e sem dúvida em todas as nações pode ocorrer o equivalente. O fato de que trazemos conosco o conhecimento também explica o instinto, pois este é não mais do que a recordação sem memória física e mental. O instinto é visto na criança e no animal, e nada mais é que um resultado de experiência prévia. E quando vemos o recém-nascido esticando os braços em um gesto de autoproteção, ou o animal com uma energia instintiva muito forte, ou as abelhas construindo um favo segundo as regras da Geometria, tudo isso é efeito do processo da reencarnação, que atua tanto na mente como na célula física, pois, conforme já foi dito, nenhum átomo é isento de vida, de consciência e de inteligência própria.

No caso do músico Bach, nós temos uma prova de que a hereditariedade não significa coisa alguma se o eu superior não for avançado. O seu gênio de Bach não foi transmitido à sua linha familiar, mas gradualmente se apagou, e finalmente deixou a família por completo. Assim, também, o nascimento de crianças mentalmente deficientes ou maldosas como filhos de pais que são bons, puros ou altamente intelectuais é explicada da mesma forma. Estes são casos em que a hereditariedade é anulada por um eu superior inteiramente ruim ou deficiente.

E, finalmente, o fato de que certas ideias intrínsecas sejam comuns a toda a raça humana é explicado pelos sábios como sendo devido à lembrança comum de tais ideias, que foram implantadas na mente humana bem no começo de sua trajetória evolutiva neste planeta, por aqueles irmãos e sábios que aprenderam suas lições e se aperfeiçoaram em eras muito anteriores, antes que o desenvolvimento desse nosso globo começasse. A ciência não oferece qualquer explicação para tais ideias intrínsecas. A ciência apenas diz que “elas existem”. Na verdade, tais ideias foram ensinadas à massa de eus superiores que estão engajados na evolução dessa Terra. Elas foram impressas ou registradas como a fogo em suas naturezas; e são sempre recordadas, acompanhando cada eu superior através da sua longa peregrinação.

Tem se pensado com frequência que a oposição à ideia da reencarnação está baseada unicamente em preconceito, quando não se deve a algum dogma que só se pode sustentar quando a mente está amarrada e impedida de usar os seus próprios poderes.

A doutrina da reencarnação é a mais nobre das doutrinas; e com sua companheira, a lei do Carma, que veremos a seguir **[4]** , ela estabelece a base da ética. Não tenho dúvida alguma de que o fundador do cristianismo considerava a reencarnação como um fato. A sua ausência atual nesta religião está na origem da grande contradição entre a ética proclamada pelas nações cristãs e a verdadeira prática destas nações, que é tão contrária à moral ensinada por Jesus.

NOTAS:

[1] Esta era a expectativa de vida quando este texto foi escrito, no final do século 19. (NT)

[2] Judge esquece que as civilizações materialistas são mais avançadas que as sociedades indígenas no plano material e no plano da intelectualidade materialista, mas não necessariamente no plano espiritual. Portanto, toda comparação deve ser feita com grande cautela, e não deve implicar a fantasia de que um povo é "melhor" ou "pior" do que o outro. (C. C. Aveline)

[3] A afirmação sobre decadência da China é feita aqui sem o devido cuidado. Muitos aspectos da velha estrutura social chinesa deixaram de existir desde o século 19, quando esta obra de William Judge foi publicada pela primeira vez. Passadas as primeiras décadas da revolução socialista, o povo chinês vem resgatando desde o final do século 20 a sabedoria imortal do taoísmo e do confucionismo. No século 21, a China é um dos países mais influentes do mundo, e sua forte presença cultural na comunidade planetária não surge por acaso, mas tem um sólido alicerce ético e filosófico. Sobre a China, veja também a nota 9, no capítulo XIV. (C. C. Aveline)

[4] William Q. Judge se refere aqui ao capítulo XI de "O Oceano da Teosofia". (NT)

000

CAPÍTULO XI

O Carma

*C*arma é uma palavra pouco familiar para os ouvidos ocidentais. É o nome adotado pelos teosofistas do século dezenove para uma das leis mais importantes da natureza. Operando incessantemente, ela conduz igualmente planetas, sistemas planetários, raças, nações, famílias e indivíduos. É a doutrina gêmea da reencarnação. Essas duas leis estão tão inextricavelmente entrelaçadas que é quase impossível estudar propriamente uma delas sem a outra. Nenhum ponto ou ser no universo está isento da operação do Carma. Todos estão sob o controle do Carma, e seus erros serão punidos, mas eles serão conduzidos beneficamente pelo carma através da disciplina, do repouso, e da recompensa, até as distantes alturas da perfeição. É uma lei tão abrangente em seu alcance, abraçando de uma só vez nosso ser físico e moral, que só através de paráfrases e longas explicações alguém pode expressar o seu significado em um idioma ocidental. Por esse motivo foi adotado o termo sânscrito *carma* para designá-la.

Aplicada à vida moral do homem, ela é a lei que está na origem da ética, da justiça, da ideia de recompensa e punição. É a causa do nascimento e do renascimento, e também é o meio para libertar-se da reencarnação. Vista por outro lado, é meramente o efeito fluindo da causa, ação e reação, o resultado exato de cada pensamento e ação. É o ato e o resultado do ato; pois o significado literal da palavra "carma" é "ação" . A Teosofia vê o universo como um todo inteligente. Portanto, cada movimento no universo é uma ação daquele todo e produz resultados, que, por sua vez, se tornam causa de resultados posteriores. Vendo desta maneira ampla, os antigos hindus diziam que todos os seres, até Brahma, estão sob o controle do Carma.

Não se trata de um ser, mas de uma lei; a lei universal da harmonia, que restaura infalivelmente o equilíbrio e corrige todas as perturbações. Nisso a teoria entra em conflito com a concepção comum de Deus, construída a partir do sistema judaico, que vê o Todo-Poderoso como um ser pensante, externo ao Cosmos, que constrói, acha sua construção pouco harmoniosa e fora de proporção, errante e perturbada, e então tem que demolir, destruir ou punir aquilo que ele próprio criou. Isso tem feito com que milhares de pessoas vivam com medo de Deus − segundo as supostas ordens dele − com o objetivo egoísta de obter recompensa ou de escapar da sua raiva. A mesma ideia leva outras tantas pessoas à negação de toda vida espiritual, e à escuridão que surge disso.

Porém, como existem dolorosas evidências de uma constante destruição que acontece dentro de nós e ao redor de nós − e de que há uma guerra contínua não apenas entre os homens mas em todos os lugares por todo o sistema solar, causando tristeza em todas as partes − a razão exige uma solução para o mistério.

Os pobres que não têm refúgio ou esperança clamam por um Deus que não responde, e então a inveja surge neles quando veem o conforto e as oportunidades do rico. Eles observam os ricos devassos, os tolos abastados deleitando-se impunemente. Voltando-se para o professor de religião, eles encontram a seguinte resposta para seu questionamento sobre a justiça que permite que eles nasçam sem nenhum recurso, nenhuma oportunidade para educação, nenhuma capacidade para superar os obstáculos sociais, raciais ou circunstanciais: "É a vontade de Deus."

Pais geram filhos amados que são arrancados da vida pela morte em um momento prematuro, justamente quando tudo prometia ir bem. Eles também não têm qualquer resposta para a questão: "Por que estou aflito assim?" −, exceto a mesma referência irracional a um Deus inacessível, cuja vontade arbitrária causa seu sofrimento. Assim, em todos os aspectos da vida, há perda, sofrimento, perseguição, ausência de oportunidades; e há forças da própria natureza trabalhando para destruir a felicidade do homem; e a morte, as derrotas e as decepções atingem o tempo todo igualmente os homens bons e maus. Mas em nenhum lugar há qualquer resposta ou alívio, salvo na antiga verdade que cada homem é o causador e modelador do seu próprio destino, o único que coloca em ação as causas de sua própria felicidade e miséria. Em uma vida ele semeia, na outra ele colhe. Assim ele é conduzido continuamente pela lei do Carma.

O carma é uma lei benéfica, misericordiosa, e impecavelmente justa, porque a verdadeira compaixão não consiste em favorecimentos, mas em justiça imparcial.

Meus irmãos! A vida de cada homem
É resultado de sua existência anterior;
Os erros do passado trazem sofrimentos e aflição;
As ações corretas do passado trazem bênçãos (....)
Esta é a doutrina do Carma. **[1]**

Como é afetada a vida atual pelos atos passados, certos e errados? E isso ocorre sempre através da punição? Será o Carma apenas o Destino sob outro nome, um destino já fixado e formulado, do

qual não há escapatória possível, e que pode, portanto, nos tornar descuidados em relação a nossos atos ou pensamentos, já que nada afetará nosso destino? O Carma não é fatalismo. Tudo que é feito em um corpo anterior tem consequências que no novo nascimento o eu superior deve desfrutar ou sofrer, porque, como disse São Paulo: "Irmãos, não se iludam. Deus não pode ser enganado, pois tudo o que o homem planta, deverá colher." O efeito está presente na causa, e o Carma produz a sua manifestação no corpo, no cérebro e na mente fornecidos pela reencarnação. E como a causa estabelecida por um homem tem uma relação clara com ele que é o centro do qual ela surgiu, cada indivíduo experimenta os resultados de seus próprios atos. Às vezes pode parecer que só recebemos efeitos dos atos dos outros, mas esse é o resultado de nossos próprios atos e pensamentos nessa vida ou em uma vida anterior. Nós realizamos ações sempre em companhia de outros, e as ações, com seus pensamentos subjacentes, têm sempre relação com outras pessoas e com nós mesmos.

Nenhuma ação é realizada sem que haja um pensamento em sua origem, ou sem que haja um pensamento no momento de sua realização ou no momento anterior. Esses pensamentos estão alojados naquela parte do homem a que chamamos de *Manas*, a mente, e lá permanecem como elos sutis, mas poderosos, com fios magnéticos que se entrelaçam pelo sistema solar e através dos quais inúmeros efeitos são exibidos. A teoria apresentada nas páginas anteriores, segundo a qual todo o sistema ao qual esse globo pertence está vivo, consciente em cada plano, embora mostre autoconsciência apenas no homem, entra em ação aqui para explicar como o pensamento que orienta uma ação nesta vida pode causar resultados nesta vida ou no próximo nascimento.

As extraordinárias experiências modernas com hipnotismo mostram que mesmo a menor impressão mental pode ser trazida à vida, por mais distante que esteja no passado da pessoa, o que prova que ela não estava perdida, mas apenas latente. Veja, por exemplo, o caso de uma criança nascida com uma corcunda e muito baixinha, a cabeça socada entre os ombros, os braços longos e as pernas encurtadas. Por que ela é assim? Seu carma por pensamentos e atos em uma vida anterior. O indivíduo maltratou, perseguiu ou de alguma maneira feriu uma pessoa deformada, tão persistente ou violentamente que imprimiu em sua própria mente imortal a imagem deformada da sua vítima. Pois a intensidade e a profundidade da imagem será proporcional à intensidade de seu pensamento. O processo é exatamente similar à exposição da placa fotográfica. A impressão na placa será fraca ou intensa, segundo a exposição seja longa ou curta. Assim, esse pensador ou ator – a Mente superior – carrega consigo essa imagem ao nascer outra vez, e se a família para a qual ele é atraído tiver tendências similares em sua linhagem, a imagem mental faz com que o corpo astral em formação assuma a configuração deformada por osmose elétrica e magnética através da mãe para o filho. E como todos os seres da terra estão indissoluvelmente ligados, a criança defeituosa é também o carma dos pais, uma exata consequência por atos e pensamentos similares de sua parte, em outras vidas. Aqui há uma exatidão na justiça que nenhuma outra teoria fornece. **[2]**

Continuemos esse exemplo a título de ilustração. Como frequentemente vemos um ser humano deformado tendo uma disposição feliz, um intelecto excelente, juízo sadio, e todas as boas qualidades morais, esse mesmo exemplo nos leva à conclusão de que o carma dever ser de diferentes tipos em cada caso individual, e evidentemente também opera em mais de um departamento do nosso ser, com a possibilidade de ter um efeito agradável para uma parte da nossa natureza e desagradável para outra.

O Carma é de três tipos:

Primeiro – Aquele que não começou a produzir nenhum efeito em nossas vidas, devido ao funcionamento em nós de outras causas cármicas. Isso segue uma lei bem conhecida pelos físicos, a lei segundo a qual duas forças opostas tendem à neutralidade, e uma força pode ser forte o

suficiente para impedir temporariamente a ação de outra. Essa lei trabalha tanto nos planos ou esferas cármicas e mentais, invisíveis, do ser, quanto nos planos materiais. A força de um certo conjunto de faculdades mentais, corporais e físicas, com suas tendências, pode ser inibida pela operação em nós de causas com as quais nós estamos conectados, porque toda a natureza de cada pessoa é usada no cumprimento dessa lei. Assim os fracos e os medíocres dão um foco fraco para o carma, e neles o resultado geral de uma vida é limitado, embora possam senti-lo como muito pesado. Mas aquela pessoa que tem um caráter de alcance amplo e profundo, e muita força, sentirá a operação de uma maior quantidade de carma do que a pessoa mais fraca.

Segundo - Aquele carma que estamos produzindo ou armazenando agora por nossos pensamentos e ações, e que virá a operar no futuro quando o corpo, a mente e o ambiente apropriados forem assumidos pelo eu superior encarnante em alguma outra vida, ou sempre que o carma obstrutivo for removido.

Isso inclui tanto a vida atual como a próxima. Porque alguém pode chegar nessa vida a um ponto em que, tendo trabalhado todas as causas prévias, um novo carma, ou aquele que não foi trabalhado, comece a operar.

No mesmo caso estão aquelas situações em que os homens têm mudanças súbitas de sorte, ou mudanças rápidas para melhor, tanto em circunstâncias de vida como em caráter. Isso depende em grande parte da nossa conduta no presente. Enquanto o carma antigo tiver que operar e não puder ser parado, é sábio para o homem pensar e agir nas circunstâncias atuais – não importa quais sejam elas – de uma forma que não produza nenhuma causa negativa ou prejudicial para o próximo nascimento, ou para os anos futuros dessa mesma vida. Rebelar-se é inútil, pois a lei continua a trabalhar, quer choremos ou nos alegremos. O grande engenheiro francês, De Lesseps, é um bom exemplo desse tipo de carma. Elevado a um alto grau de glória e realizações durante muitos anos em sua vida, ele subitamente caiu, coberto de vergonha, no escândalo do Canal do Panamá. Quer seja inocente ou culpado, ele tem a vergonha da conexão do seu nome com um empreendimento nacional todo manchado por corrupção e suborno, que envolveu altos funcionários. Essa foi a operação de causas cármicas antigas sobre ele, no exato momento em que aquelas que haviam governado seus anos anteriores se exauriram. Napoleão I é outro, pois ele obteve grande fama e depois subitamente caiu, morrendo no exílio e em desgraça. Muitos outros exemplos ocorrerão a cada leitor atento.

Terceiro – Aquele carma que começou a produzir resultados. É a operação sobre nós, nessa vida, de causas estabelecidas em vidas prévias, na companhia de outros eus superiores. Este carma opera agora porque, estando mais adaptado à linhagem da família, ao corpo físico, corpo astral e tendências atuais da presente encarnação, ele exibe-se completamente, enquanto o outro carma, ainda não manifestado, aguarda por sua vez.

Essas três categorias de carma governam os homens, os animais, os mundos e os períodos de evolução. Todo efeito flui de uma causa anterior, e como todos os seres estão constantemente renascendo, eles estão constantemente vivendo os efeitos dos seus pensamentos e ações (dos quais eles mesmos são as causas) em uma encarnação anterior. E assim cada um responde, como disse S. Mateus, por toda palavra e pensamento; ninguém pode escapar, nem pela oração, nem por favor especial, pela força ou por qualquer outro fator de intermediação.

Como as causas cármicas podem ser divididas em três categorias, elas devem ter vários campos nos quais possam operar. Elas operam sobre o homem em sua natureza mental e intelectual, na sua natureza psíquica ou da alma, e no seu corpo e circunstâncias que o rodeiam. A natureza espiritual do homem nunca é afetada nem recebe a operação do carma.

Uma espécie de carma pode agir nos três planos especificados da nossa natureza ao mesmo tempo e no mesmo grau, ou pode haver uma mistura das causas, algumas em um plano e outras em outro. Considere por exemplo uma pessoa fisicamente deformada que tem uma boa mente e uma deficiência na natureza de sua alma. Aqui o carma punitivo ou desagradável está operando no seu corpo físico, enquanto em sua natureza mental e intelectual um bom carma está sendo experimentado. **[3]** Mas se psiquicamente o carma, ou a causa, é de um tipo indiferente, o resultado será indiferente. Em outra pessoa, aparecem outras combinações. Ele tem um corpo bom e circunstâncias favoráveis, mas o caráter é mal humorado, ranzinza, irritável, vingativo, mórbido, e desagradável tanto para ele como para os outros. Aqui o bom carma físico está atuando junto a um carma mental, intelectual, e psíquico muito ruim. Vão ocorrer aos leitores casos de pessoas nascidas em alta posição tendo todas as oportunidades e poder, e apesar disso serem imbecis, ou subitamente enlouquecerem.

E assim como todas essas fases da lei do carma têm influência sobre o homem individual, elas operam similarmente sobre raças, nações e famílias. Cada raça tem seu carma como um todo. Se for bom, a raça progride. Se for ruim, ela fenece – aniquilada como raça – embora as almas em questão retomem seu carma em outros corpos e raças. As nações não podem escapar do seu carma nacional. Qualquer nação que tenha agido de forma perversa deve sofrer um dia, mais cedo ou mais tarde. O carma do século 19 no Ocidente é o carma de Israel, pois qualquer principiante pode ver que a influência mosaica é a mais forte nas nações europeias e americanas. Os antigos astecas e outros povos americanos antigos se extinguiram porque o seu próprio carma – resultado de sua própria vida como nações no passado longínquo – caiu sobre eles e os destruiu. Com as nações, essa operação pesada do carma ocorre sempre através de fome, guerra, mudanças críticas no ambiente natural e esterilidade das mulheres da nação. Esta última causa vem no fim e varre o resto da população. E o indivíduo na raça ou nação é alertado por essa grande doutrina para o fato de que se ele cai na indiferença de pensamento e ação, dessa forma moldando-se ao carma médio geral de sua raça ou nação, aquele carma nacional ou racial o carregará no destino geral. Esse é o motivo pelo qual os instrutores na antiguidade gritavam: “Saiam, vocês, e fiquem à parte”.

Junto com a reencarnação, a doutrina do carma explica o mistério e sofrimento do mundo, sem deixar espaço para que a Natureza seja acusada de ser injusta.

O sofrimento de qualquer nação ou raça é o resultado direto de pensamentos e atos dos eus superiores que perfazem a raça ou nação. No passado remoto suas individualidades agiram perversamente, e agora há sofrimento. Eles violaram a lei da harmonia. A regra imutável é que a harmonia deve ser restaurada, se for rompida. Assim essas individualidades sofrem ao compensar e estabelecer o equilíbrio do cosmo oculto. A massa integral de eus superiores deve continuar encarnando e reencarnando na nação ou raça até que tenham esgotado completamente as causas estabelecidas. Embora a nação possa por um tempo desaparecer como algo físico, os eus superiores que a fizeram não abandonam o mundo, mas vêm como os construtores de alguma nova nação, na qual devem continuar a tarefa e receber tanto a punição como a recompensa de acordo com o seu carma. Os antigos egípcios são uma ilustração dessa lei. Eles certamente se elevaram a um alto grau de desenvolvimento, e igualmente se extinguiram como nação. Mas as almas – os antigos eus superiores – sobrevivem e estão agora cumprindo o seu destino autocriado como alguma outra nação em nosso período. Eles podem ser a nova nação norte-americana, ou os judeus fadados a errar de um canto a outro no mundo, e sofrer muito na mão dos outros. Esse processo é perfeitamente justo. Pegue, por exemplo, os índios de pele vermelha dos Estados Unidos. Estes foram tratados vergonhosamente pela nação. Os eus superiores dos índios renascerão no povo novo e conquistador, e como membros daquela grande família trarão, eles mesmos, o acerto de contas pelos atos feitos contra eles quando possuíam corpos vermelhos. Assim aconteceu antes, assim acontecerá novamente.

A infelicidade individual em qualquer vida é assim explicada: (a) Constitui a punição pelo mal feito em vidas passadas; (b) é a disciplina assumida pelo eu superior com o propósito de eliminar defeitos ou adquirir força e sintonia. Quando defeitos são eliminados é como se fosse removida uma obstrução em um canal de irrigação, o que então permite que a água flua. A felicidade é explicada do mesmo modo: um resultado de vidas anteriores de bondade.

A forte base científica da ética correta é encontrada nessa e não em outras doutrinas. Pois se a ética correta tiver que ser praticada apenas por si própria, os homens não verão motivo para isso, e nunca estiveram aptos a ver por que colocá-la em prática apenas por seu próprio valor. Se a ética tiver que ser seguida a partir do medo, o homem se degradará e certamente fugirá da obrigação. Se a meta for obter a proteção do Todo- Poderoso, sem base na lei ou na justiça, então nós teremos o que prevalece hoje – um código dado por Jesus para o ocidente e professado pelas nações, mas não praticado a não ser pelos poucos que já seriam virtuosos em qualquer situação.

Sobre isso os adeptos escreveram o seguinte, que pode ser encontrado em "A Doutrina Secreta":

"Nem seriam os caminhos do carma inescrutáveis, se os homens trabalhassem com união e harmonia, ao invés de desunião e disputa. Pois nossa ignorância sobre esses caminhos – que uma parte da humanidade chama de intricados e escuros caminhos da Providência, enquanto outra parte vê neles a ação de um fatalismo cego e uma terceira parte vê simples acaso, sem deuses ou demônios a guiá-lo – nossa ignorância certamente desapareceria, se atribuíssemos a todos os caminhos a sua causa correta. Com o conhecimento correto, ou pelo menos com a convicção confiante de que nossos vizinhos não pensarão em machucar-nos mais do que nós pensamos em machucá-los, dois terços do mal do mundo se desmancharia no ar. Se nenhum homem ferisse seu irmão, Carma-Nemesis não teria motivos para trabalhar, nem armas através das quais agir (.....) Nós talhamos essas numerosas sinuosidades em nossos destinos diariamente com nossas próprias mãos, enquanto imaginamos que estamos a seguir uma trilha na estrada real da respeitabilidade e do dever, e depois reclamamos do fato de que aqueles caminhos são tão confusos e escuros. Ficamos desnorteados diante do mistério produzido por nós mesmos, e diante das charadas da vida *que não queremos resolver*, e então condenamos a grande Esfinge por devorar-nos. Mas verdadeiramente não há um acidente em nossas vidas, nenhum dia infeliz ou dissabor que não possa ser rastreado até nossos atos passados, nessa ou em outra vida (.....) O conhecimento do carma dá a convicção de que, se –

'a virtude em aflição e o vício em triunfo
Produzem ateus na humanidade',

− é apenas porque a humanidade fechou desde sempre seus olhos para a grande verdade de que é o homem ele mesmo seu próprio salvador e seu próprio destruidor; que ele não precisa acusar os céus e os deuses, destino ou providência, pela aparente injustiça que reina no seio da humanidade. Mas é preferível deixá-lo lembrar e repetir aquele pedaço de sabedoria grega, que adverte o homem de que deve evitar fazer acusações contra *Aquele* que

'Justo, embora misterioso, nos conduz sem erro
Por caminhos não traçados, desde a culpa até a punição'

− os quais são agora os caminhos e a estrada por onde se movem as grandes nações europeias.**[4]** Os arianos **[5]** do Ocidente tiveram em cada nação e tribo, assim como seus irmãos orientais da quinta raça, as suas idades de ouro e do ferro, seu período de relativa irresponsabilidade, ou a idade Satya de pureza, enquanto agora vários deles atingiram sua idade do ferro, a *Kali Yuga*, uma era *negra de horrores*. Esse estado irá durar... até que comecemos a agir a partir de dentro ao invés

de seguir impulsos vindos de fora... Até então o único paliativo é a união e a harmonia – uma Fraternidade prática, e altruísmo não apenas no nome." **[6]**

NOTAS:

[1] "The Light of Asia" ("A Luz da Ásia"), de Edwin Arnold. Há uma edição brasileira desta obra. (NT)

[2] Há inúmeros casos, também, em que a deficiência física ou outro obstáculo qualquer não é um carma plantado pelo indivíduo em vida anterior, mas constitui apenas um "erro da natureza", ou um efeito colateral do carma coletivo, ou do carma de outra pessoa, que atinge injustamente o indivíduo. Tais "erros" serão compensados em vidas posteriores. Se todo sofrimento fosse sempre uma punição justa por alguma coisa, neste momento a humanidade já teria chegado à perfeição. Mas o sofrimento também decorre de erros e injustiças contra quem sofre, que terão de ser corrigidos no futuro. A vida de William Judge é um exemplo deste fato. Pouco depois da publicação deste livro em 1893, o carma coletivo do movimento teosófico – que é um resumo do carma humano − fez com que uma conspiração política dirigida por Annie Besant o afastasse injustamente da posição de liderança que exercia no movimento. Longe de ser uma "justa punição", este grave erro histórico, em que a traição esteve presente, deve ser corrigido para que W. Q. Judge e o seu exemplo de dedicação à humanidade sejam devidamente reconhecidos, e para que o movimento teosófico em seu conjunto volte a apreciar a teosofia autêntica como um caminho eficaz para a sabedoria e a libertação. (NT)

[3] Veja a nota anterior. (NT)

[4] **"**Por caminhos não traçados desde a culpa até a punição, os quais são agora os caminhos e a estrada por onde se movem as grandes nações europeias." A ideia de que no final do século 19 a Europa estava a caminho de uma punição cármica pode ser uma referência às duas guerras mundiais, a primeira em 1914-1918, e a segunda em 1939-1945. No intervalo, houve a guerra civil espanhola de 1936-1939, que serviu de "ensaio geral" para a segunda guerra. (NT)

[5] Os povos arianos são todos os povos desde a Índia até a Europa, ou seja, os povos indo-europeus, independentemente de cor da pele ou condição social. Os criminosos nazistas da segunda guerra mundial distorceram o termo "ariano" para justificar ideologicamente o seu doentio racismo germânico, que é frontalmente inimigo da proposta teosófica de fraternidade universal entre todos os povos. (NT)

[6] "The Secret Doctrine". Helena P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1982, Vol. I, pp. 643-645. (NT)

000

CAPÍTULO XII

Kama-Loka

Tendo passado por todo o campo da evolução das coisas e seres de uma maneira geral, vamos considerar agora os estados do homem após a morte do corpo e antes do nascimento. Isso nos traz de imediato as seguintes questões:

Há algum paraíso ou inferno, e onde eles ficam? Eles são lugares ou estados? Há um ponto no espaço onde eles possam ser encontrados e para os quais nós vamos, ou de onde nós viemos?

Também devemos retomar o assunto do quarto princípio da constituição humana, aquele princípio chamado *Kama* em sânscrito, e *Paixões* ou *Desejos* nos idiomas ocidentais. Tendo em mente o que foi dito sobre aquele princípio, e também o ensinamento a respeito do corpo astral e da Luz Astral **[1]** será mais fácil entender o que é ensinado sobre os dois estados, anterior e posterior à morte. Em ordem cronológica, nós vamos para o *kama-loka* – ou o plano do desejo – logo após a morte do corpo, e mais tarde os princípios mais elevados, que formam o homem real, entram no estado de *devachan*. Depois de tratar do *kama-loka,* será mais fácil estudar a questão do *devachan.*

O sopro deixa o corpo e dizemos que o homem está morto, mas isso é apenas o começo da morte; ela prossegue em outros planos. Quando a estrutura física está fria e os olhos fechados, todas as forças do corpo e da mente se lançam através do cérebro, e através de uma série de imagens toda a vida recém-terminada é impressa indelevelmente no homem interior; não apenas em linhas gerais, mas até o mínimo detalhe, e mesmo no caso de impressões minúsculas e passageiras. Nesse momento, embora todas as indicações levem o médico a declarar o óbito, e embora do ponto de vista prático externo a pessoa já esteja morta, o homem real está ocupado em seu cérebro, e só depois do trabalho ali ser concluído é que a pessoa se vai. Quando esse trabalho solene está terminado, o corpo astral se destaca do físico, e a energia vital tendo partido, os quatro princípios remanescentes **[2]** ficam no plano de *kama-loka*.

A separação natural dos princípios, trazida pela morte, divide o homem total em três partes:

Primeiro, o corpo visível com todos os seus elementos deixados para posterior desintegração no plano terrestre, onde tudo que o compõe será a seu tempo dissolvido nos diferentes aspectos da natureza.

Segundo, o *Kama rupa*, constituído do corpo astral e das paixões e desejos, que também começa logo a se desintegrar no plano astral.

Terceiro, a tríade superior, *Atma-Buddhi-Manas,* o homem real. Ele não está morto, mas agora está fora das condições terrestres, desprovido de corpo, e começa a funcionar no *devachan* apenas como mente. Ele fica então coberto por uma veste muito etérea, que irá abandonar quando tiver chegado a hora de retornar à terra.

O *kama-loka* ou o lugar dos desejos é a região astral que permeia e rodeia a terra. Como lugar, ele está acima, dentro e em volta da terra. Sua extensão vai até uma distância mensurável da terra, mas as leis habituais que agem aqui não agem lá, e as entidades lá não estão sob as mesmas condições de espaço e tempo em que nós estamos. Como um estado, ele é metafísico, embora esta metafísica

se relacione com o plano astral. É chamado de plano do desejo porque se relaciona com o quarto princípio, e nele a força dominante é o desejo destituído de inteligência manásica e divorciado dela. É uma esfera astral intermediária entre a vida terrena e a celeste. Sem sombra de dúvida, esta é a origem da teoria cristã do purgatório, onde a alma passa por punições pelo mal feito, e do qual ela pode ser liberada pela oração e outras cerimônias e oferendas.

O fato subjacente a essa superstição é que a alma pode ficar detida em *kama-loka* pela força de algum enorme desejo insatisfeito, sem poder se livrar das vestimentas astrais e kâmicas até que o desejo seja satisfeito por alguém na terra, ou pela alma em si. Mas se a pessoa tinha a mente pura e altas aspirações, a separação dos princípios naquele plano é completada logo, permitindo que a tríade superior siga para o *devachan.* Como este plano é feito apenas de esfera astral, ele partilha da natureza da matéria astral que é essencialmente terrestre e maldosa. Nela todas as forças agem sem a direção da alma ou da consciência no sentido superior. Este astral é o esgoto, por assim dizer, da grande fornalha da vida, que a natureza provê para lançamento dos elementos que não terão lugar no *devachan*, e por essa razão deve ter vários estágios, cada um dos quais foi observado pelos antigos. Esses estágios são conhecidos em sânscrito como *lokas* ou lugares, em um sentido metafísico. A vida humana é muito variada, e para cada uma das suas potencialidades é dado um lugar apropriado após a morte, o que faz de *kama-loka* uma esfera infinitamente variada. Na vida, algumas das diferenças entre os homens são modificadas e algumas são inibidas por uma similaridade de corpo e de hereditariedade, mas em *kama-loka* todas as paixões e desejos ocultos são liberados em consequência da ausência de corpo, e por essa razão o estado é imensamente mais diversificado do que no plano da vida. Não apenas é necessário enfrentar as diferenças e variedades naturais, mas também aquelas causadas pelo tipo de morte, sobre o que algo deve ser dito. E todas essas divisões são apenas o resultado natural dos pensamentos durante a vida e dos últimos pensamentos de cada pessoa que morre na terra. Está além do alcance deste trabalho entrar na descrição de todos esses estágios, já que volumes inteiros seriam necessários para descrevê-los, e, ainda assim, poucos entenderiam.

Lidar com o *Kama-loka* nos obriga a lidar também com o quarto princípio na classificação da constituição do homem, e cria um conflito com as ideias e a educação modernas quanto ao tema de desejos e paixões. Em geral se supõe que os desejos e as paixões são tendências inerentes ao indivíduo. O tema tem uma aparência irreal e nebulosa para o estudante comum. Mas de acordo com esse sistema filosófico, elas não são apenas inerentes ao indivíduo, nem são devidas ao corpo em si. Enquanto o homem está vivendo no mundo, os desejos e as paixões – o princípio *kama* – não têm vida separada do homem astral e interior. Eles estão, por assim dizer, distribuídos por todo o seu ser. Mas como eles se unem ao corpo astral depois da morte, desta maneira formando uma entidade com seu prazo próprio de vida embora sem alma **[3]**, questões muito importantes surgem. Durante a vida mortal, os desejos e paixões são guiados pela mente e pela alma; após a morte eles funcionam sem a direção do antigo mestre. Enquanto vivemos, somos responsáveis por eles e por seus efeitos, e quando deixamos essa vida ainda somos responsáveis, embora eles continuem a trabalhar e a provocar efeitos nos outros enquanto durarem nas condições que descrevi, e sem o nosso comando direto. Nisso é vista a continuidade da responsabilidade. Eles são uma parte dos *skandhas* **[4]** – bem conhecidos na filosofia oriental – que são os agregados formadores do homem. O corpo inclui um conjunto de *skandhas*, o homem astral outro, o princípio *kama* é outro conjunto, e ainda outros se referem a outras partes. Em *kama* estão aqueles realmente ativos e importantes, que controlam os renascimentos e levam a todas as variedades de vida e circunstâncias a cada renascimento. Eles são formados no dia-a-dia de acordo com a lei segundo a qual todo pensamento se combina instantaneamente com uma das forças elementais da natureza, tornando-se nesta medida uma entidade que irá durar de acordo com a força do pensamento com que deixa o cérebro, e todos eles estão inseparavelmente conectados com o ser que os produziu. Não há modo de escapar; tudo o que podemos fazer é ter pensamentos de boa qualidade, pois

mesmo os maiores Mestres não estão excluídos dessa lei, mas eles "povoam sua corrente no espaço" com entidades potentes apenas para o bem.

Em *kama-loka,* essa massa de desejos e pensamentos existe de modo muito definido até o término de sua desintegração, e então os remanescentes consistem da essência desses *skandhas*, conectados, é claro, com o ser que os teve e que os produziu. Eles não podem ser apagados, assim como não se pode desmanchar o universo. Então se diz que eles permanecem até que o ser saia do *devachan*. Quando isso ocorre, eles são levados imediatamente até o ser, pela lei da atração. Eles servem como base ou germe, e a partir deles o ser constrói um novo conjunto de *skandhas* para a próxima vida. O *kama-loka* é, portanto, diferente do plano terreno porque nele a massa de paixões e desejos está descontrolada e sem direção. Mas ao mesmo tempo a vida terrestre é também um *kama-loka,* já que é largamente governada pelo princípio *kama*, e assim o será até o dia distante em que, no curso da evolução, as raças dos homens terão desenvolvido o quinto e o sexto princípios, limitando desta forma *kama* à sua própria esfera e livrando a vida terrestre da sua dominação.

Os restos do homem astral em *kama-loka* são apenas uma casca desprovida de mente e de alma, sem consciência e também incapaz de agir, a menos que seja vivificada por forças externas. A casca tem algo que se parece com uma consciência animal ou automática, apenas por causa da sua associação muito recente com um Eu humano. Pois de acordo com o princípio exposto em outro capítulo, todo átomo que vai integrar um homem tem uma memória própria, a qual é capaz de durar um período de tempo proporcional à força dada a ele. No caso de uma pessoa muito material e bruta, ou egoísta, a força dura mais do que em qualquer outra, e assim nesse caso a consciência automática será mais definida e desorientadora para alguém que, por não ter conhecimento, se envolve com necromancia. Sua porção puramente astral contém e carrega o registro de tudo que se passou perante a pessoa enquanto viva, pois uma das funções da substância astral é absorver todas as cenas, quadros e impressões de todos os pensamentos, para retê-los, e lançá-los adiante por reflexo, quando as condições o permitirem. Essa casca astral, deixada para trás por todo homem ao morrer, seria uma ameaça a todos os homens, não fosse desprovida, em todos os casos − exceto em um que deverá ser mencionado − dos princípios superiores, que são os diretores. Mas como os elementos que servem de guia já estão separados da casca, ela tremula e flutua de um lugar ao outro sem qualquer vontade própria, mas governada apenas pelas atrações dos campos astrais e magnéticos.

É possível ao homem real – chamado de "espírito" por alguns – comunicar-se conosco imediatamente após a morte, por uns poucos breves instantes; mas, quando estes passaram, a alma nada mais tem a ver com a terra até reencarnar. O que pode influenciar e de fato influencia o médium e o sensitivo a partir dessa esfera são as Cascas que descrevi. Sem alma e sem consciência, elas não são, em sentido algum, os espíritos dos nossos mortos. Elas são os trajes jogados fora pelo homem interior, a porção grosseiramente terrena descartada no voo para o *devachan*, e sempre foram consideradas pelos antigos como demônios – nossos demônios pessoais – porque são essencialmente astrais, terrenas e passionais. Seria estranho, de fato, se uma tal Casca, depois de ser por tanto tempo o veículo do verdadeiro homem na terra, não retivesse uma memória e consciência automáticas. Se vemos o corpo decapitado de uma rã ou de um galo se movendo e atuando por um tempo com uma inteligência aparente, por que então não seria possível para a forma astral, mais fina e sutil, agir e mover-se com um grau muito maior de aparente direcionamento mental?

Na esfera de *kama-loka* − como, de fato, também em todas as partes do globo e do sistema solar − estão os elementais, ou forças da natureza. Eles são inumeráveis e seus tipos são quase infinitos, uma vez que são, em certo sentido, os nervos da natureza. Cada classe tem seu próprio trabalho tal como o tem cada coisa ou elemento natural. Assim como o fogo queima e a água rola para baixo e

não para cima de acordo com a lei geral, assim também os elementais agem sob a lei, mas como eles estão mais acima na escala do que a água e o fogo brutos, suas ações parecem guiadas por uma mente. Alguns deles têm uma relação especial com as operações mentais e com as ações dos órgãos astrais, quer estes estejam ligados ou não a um corpo.

Quando um médium forma o canal, e também por outros processos, esses elementais fazem uma conexão artificial com a casca da pessoa morta, ajudados pelo fluido nervoso do médium e dos outros que estão por perto. Assim a casca é galvanizada para que tenha uma vida artificial. Através do médium, é feita uma conexão com as forças físicas e psíquicas de todos os presentes. As impressões antigas do corpo astral projetam suas imagens sobre a mente do médium, e as antigas paixões são atiçadas. Várias mensagens e relatos são então obtidos daí, mas nenhum deles é original, nenhum é do espírito. Por sua estranheza, e em consequência da ignorância daqueles que se envolvem nesse campo, isso é encarado como obra do espírito, mas tudo vem dos vivos, quando não é uma mera coleta, na luz astral, de imagens do que aconteceu no passado. Em certos casos a serem mencionados, há uma inteligência trabalhando que é total e intensamente ruim, à qual todo médium está sujeito, e isso explica por que tantos deles sucumbiram ao mal, como têm confessado.

Uma classificação simples dessas cascas que visitam os médiuns será como se segue:

(1) As cascas de pessoas recentemente falecidas, cujo local de sepultamento não está muito longe. As cascas desse tipo são bem coesas e correspondem à vida e ao pensamento do antigo dono. Uma pessoa boa, não-materialista e espiritualizada deixa uma casca que logo se desintegrará. A casca de uma pessoa bruta, má, egoísta e materialista será pesada, consistente e duradoura, e isso ocorre com todas as variedades.

(2) As cascas de pessoas que morreram longe do lugar onde o médium está. O lapso de tempo permite que escapem das cercanias de seus antigos corpos, e ao mesmo tempo traz um grau maior de desintegração, que corresponde no plano astral ao que é a putrefação no físico. Estas cascas são vagas, sombrias, incoerentes; respondem apenas brevemente a estímulos psíquicos, e são dispersas por qualquer corrente magnética. Elas são galvanizadas momentaneamente pelas correntes astrais do médium e daquelas pessoas presentes que eram relacionadas com o falecido.

(3) Remanescentes puramente sombrios, aos quais mal se pode atribuir um local. Não há uma palavra nos idiomas ocidentais para descrevê-los, embora sejam fatos reais nessa esfera. Pode-se dizer que são o mero molde ou impressão deixada na substância astral pela casca anteriormente coesa e há muito desintegrada. Tais cascas estão, por conseguinte, tão próximas de serem fictícias que quase merecem essa designação. Como fotografias sombrias, elas são ampliadas, embelezadas e lhes é dada uma vida imaginária pelos pensamentos, desejos, esperanças e ideações do médium e dos assistentes da sessão.

(4) Entidades definidas, consistentes, almas humanas desprovidas de vínculo espiritual, tendendo agora ao pior estado de todos, *avitchi,* onde a aniquilação da personalidade é o fim. Tais seres são conhecidos como magos negros. Tendo concentrado a consciência no princípio *kama*, preservaram o intelecto, divorciaram-se do espírito, e são os únicos seres condenados que conhecemos. Em vida, tiveram corpos humanos e alcançaram seu estado terrível através de vidas em que persistiram na maldade pela maldade. Alguns seres, já condenados a se tornarem o que é descrito aqui, estão hoje entre nós na terra. Estas não são cascas comuns, pois centraram toda a sua força em *kama*, jogaram fora qualquer fagulha de bom pensamento ou aspiração e têm completo domínio da esfera astral. Eu coloco tais seres na classificação de Cascas porque o são, no sentido de que estão condenados à desintegração consciente, enquanto as outras terão o mesmo fim apenas mecanicamente. Estas cascas podem durar, e duram de fato ao longo de muitos séculos, satisfazendo seus apetites através de qualquer sensitivo de quem possam se apoderar, e onde o mau

pensamento lhes abra uma brecha. Eles presidem quase todas as sessões espíritas, adotando nomes importantes e assumindo o comando de modo a manter o controle e continuar a ilusão do médium, assim se habilitando a ter um canal conveniente para seus próprios objetivos maldosos. De fato, usando as cascas dos suicidas, ou daqueles pobres coitados que morrem sob as penas da lei, ou dos bêbados e dos glutões, esses magos negros que vivem no mundo astral se apoderam do campo da mediunidade e são capazes de invadir a esfera de qualquer médium, por melhor que ele seja. A porta, uma vez aberta, está aberta para todos. Esse tipo de Casca perdeu o *manas* superior, e não só na luta após a morte, mas também na vida. A porção inferior de *manas,* que deveria ter sido elevada a uma excelência divina, foi arrancada do seu senhor e agora dá inteligência a essa entidade, que é desprovida de espírito mas tem a possibilidade de sofrer, e o fará quando seu dia final chegar.

No estado de *kama-loka*, os suicidas e aqueles que são subitamente expulsos da vida por acidente ou assassinato, legal ou ilegal, passam um período quase igual à duração da vida que teriam se não tivesse ocorrido a sua interrupção súbita. Estes não estão realmente mortos. Para haver uma morte normal, deve estar presente um fator não reconhecido pela ciência médica. Os princípios do ser, conforme descritos nos capítulos anteriores, têm seus próprios prazos de coesão. Quando chega o seu final natural, eles se separam uns dos outros de acordo com suas próprias leis. Isso envolve o grande tema das forças coesivas no indivíduo humano, o que necessitaria um livro à parte. Devo me contentar, portanto, com a afirmação de que essa lei de coesão atua nos princípios humanos. Antes daquele fim natural, os princípios são incapazes de se separar. Obviamente, a destruição normal das forças coesivas não pode ser conseguida por processos mecânicos, exceto no que diz respeito ao corpo físico. Assim, um suicida, ou um indivíduo morto por acidente ou assassinado por outro homem − ou por imposição da lei humana − não chegou ao término natural das forças de coesão que unem os seus outros elementos constituintes, e é lançado ao estado de *kama-loka* apenas parcialmente morto. Lá os princípios remanescentes têm que esperar até que o fim natural da vida seja alcançado, seja isso um mês ou sessenta anos.

Mas os graus de *kama-loka* atendem as muitas variedades de cascas mencionadas acima. Algumas passam o período em grande sofrimento; outras, em um tipo de sono com sonhos, cada uma de acordo com a responsabilidade moral. Os criminosos executados são em geral lançados para fora da vida cheios de ódio e vingança, sofrendo uma penalidade na qual eles não reconhecem justiça. Eles ficam sempre reencenando no *kama-loka* o seu crime, seu julgamento, sua execução e sua vingança. E sempre que podem ter contato com uma pessoa viva sensitiva, médium ou não, tentam injetar pensamentos de assassinato e outros crimes no cérebro do infeliz. O fato de que eles obtêm sucesso em tais tentativas é conhecido pelos estudantes mais sérios de Teosofia.

Agora nos aproximamos do tema do *devachan*.

Depois de certo tempo no *kama-loka,* o indivíduo saudável alcança um estado de inconsciência que precede a mudança para o próximo estado.

É como o nascimento para a vida, após um período de escuridão e sono pesado. Ele então acorda para a felicidade do *devachan.* **[5]**

NOTAS:

[1] Veja os capítulos anteriores da presente obra. (NT)

[2] “Quatro princípios remanescentes”. Esta é a correção de um erro. No original em inglês, lemos, certamente por um erro de revisão, “cinco princípios remanescentes”. Ocorre que há sete princípios, e o terceiro princípio, *linga-sharira*, é inseparável do segundo princípio, *prana*,

morrendo junto com ele e com o corpo físico. Nas Cartas dos Mahatmas, lemos: "**Quando o homem morre os seus segundo e terceiro princípios morrem com ele; a tríade inferior desaparece, e o quarto, o quinto, o sexto e o sétimo princípios formam o quaternário sobrevivente**." A afirmação está na resposta 5 da Carta 68, em "Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett", Ed. Teosófica, Brasília, vol. 1, primeiras linhas da p. 302. Confirmando este fato, nas próximas frases W. Q. Judge não menciona como sobrevivente o terceiro princípio, *linga-sharira*. (NT)

[3] A "ausência de alma" ocorre porque o foco central de consciência elevou-se em direção ao Devachan. Esta Casca abandonada pode ser chamada de "Elementário". Ela vagueia algum tempo antes de desfazer-se. Veja a resposta 5, na Carta 68, de "Cartas dos Mahatmas", obra citada. (NT)

[4] *Skandhas* – registros cármicos. (NT)

[5] O próximo capítulo de "**O Oceano da Teosofia**" é dedicado ao Devachan - o "plano sagrado" em que a alma vive entre uma encarnação e outra. (NT)

000

CAPÍTULO XIII

Devachan

Tendo mostrado que logo após o limiar da vida humana há um lugar de divisão, onde a melhor parte do homem é separada dos seus elementos mais baixos e irracionais, nós chegamos ao exame do ser real após a morte; do imortal que viaja de vida em vida. Tendo lutado durante a saída do corpo, o homem vai para o *kama-loka*, para o purgatório, onde ele de novo luta e se liberta dos *skandhas* inferiores. Terminado esse período de nascimento, os princípios superiores, *Atma-Buddhi-Manas*, começam a funcionar de uma maneira diferente daquela que o corpo e a mente permitiam durante a vida. Este é o estado do *devachan*, uma palavra sânscrita que significa literalmente "o lugar dos deuses". Nele a alma desfruta da felicidade; mas como os deuses não possuem corpos semelhantes aos nossos, o eu superior no *devachan* está desprovido de um corpo mortal. Nos livros antigos é dito que esse estado dura "um número infinito de anos" ou "um período proporcional ao mérito do ser"; e quando as forças mentais próprias desse estado se exaurem, "o ser é novamente puxado para baixo, para renascer no mundo dos mortais".

O *devachan* é, portanto, um intervalo entre nascimentos no mundo. A lei do carma, que força todos nós a entrar no mundo, sendo incessante em sua operação e também universal em seu alcance, age igualmente no ser que está no *devachan*, pois somente pela força ou operação do carma nós somos retirados do *devachan*. É algo como a pressão da atmosfera que, sendo contínua e uniforme, empurra ou esmaga aquilo que está submetido a ela, a menos que haja uma quantidade compensadora de atmosfera para contrabalançar a pressão. Neste caso, o carma do ser é a atmosfera, sempre pressionando o ser para dentro ou para fora de um estado ou de outro. A quantidade atmosférica de compensação é a força dos pensamentos e aspirações da vida do ser. Esta força impede que ele saia do *devachan* até que ela se esgote. Mas, quando ela se gasta, não há nenhum outro poder que detenha o decreto do destino mortal que construímos para nós mesmos.

Este estado pós-morte é uma das necessidades da evolução, e brota da substância da mente e da alma. Assim que o corpo é abandonado, a própria natureza de *Manas* requer um estado devachânico, e este estado é apenas o efeito do afrouxamento das amarras colocadas sobre a mente pelos invólucros físico e astral. Durante a vida, nós só podemos colocar em ação uma pequena parcela dos pensamentos que temos a cada momento; e conseguimos esgotar uma parte ainda menor das energias psíquicas engendradas pelas aspirações e sonhos de cada dia. A energia gerada assim não é perdida ou aniquilada, mas armazenada em *Manas*, já que o corpo físico, o cérebro e o corpo astral não permitem o pleno desenvolvimento dessa força. Assim, mantida latente até a morte, ela irrompe a partir dos laços enfraquecidos e lança *Manas*, o pensador, em um processo de expansão, de uso e de desenvolvimento da força-de-pensamento criada em vida. A impossibilidade de escapar desse estado necessário surge da ignorância do homem sobre seus próprios poderes e faculdades. Dessa ignorância surge a ilusão, e *Manas*, não sendo totalmente livre, é carregado pela sua própria força até a vida mental do *devachan*. Mas apesar de a ignorância ser a causa da ida para esse estado, o processo todo é benéfico, repousante e curativo. Pois se o homem comum retornasse de imediato para outro corpo na mesma civilização que ele acabou de deixar, sua alma estaria completamente desgastada e privada da necessária oportunidade para o desenvolvimento da parte mais elevada de sua natureza.

Livre do corpo mortal e de Kama, o eu superior é coberto no *devachan* por uma vestimenta que não pode ser chamada de corpo, mas que pode ser designada de instrumento ou veículo. Nela o eu superior funciona durante o estado devachânico, inteiramente no plano da mente e da alma. Tudo é tão real, então, para o ser, como o mundo físico nos parece real. Simplesmente ele tem a oportunidade de construir seu mundo para si, sem ser perturbado pelas limitações da vida física. Seu estado pode ser comparado ao do poeta ou artista que, tomado pelo êxtase da composição ou do arranjo da cor, não dá importância nem percebe o tempo, nem os objetos do mundo.

A todo momento estamos produzindo causas, mas existem apenas dois campos para a manifestação dos efeitos de tais causas. Estes são o plano objetivo, como o mundo físico é chamado, e o plano subjetivo, que existe tanto aqui como depois de havermos deixado esta vida. O campo objetivo se relaciona com a vida na terra e com a parte mais grosseira do homem, as suas ações corporais e seus pensamentos cerebrais, e também, às vezes, seu corpo astral. O subjetivo tem a ver com suas partes mais elevadas e espirituais. No campo objetivo os impulsos psíquicos não podem se exercitar, e tampouco podem fazê-lo as altas inclinações e aspirações de sua alma. Assim, estas devem ser a base, a causa, o substrato e o apoio do estado de *devachan*. Qual então é o tempo, medido em anos mortais, que alguém permanecerá no *devachan*?

A questão de lidar com o que o homem terreno chama de tempo não se refere, é claro, ao real significado do tempo em si mesmo, isto é, não se refere ao que pode ser realmente, para nosso sistema solar, a ordem, a precedência, a sucessão e a duração definitiva dos momentos. Esta questão pode ser respondida em relação ao nosso tempo, mas certamente não em relação ao tempo do planeta Mercúrio, por exemplo, onde o tempo não é o mesmo que o nosso; nem, de fato, em relação ao tempo concebido pela alma. Pois, quanto a este último, qualquer homem pode ver que após o transcorrer de vários anos ele não tem nenhuma percepção direta do tempo que passou, mas é capaz apenas de pinçar alguns dos incidentes que marcaram sua passagem, e alguns instantes ou horas comoventes ou felizes parecem para ele ter acontecido ontem. E assim é para o ser que está no *devachan*. Não há tempo lá. A alma tem todos os benefícios do que vai dentro dela naquele estado, mas não se perde em nenhuma especulação quanto à passagem dos momentos; tudo é feito de eventos, enquanto o tempo todo o orbe solar continua construindo os anos para nós no plano terreno. Isso não pode ser encarado como uma impossibilidade, se nos lembrarmos de que, como é bem sabido na vida física, os acontecimentos, os quadros, os pensamentos, as argumentações e os sentimentos introspectivos vêm até nós em detalhes perfeitos em um só instante, ou, como é sabido por aqueles que quase morreram afogados, os eventos de toda uma vida passam em um relance

perante a visão da mente. Mas o eu superior permanece no *devachan* pelo tempo exatamente proporcional aos impulsos psíquicos gerados durante a vida. No entanto, como este é um assunto que lida com a matemática da alma, ninguém a não ser um Mestre pode dizer qual seria o tempo para um homem médio deste século em cada lugar. Desta forma, temos que depender dos Mestres de sabedoria para saber aquela média, pois ela deve se basear sobre um cálculo. Eles dizem, como bem colocado pelo sr. A. P. Sinnett em seu Budismo Esotérico, que o período é em geral 1.500 anos. **[1]** De uma leitura de seu livro, que foi feito com base em cartas dos mestres, poderíamos inferir que ele deseja afirmar que o período devachânico é, em cada e todo caso, quinze séculos; mas para desfazer esse mal entendido seus instrutores escreveram em uma ocasião posterior que aquele período médio não é fixo. Tal deve ser a verdade, pois como vemos que os homens diferem a respeito dos períodos de tempo que permanecem em qualquer estado mental na vida, devido às variadas intensidades dos seus pensamentos, assim deve ser no *devachan*, onde o pensamento é a maior força, embora sempre devido ao ser que teve os pensamentos.

O que o Mestre disse a respeito disso é o que se segue: "O 'sono do *devachan*' dura até que o carma naquela direção seja satisfeito. No *devachan* ocorre uma gradual exaustão da força. A permanência no *devachan* é proporcional aos impulsos psíquicos não exauridos, originados na vida na terra. Aqueles cujas ações foram preponderantemente materiais serão trazidos mais cedo ao nascimento pela força de *Tanha*."

Tanha é a sede pela vida. Aquele, portanto, que não originou em vida muitos impulsos psíquicos terá pouca base ou força em sua natureza essencial para manter seus altos princípios no *devachan*. Quase tudo o que terá serão aqueles originados na infância, antes que ele começasse a se dedicar a pensamentos materialistas. A sede pela vida expressada pela palavra *Tanha* é a força magnética ou de atração alojada nos *skandhas* inerentes a todos os seres. Em um caso como esse, a regra média não se aplica, já que todo o efeito em qualquer situação é devido ao equilíbrio de forças e ao seu resultado em forma de ação ou reação. E esse tipo de pensador materialista pode emergir do *devachan* em um outro corpo aqui em um mês, cedendo às forças psíquicas não gastas originadas no início da vida. Mas como cada uma dessas pessoas varia quanto ao tipo, à intensidade e à quantidade de pensamentos e de impulsos psíquicos, cada uma pode variar em relação ao tempo de estada no *devachan*. Pensadores desesperadamente materialistas permanecerão na condição devachânica estupefatos ou aparentemente adormecidos, já que eles não têm, em si mesmos, força apropriada para aquele estado salvo de uma maneira vaga, e em relação a eles pode ser dito com muita veracidade que não há estado algum após a morte no que concerne à mente; eles ficam em um torpor por um período, e então vivem novamente na terra. Essa média geral de estada no *devachan* nos dá a duração de um ciclo humano muito importante, o Ciclo da Reencarnação. Pois à luz desta lei percebe-se que o desenvolvimento de uma nação se repete, e se compreende que os tempos passados voltarão novamente.

Os últimos pensamentos poderosos e profundamente impressos dão o colorido e a tendência de toda a vida do *devachan*. Os momentos derradeiros da vida definem o tom de cada momento subsequente. Neles a alma e a mente se fixam, e tecem a partir deles todo um conjunto de eventos e experiências, expandindo-os ao limite máximo, e alcançando tudo o que não foi possível na vida. Assim, expandindo e tecendo esses pensamentos, a entidade tem sua juventude, crescimento e envelhecimento; e isso é o despontar da força, sua expansão e o seu enfraquecimento até a exaustão final. Se a pessoa levou uma vida sem colorido, o *devachan* será sem cores; uma vida rica dará um devachan rico em variedade e efeito. A existência lá não é um sonho a não ser em um sentido convencional, pois é um estágio da vida do homem. Quando nós estamos lá, a vida física parece um sonho. Ela não é monótona de forma alguma. Nós temos a tendência de medir todos os estados da vida e locais de experiência pelos padrões terrenos presentes, e imaginar que isso é uma realidade. Mas a vida da alma é sem fim e não cessa por nem um instante. Deixar nosso corpo físico é apenas uma transição para viver em outro lugar ou plano. Mas como as vestimentas etéreas

do *devachan* são mais duradouras do que as que vestimos aqui, as causas espirituais, morais e psíquicas demoram mais tempo para se expandir e exaurir naquele estado do que levam na terra. Se as moléculas que formam o corpo físico não estivessem submetidas às leis químicas que governam a terra física, viveríamos tanto tempo no corpo físico quanto no estado devachânico. Mas uma vida assim, de esforço e sofrimento intermináveis, seria suficiente para destruir a alma submetida a ela. O prazer seria então dor, e o excesso na comida ou na bebida terminaria em uma insanidade imortal. A natureza, sempre amável, nos leva logo de novo ao céu para um descanso, para o florescimento do que há de melhor e mais elevado em nossas naturezas.

O *devachan* não é nem sem sentido, nem sem motivo. "Nele nós repousamos; aquela parte de nós que não podia florescer sob os céus frios da vida terrena se expande em flor e volta conosco para a vida na terra mais forte e mais integrada que antes à nossa natureza. Por que deveríamos lamentar que a Natureza gentilmente nos auxilia na luta interminável? Por que manter a mente remoendo sobre a personalidade atual e pequena, e sua boa ou má sorte?" **[2]**

Mas às vezes é perguntado:

"E quanto a aqueles que deixamos para trás? Nós os vemos lá?"

Nós não os vemos lá de fato, mas construímos para nós imagens deles tão inteiras, completas e objetivas como na vida física, e isentas de tudo o que então achávamos ser uma mácula. Nós vivemos com eles e os vemos tornarem-se grandiosos e bons, ao invés de maus ou ruins. A mãe que deixou para trás um filho bêbado, encontra-o no *devachan* como um homem sóbrio e bom, e isso ocorre em todos os casos. Pais, filhos, marido e mulher têm seus entes queridos lá perfeitos e plenos de conhecimento. Isso é para o benefício da alma. Pode-se chamar isso de ilusão, mas a ilusão é necessária para a felicidade, assim como frequentemente ocorre na vida. E como é a mente que faz a ilusão, não é um engano intencional de alguém. Certamente a ideia de um paraíso construído ao lado de um inferno, onde você deve saber − se lhe restar algum cérebro ou memória de acordo com o esquema ortodoxo moderno − que os seus amigos e parentes que erraram estão sofrendo a tortura eterna, não pode ser comparada à doutrina do *devachan*.

Mas o habitante do *devachan* não é totalmente destituído de poder para ajudar aqueles que ficaram na terra. O amor, o mestre da vida, quando é real, puro e profundo, fará algumas vezes com que o feliz eu superior que está no *devachan* influencie os que foram deixados para trás na terra para ajudá-los não apenas no campo moral mas também no campo das circunstâncias materiais. Isso é possível sob uma lei do universo oculto, que não poderá ser explicada agora em pormenor, mas o fato pode ser afirmado. Ele foi trazido a nós por H.P. Blavatsky, sem, no entanto, que ela tenha dado muita atenção ao tema. **[3]**

A última questão a considerar é se nós podemos daqui alcançar aqueles que estão no *devachan*, ou se eles podem vir aqui. Nós não podemos afetá-los a não ser que sejamos Adeptos. A afirmação dos médiuns, de que mantém comunicação com os espíritos dos mortos é sem base; e ainda menos válida é a afirmação da habilidade de ajudar aqueles que foram para o *devachan*. O Mahatma, um ser que desenvolveu todos os poderes e que está livre das ilusões, pode ir até o estado devachânico e então se comunicar com os eus superiores lá. Esta é uma de suas funções, e esta é a única escola de Apóstolos depois da morte. Eles lidam com certas entidades no *devachan* com o propósito de tirá-las daquele estado, de forma que voltem à terra para o benefício da raça. Os eus superiores com os quais eles lidam são aqueles cuja natureza é grande e profunda, mas que ainda não são sábios o suficiente para superar as ilusões naturais do *devachan*. Algumas vezes também o médium puro e hipersensível vai até esse estado e então mantém comunicação com os eus superiores lá, mas isso é raro, e certamente não ocorre com a média geral dos médiuns que trabalham por dinheiro. Mas a alma nunca desce até o médium. E o abismo entre a consciência do

devachan e a consciência da terra é tão profundo e largo que raramente o médium pode se lembrar, ao retornar, e relatar aqui o que viu, ou quem ele encontrou ou escutou no *devachan*. Esse abismo é similar ao que separa o *devachan* do renascimento; e nele toda memória é apagada.

Terminado o período destinado às forças da alma no *devachan*, os fios magnéticos que a ligam à terra começam a fazer valer seus direitos. O eu superior acorda do sonho, é conduzido rapidamente para um novo corpo. Então, logo antes do nascimento, ele vê por um momento todas as causas que o levaram para o *devachan* e agora de volta à vida que está prestes a se iniciar. Sabendo que tudo é justo, e que tudo é resultado da sua vida passada, ele não se lamenta; ele assume a cruz de novo – e assim outra alma retorna à terra.

NOTAS:

[1] Na verdade, o intervalo médio entre duas vidas varia de um mil a quatro mil anos, salvo os vários grupos de exceções. Um Mahatma dos Himalaias escreveu: "... Como a mônada não tem corpo *Cármico* para orientar o seu renascimento, cai na não-existência durante um certo período e depois reencarna — certamente não antes de mil ou dois mil anos." ("Cartas dos Mahatmas", Ed. Teosófica, Brasília, vol. II, p. 148, pergunta 26, e resposta única às perguntas 25 e 26). Em outro texto, falando dos casos normais, em que há Devachan, o Mestre esclarece: "Sem dúvida, o Ego real é inerente aos princípios superiores que reencarnam periodicamente a cada mil, dois mil, três mil ou mais anos." ("Cartas dos Mahatmas", volume II, Carta 85B, p. 40). Na Carta 62, o Mestre explica mais uma vez que "os intervalos entre os renascimentos são incomensuravelmente grandes" (volume I, página 256). O início da resposta número nove da Carta 68 das Cartas dos Mahatmas deixa, também, muito claro: o intervalo entre duas vidas é normalmente não só de anos e décadas, mas "séculos e milênios, frequentemente multiplicados por alguma coisa mais". E o Mestre acrescenta: "os prazos de existência encarnada de um homem correspondem a apenas uma pequena proporção dos seus períodos de existência internatal". (volume I, p. 305). H. P. B. também abordou a questão. Ela menciona que o intervalo varia, é de "cerca de 3.000 anos, às vezes mais, às vezes menos." ("Transmigration of Life Atoms", texto publicado em "Theosophical Articles", de H.P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1981, volume II, p. 249. O mesmo texto está no volume V de "Collected Writings", TPH.) (NT)

[2] Carta do Mahatma K. H., veja a revista *Path*, volume 5, p. 192.

[3] Todo contato entre o ser humano fisicamente vivo e o habitante do devachan terá que ser búdico, envolvendo o plano do sexto princípio ou alma imortal. Uma alteração para melhor no sexto princípio de quem está ligado por um laço de amor espiritual ao habitante do devachan pode ter consequências positivas na relação entre o ser fisicamente vivo e o mundo material que o rodeia. Veja-se os outros textos sobre os estados pós-morte publicados em nossos websites associados. H.P. Blavatsky aborda o tema do contato com o habitante do Devachan em "Transactions of the Blavatsky Lodge" (Theosophy Co., Los Angeles, 150 pp., ver p. 77). Nesta obra (que é transcrição de diálogos com ela) Helena Blavatsky afirma que a única forma de contato é através de um sonho, ou em estado de transe. O eu interno do indivíduo que está vivo deverá ir até o habitante do Devachan, porque o contrário é impossível. O diálogo faz parte do texto "Sonhos", de Helena Blavatsky, e que pode ser encontrado em nossos websites associados. Veja também "Isis Unveiled", H.P. Blavatsky, edição original, Theosophy Co., volume II, pp. 115 e 343. (NT)

000

CAPÍTULO XIV

Os Ciclos

A doutrina dos Ciclos é uma das mais importantes de todo o sistema teosófico, embora seja a menos conhecida e, de todas, a menos frequentemente referida. Os investigadores ocidentais vêm suspeitando há alguns séculos que os eventos ocorrem em ciclos, e uns poucos escritores europeus têm lidado com o assunto, mas todos de modo muito incompleto. Essa visão fragmentária e essa falta de conhecimento preciso se devem à descrença nas coisas espirituais e ao desejo de examinar tudo a partir da ciência materialista. Não pretendo expor a lei dos ciclos inteira, pois ela não é dada em detalhes pelos Mestres de Sabedoria. Mas já foi divulgado o suficiente, e muitas coisas conhecidas durante longo tempo pelos Antigos se somam para aumentar consideravelmente o nosso conhecimento.

Um ciclo é um círculo ou uma volta, como a derivação da palavra indica. As palavras correspondentes em sânscrito são *Yuga, Kalpa* e *Manvântara*, mas, destas, *yuga* é a que mais se aproxima de "ciclo", pois, como conceito, tem duração menor do que os outros termos. O começo de um ciclo deve ser um momento que, adicionado a outros, completa um dia. Dias somados constituem meses, anos, décadas e séculos. O Ocidente raramente vai além disso. Ele reconhece o ciclo da lua e o grande ciclo sideral, mas olha para ambos e para os outros ciclos como meros períodos de tempo. Se formos considerá-los apenas como duração de tempo, eles não têm interesse, exceto para o estudo matemático ou para a astronomia. E é assim que os ciclos são considerados hoje pelos pensadores europeus e norte-americanos. Para eles, os ciclos existem mas não têm nenhuma grande influência sobre a vida humana, e seguramente não exercem influência alguma sobre a real repetição de acontecimentos, ou sobre o reaparecimento, no palco da vida, de pessoas que já viveram no mundo.

A teoria teosófica é claramente outra, como tem que ser, já que ela inclui a doutrina da reencarnação, que já recebeu uma boa dose de atenção nos capítulos anteriores. Os ciclos não só são considerados fatos concretos em relação ao tempo. Eles e outros períodos têm uma grande influência sobre a vida humana e a evolução do globo, incluindo todas as formas de vida nele existentes. Começando com o momento e prosseguindo ao longo de um dia, essa teoria transforma o ciclo em um círculo abrangente, que inclui tudo o que está dentro dos seus limites. O momento é a base. A questão a ser examinada em relação ao grande ciclo é a seguinte: quando ocorreu o primeiro momento? Isso não pode ser respondido, mas pode-se dizer que a verdade sustentada pelos antigos teosofistas é que, nos primeiros momentos da solidificação desse globo, a massa de matéria envolvida no processo atingiu um certo padrão definido de vibração, que se manterá através de todas as variações em qualquer parte dele, até que chegue a hora da dissolução. **[1]** São esses padrões de vibração que determinam os diferentes ciclos, e, ao contrário das ideias da ciência ocidental, a doutrina afirma que o sistema solar e o globo em que estamos chegarão ao fim quando a força por trás de toda a massa de matéria visível e invisível tiver alcançado o seu limite de duração sob a lei cíclica. Neste ponto a nossa doutrina é outra vez diferente tanto da visão religiosa como da visão científica. **[2]**

Não admitimos que o final da força seja devido à retirada por algum Deus da sua proteção, nem à súbita colocação em movimento por algum Deus de qualquer outra força contrária ao globo. Nós dizemos que a força que trabalha e determina o grande ciclo é a força do próprio homem, visto como um ser espiritual. Quando ele houver terminado de usar esse globo, ele o abandonará, e então com ele partirá a força que mantém tudo junto. A consequência será a dissolução por fogo,

água ou o que seja, mas esses fenômenos são apenas efeitos e não causas. As especulações científicas convencionais nessa área afirmam que a terra poderá "cair" no sol, ou que um cometa de peso poderá destruir o globo, ou que poderemos colidir com um planeta maior, conhecido ou não. Do ponto de vista da etapa em que estamos, estas especulações não fazem sentido.

A reencarnação é a grande lei da vida e do progresso, e está entrelaçada com a lei dos ciclos e a lei do carma. As três leis trabalham juntas, e na prática é quase impossível dissociar a reencarnação da lei dos ciclos. Indivíduos e nações retornam à terra em correntes definidas, e em períodos regularmente repetidos, e assim ressurgem no globo as artes, a civilização e os mesmos indivíduos que um dia estiveram trabalhando nele. Como as nações e os povos estão conectados por fortes fios invisíveis, grandes grupos de seres humanos, movendo-se devagar, mas certamente juntos, reúnem-se em épocas diferentes, e sempre emergem novamente, em uma nova etnia e uma nova civilização, à medida que os ciclos percorrem as suas rondas. Dessa forma, as almas que formaram as mais antigas civilizações retornarão e trarão com elas a civilização anterior, em ideia e essência. Isso, somado ao que outros indivíduos fizeram pelo desenvolvimento da raça humana em matéria de caráter e de conhecimento, produzirá um estado novo e mais elevado de civilização. Esse desenvolvimento melhor não se deverá a livros, registros, artes ou mecânica, porque todos estes elementos são periodicamente destruídos, pelo menos do ponto de vista das evidências físicas. **[3]** Mas como a alma sempre retém em *Manas* o conhecimento que obteve em algum momento, e como ela sempre busca e força um desenvolvimento mais completo dos princípios e dos poderes superiores, a essência do progresso feito permanece, e reaparecerá de modo tão seguro quanto o renascimento do sol. Ao longo desse caminho estão os pontos em que os ciclos grandes e pequenos de Avatares trazem, para o benefício do ser humano, os grandes personagens que moldam a raça humana de tempos em tempos.

O Ciclo dos Avatares inclui vários ciclos menores. Os maiores são os marcados pelo aparecimento de Rama e Krishna entre os hindus, de Menes entre os egípcios, de Zoroastro entre os persas, e de Buddha entre os hindus e outras nações orientais. Buddha é o último dos grandes Avatares, e está em um ciclo maior do que Jesus dos judeus, pois os ensinamentos deste são os mesmos que os de Buddha, e estão coloridos pelo que Buddha ensinou àqueles que instruíram Jesus. Outro grande Avatar, correspondendo a uma combinação das linhas de Krishna e de Buddha, ainda está por vir. Krishna e Rama foram da ordem militar, civil, religiosa e oculta; Buddha da ética, religiosa e mística, e nisso foi seguido por Jesus. Maomé foi um intermediário menor para uma certa parte da raça, e foi um líder civil, militar e religioso. Nesses ciclos podemos incluir personagens mistos que tiveram influência sobre as nações, como o rei Artur, Faraó, Moisés, Carlos Magno reencarnado como Napoleão Bonaparte, Clóvis da França renascido como imperador Frederico III da Alemanha e George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos da América do Norte, onde a raiz da nova raça está sendo formada.

Na intercessão de grandes ciclos, ocorrem efeitos dinâmicos que alteram a superfície do planeta, devido à mudança dos polos do globo ou a alguma outra convulsão. Esta não é uma teoria geralmente aceita, mas nós sustentamos que é verdadeira. O ser humano é um grande dínamo, produzindo, armazenando e irradiando energia, e quando grandes grupos de seres que compõem uma raça humana produzem e distribuem energia, há um efeito dinâmico resultante na matéria do globo, que será poderoso o suficiente para ser nítido e cataclísmico. O fato de que isto tem causado vastas e terríveis perturbações nos estratos do planeta é admitido por toda parte e está comprovado. As perturbações ocorrem através de terremotos e formação de gelo, no tocante à geologia; mas, com respeito às formas animais, a lei cíclica afirma que certas formas animais agora extintas, e também algumas formas humanas, ainda não conhecidas mas suspeitadas, retornarão novamente em seu próprio ciclo; e certas línguas humanas, agora consideradas mortas, estarão em uso outra vez na sua devida hora cíclica.

"O ciclo Metônico é o da Lua. É um período de dezenove anos. Quando ele se completa, a lua nova e a cheia retornam aos mesmos dias do mês."

"O ciclo do sol é um período de vinte e oito anos. Quando ele se completa, o domingo retorna ao seu lugar prévio e prossegue na ordem anterior, de acordo com o calendário Juliano."

O grande ano sideral indica o tempo que os pontos equinociais levam para fazer, em sua precessão, uma revolução completa nos céus. É composto de quase 25.868 anos. Afirma-se que o último ano sideral terminou cerca de 9.868 anos atrás **[4]**, época na qual deve ter acontecido na terra uma violenta convulsão, ou uma série delas, assim como o deslocamento geográfico de nações. O encerramento desse grande período coloca a terra em novos locais do cosmos, não com respeito à sua própria órbita, mas em razão do verdadeiro progresso do sol em uma órbita própria, que não pode ser medida por nenhum observador atual **[5]**, mas que é suspeitada por alguns e está localizada em uma das constelações.

O homem é especialmente influenciado pelos ciclos espirituais, psíquicos, e morais; e a partir desses ciclos brotam os ciclos nacionais e individuais. Os ciclos nacionais e raciais são históricos. Os ciclos individuais são os de reencarnação, de sensação e de outros registros cármicos. A duração do ciclo individual de reencarnação para a massa geral dos seres humanos é de mil e quinhentos anos **[6]** , e isso por sua vez nos fornece um grande ciclo histórico intimamente ligado ao progresso da civilização. Pois à medida que grande quantidade de indivíduos retorna do *devachan*, pode-se concluir que as épocas romana, grega, e a antiga época ariana, entre outras, serão vistas de novo e que elas podem ser em grande parte rastreadas. Mas o ser humano também é afetado pelos ciclos astronômicos, porque ele é uma parte do todo, e esses ciclos marcam os períodos em que a humanidade, em conjunto, irá sofrer uma mudança. Nos livros sagrados de todas as nações, estes ciclos são frequentemente mencionados. Eles estão na Bíblia dos cristãos, como, por exemplo, na história de Jonas no ventre da baleia. A narrativa parece absurda quando é lida como história, mas não tanto, quando é vista como um ciclo astronômico. "Jonas" está nas constelações, e quando aquele ponto astronômico que representa o homem alcança o ponto no Zodíaco que está diretamente oposto ao ventre de Cetus, a Baleia, no outro lado do círculo − o que é conhecido como processo de oposição − então diz-se que Jonas está no centro do peixe. Ele é "expelido" quando se completa o período, quando aquele ponto-homem tiver passado adiante, no Zodíaco, colocando-se fora da oposição com a Baleia. Similarmente, à medida que o mesmo ponto se move através do Zodíaco, ele é trazido à oposição com diferentes constelações que passam a estar exatamente opostas a ele, um século após o outro, à medida que ele se move adiante. Durante esses progressos, há mudanças nos homens e na terra, representadas exatamente pelas constelações, quando estas são vistas de acordo com as regras corretas da simbologia.

Não se afirma que a conjunção provoque o efeito, mas que, eras atrás, os Mestres de Sabedoria calcularam todos os problemas em relação ao ser humano e encontraram nos céus os meios para saber as datas exatas em que os eventos com certeza recorrerão, e então, ao imprimir nas mentes de antigas nações a simbologia do Zodíaco, possibilitaram a preservação do registro e da profecia. Assim, da mesma maneira que um relojoeiro pode nos dizer a hora pela movimentação dos ponteiros ao longo de certos pontos fixos, os Sábios podem conhecer o momento dos eventos através do relógio zodiacal. Não se acredita nisso hoje, é claro. Mas isso será bem compreendido nos séculos futuros, e como todas as nações da terra possuem em geral símbolos similares para o zodíaco, e como também os registros de raças há muito extintas possuem o mesmo, não é provável que o espírito de vandalismo do século 19 seja capaz de apagar essa valiosa herança de nossa evolução. No Egito, o zodíaco de Dendera **[7]** conta uma lenda igual à que nos foi deixada pela antiga civilização do continente americano. As lendas vêm da mesma fonte. Elas são o trabalho dos Sábios que surgem no começo de cada grande ciclo humano e dão à humanidade − quando ela

começa sua difícil trajetória pela estrada do desenvolvimento − grandes símbolos e ideias de caráter astronômico que irão durar por todos os ciclos menores.

A respeito dos cataclismos gerais que ocorrem no início e no fim dos grandes ciclos, as principais leis que governam os efeitos são a do Carma e a da Recorporificação ou Reencarnação, que se cumprem de acordo com a regra cíclica. Não só o ser humano é regido por essas leis. Cada átomo de matéria também é regido por elas, e a totalidade da matéria física está constantemente sofrendo mudanças, ao mesmo tempo que o ser humano. A matéria física deve, portanto, exibir alterações correspondentes àquelas pelas quais o homem pensante está passando. No plano físico, os efeitos são trazidos pelos fluidos elétricos e outros, que agem com os gases nos sólidos do globo. Na virada de um grande ciclo, eles alcançam o que poderia ser chamado de "ponto de explosão" e podem causar convulsões violentas dos seguintes tipos: (a) Terremotos, (b) Inundações, (c) Incêndios, (d) Gelo.

De acordo com essa filosofia, os terremotos podem ser produzidos por duas causas gerais. A primeira é o abaixamento ou elevação da matéria situada sob a crosta terrestre, devido a calor e vapor. A segunda é dada pelas mudanças elétricas ou magnéticas que afetam a água e a terra ao mesmo tempo. Estas últimas têm o poder de tornar a terra instantaneamente fluída, sem liquefazê-la, causando assim deslocamentos imensos e violentos, em ondas grandes ou pequenas. Esse efeito é visto agora em áreas de terremotos, nas quais causas elétricas similares estão em ação em escala menor.

As inundações de grande extensão são causadas por deslocamento de água devido ao abaixamento ou elevação de terras, e por estas mesmas alterações combinadas com a mudança elétrica, o que induz uma copiosa descarga de umidade. Esta última não é o mero esvaziamento de uma nuvem, mas uma súbita transformação em água de vastas massas de fluidos e sólidos.

Os incêndios em escala planetária surgem de mudanças elétricas e magnéticas na atmosfera, pelas quais a umidade é retirada do ar e este é transformado em uma massa ardente; e, em segundo lugar, pela súbita expansão do centro magnético solar em sete centros, assim queimando o globo.

Os cataclismos pelo gelo não vêm apenas da súbita alteração dos polos, mas também do abaixamento da temperatura devido às alterações das correntes mornas no mar e das correntes quentes magnéticas dentro da terra. As primeiras são conhecidas da ciência, e as últimas, não. O estrato mais inferior da umidade é subitamente congelado, e vastas áreas de terra são cobertas da noite para o dia com vários metros de gelo. Isso pode facilmente acontecer com as ilhas britânicas, se as correntes mais quentes do oceano forem desviadas do seu litoral. **[8]**

Tanto os egípcios como os gregos tinham os seus ciclos, mas, em nossa opinião, eles os obtiveram dos sábios indianos. Os chineses sempre foram uma nação de astrônomos, e têm registradas observações que retroagem até bem antes da era cristã, mas como elas pertencem a uma raça antiga, condenada à extinção − por estranha que essa afirmação possa parecer – suas conclusões não são corretas para as nações arianas. **[9]**

Com a chegada da era cristã, um pesado manto de escuridão caiu sobre as mentes dos seres humanos no Ocidente, e a Índia ficou durante muitos séculos isolada de modo a preservar essas suas grandes ideias durante a noite mental da Europa. Esse isolamento foi produzido deliberadamente como uma precaução necessária tomada pela Loja sobre a qual falei no capítulo I, porque seus adeptos, sabendo perfeitamente das leis cíclicas, desejaram preservar a filosofia para as futuras gerações. Como seria meramente pedante e especulativo discutir os desconhecidos Saros e Naros, e outros ciclos dos egípcios, exporei os ciclos bramânicos, já que eles coincidem quase exatamente com os períodos corretos.

Um período de manifestação universal é chamado Brahmanda, que é uma vida completa de Brahma. A vida de Brahma é formada por seus dias e anos, os quais, sendo cósmicos, têm cada um uma duração imensa. O dia de Brahma tem as suas próprias 24 horas. O seu ano tem pouco mais do que 360 dias, e o número dos anos da sua vida é 100.

Agora consideremos esse globo – uma vez que não estamos envolvidos com nenhum outro. O seu governo e sua evolução acontecem sob um *Manu*, ou *Homem*, e disso vem o termo *Manvântara*, ou "entre dois *Manus*". **[10]**

O curso da evolução está dividido em quatro *Yugas* para cada raça, segundo seu próprio tempo e sua maneira. Essas *Yugas* não afetam toda a humanidade ao mesmo tempo, pois algumas raças estão em uma das *Yugas* enquanto outras estão em um ciclo diferente. Os nativos norte-americanos, por exemplo, estão no fim da sua idade da pedra **[11]**, enquanto os arianos estão em um estado bem diferente.

Essas quatro *Yugas* são: *Krita*, ou *Satya*, a de ouro; *Treta*; *Dvapara*; e *Kali* ou a negra. A era atual para o ocidente e a Índia é a *Kali Yuga*, especialmente com respeito ao desenvolvimento moral e espiritual. A primeira dessas é lenta em comparação com o resto e a atual – *Kali* – é muito rápida. O seu movimento é acelerado precisamente por determinados períodos astronômicos conhecidos hoje a respeito da lua, mas não totalmente calculados.

TABELA

	ANOS MORTAIS
360 (um pouco mais) dias mortais perfazem	1
Krita Yuga …. tem ….	1.728.000
Treta Yuga..... tem	1.296.000
Dvapara Yuga …... tem	864.000
Kali Yuga …. tem ….	432.000
Maha Yuga, ou as quatro eras precedentes, tem ….	4.320.000
71 *Maha Yugas* formam o período de um *Manu*, ou ….	306.720.000
14 *Manus* correspondem a	4.294.080.000
Adicionando os alvoreceres ou crepúsculos entre cada *Manu* ….	25.920.000
Estes reinados e alvoreceres perfazem 1000 *Maha Yugas*, um *Kalpa* ou Dia de *Brahma* ….	4.320.000.000
A Noite de *Brahma* equivale em extensão a seu Dia, e Dia e Noite juntos perfazem ….	8.640.000.000
360 desses Dias formam um Ano de *Brahma* ….	3.110.400.000.000
100 desses Anos perfazem a Vida de *Brahma*.....	311.040.000.000.000

Os primeiros 5000 anos do Kali Yuga terminam entre os anos de 1897 e 1898. Essa yuga começou cerca de 3102 anos antes da era cristã, quando ocorreu a morte de Krishna. Como 1897-98 não está muito longe, o homem de ciência de hoje terá a oportunidade de ver se o fechamento do ciclo de cinco mil anos será precedido ou seguido por quaisquer convulsões ou grandes mudanças políticas, científicas ou físicas, ou todas elas combinadas. **[12]**

As mudanças cíclicas estão se processando agora, à medida que, ano após ano, almas que viveram em civilizações anteriores estão encarnando nesse tempo, quando a liberdade de pensamento e

ação não está tão restrita no Ocidente como foi no passado devido ao fanatismo e ao preconceito religioso e dogmático.

Estamos no momento presente em um ciclo de transição, e, como seria de prever, tudo está mudando, na filosofia, na religião e na sociedade. Em um período de transição, as regras e os cálculos completos e inteiros não são divulgados para quem coloca o dinheiro acima de todas as coisas e menospreza a visão espiritual do homem e da natureza.

NOTAS:

[1] O texto diz: ".... a massa de matéria envolvida no processo atingiu um certo e definido padrão de vibração, que se manterá através de todas as variações em qualquer parte dele, até que a hora da dissolução aconteça". A ideia contida nesta frase de W. Judge tem um claro paralelo com a atual concepção da teoria astrofísica do Big-Bang. A teoria do Big-Bang afirma que durante uma fração quase incalculavelmente pequena de tempo, uma "explosão silenciosa" de energia estabeleceu a frequência vibratória e o equilíbrio entre expansão e retração que regem até hoje e regerão no futuro a evolução do nosso universo. (NT)

[2] O leitor deve levar em conta que esta obra foi publicada na década de 1890. Desde então, as ciências exatas tiveram tempo de aproximar-se bastante da ciência esotérica e da filosofia teosófica, confirmando com seus próprios métodos muitas das afirmativas feitas por H. P. Blavatsky e seu aprendiz William Q. Judge no século 19. (NT)

[3] William Judge se refere aqui apenas às evidências físicas disponíveis ao público. Os Iniciados preservam a memória histórica e cultural de todos os períodos da evolução, em seus registros e em suas bibliotecas esotéricas, conforme explica H.P. Blavatsky nas páginas iniciais de "A Doutrina Secreta". A filosofia esotérica revela algumas das informações que estão preservadas em tais arquivos. (NT).

[4] "9868 anos atrás"; contando, naturalmente, a partir do ano em que este livro foi publicado pela primeira vez, o que ocorreu em 1893. (NT)

[5] Exceto os altos iniciados, que conhecem com ampla precisão tudo o que diz respeito à evolução humana. (NT)

[6] "Mil e quinhentos anos ". Na verdade, o intervalo médio entre duas vidas varia flexivelmente em uma faixa muito mais ampla, entre um mil e quatro mil anos, e mesmo esta faixa inclui muitas exceções. Um Mahatma dos Himalaias escreveu: "... Como a mônada não tem corpo *Cármico* para orientar o seu renascimento, cai na não-existência durante um certo período e depois reencarna — certamente não antes de mil ou dois mil anos." ("Cartas dos Mahatmas", Ed. Teosófica, Brasília, vol. II, p. 148, pergunta 26, e resposta única às perguntas 25 e 26). Em outro texto, falando dos casos normais, em que há Devachan, o Mestre esclarece: "Sem dúvida, o Ego real é inerente aos princípios superiores que reencarnam periodicamente a cada mil, dois mil, três mil ou mais anos." ("Cartas dos Mahatmas", volume II, Carta 85B, p. 40). Na Carta 62, o Mestre explica mais uma vez que "os intervalos entre os renascimentos são incomensuravelmente grandes" (volume I, página 256). O início da resposta número nove da Carta 68 das Cartas dos Mahatmas deixa, também, muito claro: o intervalo entre duas vidas é normalmente não só de anos e décadas, mas "séculos e milênios, frequentemente multiplicados por alguma coisa mais". E o Mestre acrescenta: "os prazos de existência encarnada de um homem correspondem a apenas uma pequena proporção dos seus períodos de existência internatal" (volume I, p. 305). H. P. B. também aborda a questão. Ela menciona que o intervalo varia, e é de "cerca de 3.000 anos, às vezes mais, às vezes menos." (Ver "Transmigration of Life Atoms", texto publicado em "Theosophical Articles", de H.P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1981, volume II, p. 249. O mesmo texto está no volume V de "Collected Writings" de HPB, publicados por T. P. H.) (NT)

[7] O Zodíaco de Dendera é mencionado diversas vezes na obra "A Doutrina Secreta". Ali a senhora Blavatsky afirma, por exemplo, que, segundo registros deste zodíaco em antigos templos egípcios, houve alterações nos polos terrestres em épocas muito anteriores à nossa. Tais alterações seriam ciclicamente recorrentes. Veja, na edição original, "The Secret Doctrine", H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, volume II, p. 368. (NT)

[8] Esta possibilidade também é prevista − com base em dados da ciência do século 21 − por Al Gore, ex-vice-presidente norte-americano e ganhador do Prêmio Nobel da Paz. Veja em nossos websites associados o artigo "Al Gore e a Tradição Esotérica", de Carlos Cardoso Aveline. (NT)

[9] As nações arianas são os povos que descendem da antiga civilização hindu. A afirmação de William Judge sobre a "extinção" das etnias chinesas parece ter sido feita descuidadamente. Ela está fora de qualquer visão de futuro que se possa ter atualmente. Ocorrerá no processo da sucessão das raças-raízes, fenômeno que envolve tempo de longo prazo e que não é de modo algum específico dos chineses. Helena Blavatsky certamente não escreveu sobre *decadência* do povo chinês, e tinha profunda admiração pelas filosofias de Confúcio e Lao-Tzu. Ainda sobre a China, veja a nota 2, no capítulo X. (C.C. Aveline)

[10] O termo *Manu* significa "um homem", isto é, um tipo ou modelo geral de ser humano que persiste durante uma longa etapa de desenvolvimento da humanidade. (NT)

[11] A afirmativa se refere ao século 19, e às tribos que não tinham contato com a civilização mais avançada. De lá para cá, as condições culturais dos povos indígenas se alteraram completamente. (NT)

[12] A primeira edição desta obra é de 1893. Por outro lado, as alterações geológicas e a mudança de era se desenvolvem ao longo de vários séculos, no caso dos ciclos menores, de poucos milhares de anos, segundo H. P. Blavatsky explica em "A Doutrina Secreta". A transição é muito mais demorada no caso dos grandes ciclos. (NT)

000

CAPÍTULO XV

A Diferenciação das Espécies - Os Elos Perdidos

Nota Editorial de 2016: Introdução ao Capítulo XV

O presente capítulo apresenta um desafio extra ao leitor.

Nos primeiros parágrafos, o texto afirma erradamente que as sete raças-raízes apareceram "simultaneamente" em nosso planeta, e que ainda hoje estão presentes e misturadas aos povos da atual humanidade. Se tomada literalmente, esta noção iria contra o que a Teosofia clássica ensina sobre as Raças-Raízes. A verdade é que as duas primeiras raças não eram físicas. As duas últimas tampouco serão físicas.

As almas humanas são as mesmas ao longo dos vários ciclos. Em cada raça, a nossa humanidade aproveita o melhor da experiência acumulada na raça anterior. As raças são, pois, sucessivas e não simultâneas.

É verdade que algumas raças podem conviver entre si durante algum tempo, assim como em uma família os avós convivem com netos. Ainda assim, elas têm idades muito diferentes e não são "simultâneas".

As passagens que mencionam uma suposta "simultaneidade" entre as sete raças podem ser resultado da transcrição errônea de alguma palestra aproveitada neste capítulo. A ideia de uma hipotética simultaneidade literal das sete raças não faz sentido e iria contrariar, inclusive, a explicação que o próprio William Judge dá sobre o tema das raças no capítulo três desta mesma obra.

No entanto, a ideia da simultaneidade abstrata dos planos em que as diferentes raças evoluem sucessivamente e ao longo do tempo é correta. A este respeito, vale a pena ler as páginas 244 a 261 de "Cartas de H.P. Blavatsky Para A.P. Sinnett". **[1]**

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTA:

[1] "Letters of H.P. Blavatsky to A.P. Sinnett", T.U.P., Pasadena, CA, 1973, 404 pp., pp. 244-261, especialmente 245.

CAPÍTULO XV

A Diferenciação das Espécies - Os Elos Perdidos

Entre a ciência e a teosofia há uma grande distância, até agora não transposta, no que diz respeito à origem do ser humano e à diferenciação das espécies. Nesse terreno, os professores de religião do ocidente oferecem uma teoria, amparada dogmaticamente em uma suposta revelação que é tão impossível quanto a teoria apresentada pelos homens da ciência. Ainda assim, os expositores religiosos se aproximam mais da verdade do que a ciência. Através da crença supersticiosa da religião em Adão e Eva, Caim, Set e Noé, fica vagamente delineada a história real das raças humanas, sendo Adão apenas o representante de uma raça entre outras. Os povos que receberam Caim e lhe forneceram uma esposa eram de algumas das raças humanas que apareceram simultaneamente com a raça encabeçada por Adão.

Em última instância, a origem e o começo do ser humano não podem ser descobertos, embora possamos saber quando e de onde vieram os seres humanos deste globo. O ser humano sempre existiu, se não neste globo, então em algum outro. Ele sempre esteve e sempre estará existindo em algum lugar no Cosmos. Ele se aperfeiçoa permanentemente, buscando alcançar a imagem do Homem Celestial. Está sempre vindo a ser. Mas como a mente humana não pode recuar até começo algum, iniciaremos com este globo. Nesta terra, que faz parte de uma cadeia inteira de globos, sete raças de seres humanos apareceram simultaneamente, vindas de outros globos de uma cadeia mais antiga. Considerando-se esta terra – a quarta dessa cadeia – essas sete raças vieram simultaneamente de outro globo dessa cadeia. Esse aparecimento de sete raças juntas acontece na

primeira ronda e em parte da segunda ronda dos globos. Na segunda ronda os sete grupos de seres são amalgamados, e seu destino, depois disso, é diferenciar-se lentamente, ao longo das sucessivas rondas, até que na sétima ronda as sete primeiras grandes raças estejam mais uma vez diferenciadas, como tipos perfeitos da raça humana dentro do que for permitido alcançar nesse período de evolução. No presente, as sete raças estão misturadas, e representantes de todas elas estão nas assim chamadas raças de seres humanos, conforme a classificação da ciência atual **[1]**. O sentido dessa amalgamação e posterior diferenciação é dar a cada raça o benefício do progresso e do poder do todo, a partir do progresso anterior obtido em outros planetas e sistemas. Porque a natureza nunca faz seu trabalho de modo apressado e indevido, mas, através do método seguro da mistura, da precipitação e da separação, promove a maior perfeição possível. E esse método era conhecido pelos Alquimistas, embora não fosse totalmente compreendido por eles em todas as suas implicações.

Portanto, o ser humano não brotou de um único casal. Nem veio de qualquer tribo ou família de macacos. É inútil olhar tanto para a religião como para a ciência em busca de esclarecimento para esta questão, porque a ciência está confusa segundo ela própria admite, e a religião está embaraçada com uma revelação que, em seus livros, contradiz a teoria apresentada pelo padre. Adão é chamado de primeiro homem, mas o registro no qual se encontra a história mostra que outras raças humanas devem ter existido na terra antes que Caim pudesse fundar uma cidade. A Bíblia, então, não apoia a teoria do casal único. Se tomarmos uma das hipóteses da Ciência e admitirmos por um momento que o homem e o macaco se diferenciaram de um ancestral comum, teremos então que decidir de onde veio esse ancestral. O primeiro postulado da Loja **[2]** sobre esse assunto é que sete raças humanas aparecem simultaneamente na terra, e a primeira premissa negativa é que o ser humano não surgiu de um único casal, nem surgiu do reino animal.

As diferenças de caráter e de capacidade que aparecem posteriormente na história humana são consequência das variações que foram provocadas nos Eu Superiores em outros e longos períodos anteriores da evolução, em outras cadeias de globos. Essas variações foram absorvidas tão profundamente que se tornaram equivalentes a características inerentes. Para as raças deste globo, o período anterior de evolução se passou na cadeia de globos da qual a lua é hoje o representante visível.

A controvertida questão dos macacos antropoides terem um parentesco com o ser humano foi explicada pelos Mestres de Sabedoria, que dizem que ao contrário de serem nossos progenitores, eles foram criados pelo próprio ser humano. Em um dos períodos iniciais do globo, os homens daquele tempo geraram, em grandes fêmeas do reino animal, os antropoides, e nos corpos antropoides foi capturado certo número de Egos destinados a serem humanos um dia. O remanescente dos descendentes dos verdadeiros antropoides procede daqueles filhos ilegítimos do homem, e morrerão gradualmente, seus Egos adentrando corpos humanos. Aqueles corpos, metade homem e metade macaco, não poderiam ser animados por egos estritamente animais, e por essa razão são conhecidos na Doutrina Secreta como a “Raça Postergada”, a única não incluída na ordem da Natureza de que nenhum outro ego dos reinos inferiores adentrará o reino humano até o próximo *Manvantara*. Para todos os reinos abaixo do homem, exceto os antropoides, a porta está agora fechada para a entrada no estágio humano, e os Egos nas formas subordinadas devem todos esperar por sua vez no próximo grande ciclo. Como os Egos atrasados da família antropoide emergirão no estágio humano mais tarde, eles serão dessa forma recompensados pela longa espera naquela raça degradada. Todos os demais macacos são produtos dos modos comuns do processo evolutivo.

Nesse assunto, o melhor a fazer é citar as palavras de um dos Mestres de Sabedoria, falando da antropologia esotérica de “A Doutrina Secreta”:

“A semelhança anatômica entre o homem e o macaco superior, tão frequentemente citada pelos darwinistas como apontando para um antigo ancestral comum a ambos, representa um problema interessante, cuja solução adequada deve ser procurada na explicação esotérica da gênese dos grupos pitecoides. Demos informações sobre isso até onde elas podiam ser úteis, ao afirmar que a animalidade das primitivas raças destituídas de mente resultou na produção de monstros imensos de forma humana – frutos de pais humanos e animais. À medida que se passou o tempo e as formas ainda semi-astrais se consolidaram em físicas, os descendentes dessas criaturas foram modificados por condições externas até que a classe, diminuindo de tamanho, culminou nos macacos inferiores do período Mioceno. Com estes, os atlantes posteriores renovaram o pecado dos “Sem Mente” - desta vez com total responsabilidade. Os resultados do seu crime são as espécies agora conhecidas como os antropoides ... Deixe-nos recordar o ensinamento esotérico que nos fala do Homem tendo, na terceira ronda, uma forma gigantesca e parecida com a do macaco, no plano astral. E de maneira similar, no término da terceira raça nesta ronda. Isso então explica as feições humanas dos macacos, especialmente dos antropoides mais recentes – além do fato que estes preservam por hereditariedade uma semelhança com seus progenitores atlanto-lemurianos.”**[3]**

Além disso, os mesmos professores afirmam que os tipos mamíferos foram produzidos na quarta ronda, depois do surgimento dos tipos humanos. Por essa razão não havia nenhuma barreira contra a fertilidade, porque os tipos-raiz daqueles mamíferos não estavam distantes o suficiente para erguer a barreira natural. A união não natural na terceira raça, quando o ser humano não tinha ainda recebido a luz de Manas, não foi um crime contra a natureza, já que, sem a presença da mente, a não ser por um germe rudimentar, nenhuma responsabilidade lhe poderia ser atribuída. Mas na quarta ronda **[4]**, estando presente a luz de Manas, a renovação do ato pela nova raça foi um crime, porque foi feita com pleno conhecimento das consequências e contra o alerta da consciência. O efeito cármico disso, que inclui todas as raças, ainda será integralmente sentido e entendido - em um futuro ainda muito distante de hoje.

Como o ser humano veio para este globo de outro planeta, embora na ocasião fosse, é claro, um ser de grande poder, antes de ficar completamente enredado na matéria, também os reinos inferiores vieram de forma semelhante, em germe e tipo, de outros planetas, e continuam sua evolução ascendente passo a passo, com a ajuda do ser humano, que está, em todos os períodos de manifestação, à frente da onda da vida. Os Egos nesses reinos inferiores não puderam terminar sua evolução na cadeia de globos precedente antes de sua dissolução, e chegando a esta cadeia eles prosseguem, era após era, aproximando-se gradualmente do estágio humano. Um dia eles também se tornarão humanos, e agirão como guarda avançada e guia para outros reinos inferiores, deste ou de outros globos. E na vinda desde um planeta anterior, são sempre trazidos, junto com a primeira e mais alta categoria de seres, alguns tipos de vida animal, algumas frutas, e outros produtos como modelos ou tipos para uso aqui. Não será proveitoso tratar em detalhes sobre isso aqui, pois essas ideias são tão adiantadas para o tempo atual que apenas despertariam o ridículo em alguns e a estupidez em outros. Mas, como as formas gerais dos vários reinos foram trazidas desta maneira, temos que considerar a seguir como a diferenciação das espécies animais e demais espécies inferiores começou e foi levada adiante.

Esse é o ponto em que o auxílio inteligente e a interferência de uma mente, ou de um grupo de mentes são absolutamente necessários. Tal auxílio e interferência foi e é o caso, pois a Natureza sem ajuda não pode fazer o trabalho direito. Mas não quero dizer que Deus ou os anjos interfiram e ajudem. É o Homem que faz isso. Não o homem de hoje, fraco e ignorante como está, mas grandes almas, homens elevados e santos, de imenso poder, conhecimento e sabedoria. Algo que todo ser humano saberia que pode tornar-se, se a religião por um lado, e a ciência por outro, não tivessem pintado um tal quadro de fraqueza, maldade inerente e origem puramente material dos seres humanos que praticamente todos pensam que são fantoches de Deus ou de um destino cruel

sem esperança, ou permanecem com um objetivo egoísta e degradante em vista, tanto aqui como depois. Vários nomes foram dados a esses seres, agora afastados do nosso plano. Eles são os *Dhyanis*, os Criadores, os Guias, os Grandes Espíritos, e assim por diante; há muitos títulos. Na literatura teosófica, eles são chamados de *Dhyanis*.

Através de métodos conhecidos por eles e pela Grande Loja, eles trabalham nas formas assim trazidas, e adicionando aqui, tirando ali, e frequentemente alterando, eles gradualmente transformam os reinos da natureza, assim como o corpo humano denso gradualmente se forma. Esse processo ocorre principalmente no período puramente astral que precede o período físico denso, já que os impulsos dados deste modo certamente se propagarão adiante, ao longo dos sucessivos tempos. Quando o ponto médio da evolução é alcançado, as espécies emergem para o estágio atual, não mostrando a conexão aos olhos do homem, nem aos nossos instrumentos. As investigações atuais seguiram certas espécies até certo ponto onde, como é admitido, não se sabe de qual raiz elas vieram. Tomando por um lado os bois, e por outro os cavalos, vemos que ambos têm cascos, mas um tem o casco fendido e o outro, apenas um dedo. Estes nos remetem, quando alcançamos o ancestral mais antigo de cada um, ao ponto médio, e ali a ciência tem que parar. Nesse ponto a sabedoria dos Mestres entra, mostrando que atrás disso está a região astral da evolução arcaica, onde estavam os tipos-raiz nos quais os Dhyanis começaram a evolução pela alteração e adição, que resultou na diferenciação posterior, no plano grosseiro, das várias famílias, espécies e gêneros.

Um vasto período de tempo, cerca de 300.000.000 de anos, se passou com a terra, o ser humano e todos os reinos da natureza em um estágio astral. Então não havia nenhuma matéria densa como a conhecemos agora. Isso aconteceu nas primeiras rondas, quando a natureza estava efetuando devagar o seu trabalho de aperfeiçoar os tipos no plano astral, que é matéria, embora muito tênue em sua textura. No final daquela sequência de anos, o processo de solidificação começou, a forma do homem sendo a primeira a se tornar sólida, e então alguns dos protótipos astrais das rondas precedentes foram envolvidos no processo de solidificação, embora na verdade pertencentes a um período anterior, quando tudo era astral. Quando esses fósseis são descobertos, deduz-se que devem ser daquelas criaturas que coexistiram com o corpo físico denso do ser humano.

Embora esse argumento seja suficientemente adequado dentre as outras teorias da ciência, torna-se apenas uma suposição se a existência do período astral for admitida. Estaria além do alcance desse trabalho entrar em detalhes. Mas é possível dizer de passagem que nem a abelha nem o trigo poderiam ter sua diferenciação original nessa cadeia de globos, mas devem ter sido produzidos e concluídos em alguma outra, de onde foram trazidos para cá. Por que razão isso deve ser assim, é algo que pretendo deixar por enquanto como uma conjectura.

Pode-se objetar, a toda essa teoria, que a ciência não foi capaz de encontrar os elos perdidos entre os tipos-raiz do período astral e os fósseis atuais ou espécies vivas. No ano de 1893, em Moscou, o professor Virchow disse em uma palestra que o elo perdido estava tão distante como sempre, que continuava sendo um sonho, e que não havia nenhuma evidência real mostrando que o homem veio dos animais. Isso é verdade, e nenhum tipo de elo perdido será descoberto pela ciência com os métodos presentes. Pois todos eles existem no plano astral, e portanto são invisíveis ao olho físico. Eles podem ser vistos apenas pelos sentidos astrais internos, que devem primeiro ser treinados para fazer seu trabalho adequadamente, e até que a ciência admita a existência dos sentidos astrais e internos, ela nunca tentará desenvolvê-los. Portanto, sempre a ciência estará sem os instrumentos para descobrir os elos astrais deixados no plano astral no longo curso da diferenciação. Os fósseis referidos acima, que foram, por assim dizer, solidificados fora de hora, formam uma exceção à impossibilidade de encontrar quaisquer elos perdidos, mas eles são becos sem saída para a ciência porque ela não admite nenhum dos fatos necessários.

O objeto de toda essa diferenciação, amalgamação e separação é bem estabelecida por outro dos Mestres, assim:

"A Natureza prefere conscientemente que a matéria seja indestrutível em formas orgânicas do que em inorgânicas, e trabalha lenta mas incessantemente rumo à realização desse objetivo - a evolução da vida consciente a partir de material inerte." ("O Mundo Oculto", de Alfred P. Sinnett.)

NOTAS:

[1] A noção de que a humanidade é composta por raças diferentes - considerando-se a palavra "raça" no seu sentido comum - já está se desfazendo. No início do século 21, a ciência considera que não há diferença genética suficiente entre os seres humanos para dividi-los em raças, e afirma que do ponto de vista físico há apenas uma só raça humana. No entanto, o conceito teosófico de raça abrange milhões de anos e inclui povos com características físicas muito diferentes. (NT)

[2] "Loja" - referência à Fraternidade de Iniciados de diferentes nações que guarda o conhecimento esotérico relativo à evolução humana e planetária. (NT)

[3] "The Secret Doctrine", H. P. Blavatsky, Theosophy Co., Los Angeles, 1982, vol. II, p. 689. (NT)

[4] Aqui tudo indica que deva ser "raça" e não "ronda", a palavra correta. Aparentemente, trata-se de mais um erro de transcrição de palestra aproveitada neste capítulo. (NT)

000

CAPÍTULO XVI

As Leis, as Forças e os Fenômenos do Mundo Psíquico

O campo das forças psíquicas, dos fenômenos e sua dinâmica é vasto. Tais fenômenos são vistos, e forças são exibidas diariamente em todos os lugares, mas até há poucos anos pouquíssima atenção era dada a eles pelos homens da ciência, enquanto grande dose de ridículo era atribuída àqueles que relatavam a ocorrência ou alegavam crença no nível psíquico da natureza.

Há cerca de quarenta anos surgiu nos Estados Unidos um culto, que chamou a si mesmo muito erroneamente de "espiritismo" **[1]** , e que, tendo uma grande oportunidade, a negligenciou, caindo em uma mera busca de fenômenos, sem o menor vestígio de uma filosofia. Tal movimento alcançou muito pouco em termos de progresso, exceto pelo registro de vários fatos não assimilados, que durante quatro décadas não puderam atrair seriamente a atenção das pessoas em geral. Mesmo tendo sua utilidade, e incluindo em suas fileiras muitas pessoas inteligentes, os grandes perigos e danos causados aos seres humanos envolvidos como instrumentos e àqueles que os procuravam superam em muito o bem alcançado, na opinião daqueles discípulos da Loja **[2]** que prefeririam ver o homem progredindo equilibradamente e sem quedas na senda da evolução.

Mas outros investigadores ocidentais das escolas convencionais não tiveram melhor desempenho, e o resultado é que não há uma psicologia ocidental digna desse nome.

A falta de um sistema adequado de psicologia é consequência natural da tendência materialista da ciência e da influência paralisante da religião dogmática. Uma ridiculariza os esforços e bloqueia o caminho. A outra proíbe a investigação. Entretanto, o ramo católico romano da religião cristã é em alguns aspectos uma exceção. Ele sempre admitiu a existência do mundo psíquico - pois este é o império dos anjos e dos demônios. Mas como os anjos se manifestam quando querem e os demônios devem ser evitados, a igreja não permite que ninguém se intrometa em tais assuntos, a não ser um sacerdote autorizado. No tocante à proibição de práticas perniciosas como a necromancia, permitida pelos "espíritas", aquela igreja está certa, mas não quanto às outras proibições e restrições. A psicologia real é hoje um produto oriental. É bem verdade que o sistema foi conhecido no ocidente quando uma civilização muito antiga floresceu na América, e em certas partes da Europa, anteriormente à era cristã, mas hoje a psicologia em seu verdadeiro aspecto pertence ao oriente.

Há forças, leis e poderes psíquicos? Se há, então os fenômenos devem existir. E se tudo que foi delineado nos capítulos anteriores for verdade, então no homem existem os mesmos poderes e forças que podem ser encontrados em qualquer parte da Natureza. Ele é considerado pelos Mestres de Sabedoria como o mais alto produto de todo o sistema de evolução, e espelha em si mesmo cada poder, quer seja terrível ou maravilhoso, da Natureza; pelo próprio fato de ser tal espelho é que ele é homem.

Isso foi reconhecido há muito tempo no Oriente, onde o autor viu demonstrações de tais poderes que poderiam perturbar as teorias de vários homens de ciência do Ocidente. E no Ocidente, os mesmos fenômenos foram repetidos para o autor, de forma que ele sabe por conhecimento pessoal que todo homem de qualquer raça tem os mesmos poderes em potencial. Os fenômenos psíquicos - ou como são frequentemente chamados, mágicos - autênticos feitos pelos faquires ou iogues orientais são todos realizados pelo uso de forças e processos naturais, que o Ocidente nem sequer sonhou ainda. A levitação do corpo em aparente desafio à lei da gravidade é algo que pode ser feito com facilidade quando o processo é completamente dominado. Não contrapõe lei alguma. A gravitação é apenas metade da lei. Os sábios orientais admitem a gravidade, se alguém quiser adotar esse termo; mas o termo real é atração, a outra metade da lei sendo expressa pela palavra repulsão, e ambas sendo governadas pelas grandes leis da força elétrica. Peso e estabilidade dependem da polaridade, e quando a polaridade de um objeto é alterada em relação ao solo imediatamente abaixo dele, então o objeto pode se elevar no ar completamente sem apoio, como um pássaro, quando sua polaridade é mudada dessa forma. Essa mudança é produzida conscientemente por certo sistema de respiração conhecido dos orientais; pode ser induzida também pela ajuda de certas forças naturais a serem tratadas posteriormente, nos casos daqueles que exibem os fenômenos sem o conhecimento da lei, como os santos da Igreja Católica Romana.

Uma terceira grande lei que participa em muitos dos fenômenos do Ocidente e do Oriente é a da Coesão. O poder da Coesão é um poder definido em si mesmo, e não um resultado, como se supõe. Essa lei e sua ação devem ser conhecidos para que ocorra a produção de determinados fenômenos, como por exemplo o que o autor viu, a passagem de um anel sólido através do outro, ou de uma pedra através de uma parede sólida. Por conta disso outra força é usada, que pode ser chamada apenas de dispersão. A coesão é a força dominante, pois, no momento que a força dispersiva é retirada, a força coesiva restaura a posição original das partículas.

Seguindo este princípio, o Adepto que domina esta grande dinâmica é capaz de dispersar os átomos de um objeto - sempre excluindo o corpo humano - a tal distância um do outro que permita torná-lo invisível, e então enviá-los, em uma corrente formada no éter, a qualquer

distância na terra. No ponto desejado a força dispersiva é retirada, e então a força coesiva imediatamente se reafirma e o objeto reaparece intacto. Isso pode soar como ficção, mas sendo conhecido pela Loja e seus discípulos como fato verdadeiro, é igualmente certo que a ciência, cedo ou tarde, admitirá esta afirmação. **[3]**

Mas a mente leiga, infectada pelo materialismo de hoje, deseja muito saber como todas essas manipulações são possíveis, visto que não se fala de nenhum tipo de instrumento. Os instrumentos estão no corpo e no cérebro do homem. Na visão da Loja, "o cérebro humano é um gerador inesgotável de força", e um conhecimento completo das íntimas leis químicas e dinâmicas da natureza, junto com uma mente treinada, dá ao possuidor o poder de operar as leis às quais me referi. Isso estará em posse do ser humano no futuro, e seria assim hoje, não fosse pelo dogmatismo cego, pelo egoísmo e pela descrença materialista. Nem mesmo os cristãos vivem à altura da verídica afirmação de seu Mestre, de que se alguém tem fé, poderia remover uma montanha. O conhecimento da lei, quando adicionado à fé, dá o poder sobre a matéria, a mente, o espaço e o tempo.

Usando os mesmos poderes, o Adepto treinado pode produzir, diante dos olhos, objetivo ao toque, material que não era visível antes, e em qualquer forma desejada. Isso seria popularmente chamado de criação, mas é simplesmente a evolução bem diante de você. A matéria é mantida suspensa no ar ao nosso redor, cada partícula de matéria, visível ou não precipitada, já passou por todas as formas possíveis, e o que o Adepto faz é selecionar qualquer forma desejada, existente na Luz astral, e então pelo esforço da Vontade e da Imaginação vestir a forma com a matéria pela precipitação. O objeto assim feito se desvanecerá a não ser que se lance mão de outros processos determinados, os quais não precisam ser descritos aqui. Mas se esses processos forem usados, o objeto persistirá permanentemente. E se for desejável tornar visível uma mensagem em um papel ou outra superfície qualquer, as mesmas leis e poderes são utilizados. A imagem distinta - fotográfica e altamente definida - de cada linha de cada carta ou cena é formada na mente e então é retirado do ar o pigmento a ser depositado dentro dos limites estabelecidos pelo cérebro, "o inesgotável gerador de força e forma". Todas essas coisas o autor já viu serem realizadas da maneira descrita, e não por qualquer médium irresponsável ou contratado, e ele sabe sobre o que está falando.

Isso, então, leva à afirmação de que a Vontade humana é todo-poderosa, e que a Imaginação é uma faculdade das mais úteis, tendo uma força dinâmica. A imaginação é o poder gerador de imagem da mente humana. Na pessoa humana comum, mediana, ela não tem suficiente treinamento ou força para ser mais do que uma espécie de sonho, mas ela pode ser treinada. Quando treinada, ela é o Construtor na Oficina Humana. Chegando a esse ponto, ela faz uma matriz na substância Astral, através da qual os efeitos fluirão objetivamente. É o maior poder, depois da Vontade, no complicado instrumental do conjunto humano. A definição ocidental moderna de Imaginação é incompleta e imprecisa. Ela é principalmente usada para designar fantasia ou uma concepção errônea, e todas as vezes representa o irreal. É impossível achar um termo tão bom, porque um dos poderes da Imaginação treinada é o de fazer uma imagem. Essa faculdade usada, ou melhor, levada ao ato, de forma desregulada deu ao ocidente apenas a ideia expressada por "fantasia". Até aqui está correto, mas ela pode ser levada a um limite maior, o qual, quando alcançado, leva a Imaginação a desenvolver na substância Astral uma imagem ou fôrma efetiva, que pode então ser usada do mesmo modo que um ferreiro usa um molde de areia para o ferro fundido. É, portanto, a faculdade chefe, à medida que a Vontade não pode fazer o seu trabalho se a Imaginação é fraca, ou destreinada. Por exemplo, se a pessoa que deseja precipitar do ar oscila mesmo que um pouco a imagem formada na substância Astral, o pigmento cairá no papel de forma correspondentemente oscilante e difusa.

Para se comunicar com outra pessoa a qualquer distância, o Adepto afina todas as moléculas do cérebro e todos os pensamentos da mente de forma a vibrar em uníssono com a mente a ser afetada, e esta outra mente e cérebro devem ser levados voluntariamente a entrar no mesmo uníssono ou a voluntariamente consenti-lo. Assim, embora o Adepto esteja em Bombaim **[4]** e seu amigo em Nova Iorque, a distância não é obstáculo, porque os sentidos internos não dependem de ouvido, mas podem sentir e ver pensamentos e imagens na mente da outra pessoa.

E quando se deseja olhar na mente e capturar os pensamentos de alguém, e as cenas que o rodeiam, de tudo que ele pensou e viu, a visão e a audição interna do Adepto se dirigem à mente a ser vista, onde de uma vez tudo é visível. Mas como dito antes, apenas um canalha faria isso, e os Adeptos não o fazem a não ser em casos estritamente autorizados. O homem moderno não vê nenhuma ofensa em olhar os segredos de outro homem através desse poder, mas os Adeptos dizem que é uma invasão dos direitos do outro. Nenhum homem tem o direito, mesmo que tenha o poder em suas mãos, de entrar na mente de outro e descobrir seus segredos. Esta é a lei da Loja para todos que buscam, e se alguém vê que está prestes a descobrir o segredo de outra pessoa ela deve de imediato se retirar, e não continuar mais. Se ela persiste, seu poder lhe é retirado, no caso de um discípulo; no caso de qualquer outra pessoa, ela deve sofrer as consequências desse tipo de assalto. Porque a natureza tem as suas leis, e a sua polícia, e se cometemos crimes no mundo astral, a grande Lei e seus guardiães, aos quais é impossível subornar, executarão sua pena, não importa quanto tempo esperemos, mesmo que seja por dez mil anos. Aqui há outra salvaguarda para a ética e a moral. Mas até que os homens adotem o sistema de filosofia apresentado neste livro, eles não considerarão errado cometer crimes em campos onde sua fraca lei não atua, mas ao mesmo tempo, ao recusar a filosofia eles adiarão o dia quando todos poderão ter esses poderes para o uso de todos.

Entre os fenômenos dignos de nota estão aqueles em que objetos se movem sem o contato físico. Isso pode ser feito, e de mais de uma maneira. A primeira é afastar do corpo físico a mão e o braço Astrais, e com estes segurar o objeto a ser movido. Isso pode ser conseguido a uma distância de até três metros da pessoa. Não discutirei isso, apenas me refiro a propriedades da substância e membros Astrais. Isto serve, em certo grau, para explicar vários dos fenômenos mediúnicos. Em quase todos os casos de tais manifestações, o feito é conseguido ao se usar a mão astral invisível, porém material. O segundo método é usar os elementais, dos quais já falei antes. Eles têm o poder, quando dirigidos pelo homem interior, de carregar objetos mudando a polaridade, e então vemos, como no caso dos faquires na Índia e de alguns médiuns na América, pequenos objetos se movendo aparentemente sem apoio. Essas entidades elementais são usadas quando as coisas são trazidas de distâncias maiores do que o alcance que os membros astrais têm, quando esticados. Não é argumento contrário o fato de alguns médiuns não saberem que assim o fazem. Eles raramente, ou nunca, sabem algo sobre como realizam qualquer feito, e sua ignorância da lei não é prova da não existência desta. Aqueles estudantes que viram as forças agirem a partir de dentro não precisam argumentar sobre isso.

Clarividência, clariaudiência e vidência estão todos intimamente relacionados. Cada exercício de qualquer um deles atrai ao mesmo tempo os outros dois. Eles são variação de um mesmo poder. O som é uma das características que distingue a esfera Astral, e como a luz acompanha o som, a visão é alcançada junto com a audição. Ver uma imagem com os sentidos Astrais significa que ao mesmo tempo há um som, e escutar o último supõe a presença de uma imagem relacionada na substância Astral. É perfeitamente conhecido para o verdadeiro estudante de ocultismo que todo som produz instantaneamente uma imagem, e isso, há muito conhecido no Oriente, vem sendo demonstrado ultimamente no Ocidente na produção, diante dos olhos, de imagens de som em um tambor esticado. Esta parte do assunto pode avançar muito com o auxílio do ocultismo, mas como é perigosa no atual estado da sociedade, eu me detenho neste ponto. Na Luz Astral estão cenas de todas as coisas que já aconteceram a qualquer pessoa, assim como das coisas que estão por vir,

cujas causas já estejam suficientemente bem demarcadas e feitas. Se as causas ainda estiverem indefinidas, assim serão as imagens do futuro. Mas, para a massa de eventos de vários anos por vir, todas as causas efetivas e produtoras estão sempre demonstradas com suficiente definição para permitir ao vidente vê-las de antemão, como se fossem o presente. Por meio dessas cenas, vistas com os sentidos interiores, todos os clarividentes exercitam a sua estranha faculdade. No entanto, é uma faculdade comum a todos os homens, embora na maioria apenas minimamente desenvolvida; mas o ocultismo afirma que se o germe desse poder não estivesse minimamente ativo em todo mundo, nenhum homem poderia transmitir ao outro qualquer tipo de ideia.

Na clarividência, as cenas na Luz Astral passam perante a visão interna e são refletidas no olho físico a partir de dentro. Elas então aparecem objetivamente ao vidente. Se elas são de eventos passados ou daqueles ainda por acontecer, a imagem é apenas vista. Se são de eventos que estão acontecendo de fato naquele momento, a cena é percebida através da Luz Astral pelo sentido interno. A diferença entre a visão comum e a visão clarividente é, portanto, que na clarividência com a visão do estado de vigília a vibração é comunicada primeiramente ao cérebro, de onde é transmitida ao olho físico, onde ela forma uma imagem na retina , assim como o cilindro giratório do fonógrafo faz com que o bocal vibre exatamente como a voz vibrava ao entrar no receptor. Na visão comum, as vibrações chegam primeiro ao olho, sendo então transmitidas ao cérebro. Imagens e sons são ambos causados por vibrações, e assim qualquer som uma vez emitido é preservado na Luz Astral, de onde o sentido interior pode retirá-lo, e transmiti-lo a partir de dentro para o cérebro, de onde chega ao ouvido físico. Logo, na clariaudiência à distância, o ouvinte não escuta com o ouvido, mas com o centro da audição do corpo astral. A vidência pode ser uma combinação da clarividência com a clariaudiência, ou não, de acordo com cada caso em particular, e a frequência com que eventos futuros são vistos pelo vidente agrega um elemento de profecia.

O grau mais alto de clarividência - o da visão espiritual - é muito raro. O clarividente comum lida apenas com os aspectos e estratos comuns da matéria astral. A luz espiritual vem apenas para aqueles que são puros, devotados e firmes. Ela pode ser atingida pelo desenvolvimento especial do órgão particular do corpo, somente através do qual tal visão é possível, e apenas depois de disciplina, longo treinamento e o mais alto altruísmo. Todas as outras clarividências são transitórias, inadequadas e fragmentárias, porque lidam apenas com matéria e ilusão. Seu caráter fragmentário e inadequado resulta do fato de que dificilmente qualquer clarividente tem o poder de ver mais do que um dos níveis mais baixos da substância astral de cada vez. Os de mente pura e os corajosos podem tratar com o futuro e com o presente de forma muito melhor do que qualquer clarividente. Mas como a existência desses dois poderes prova a presença em nós de sentidos internos e do meio necessário - a Luz Astral -, eles têm, como faculdades humanas, uma relação importante com as alegações dos chamados “espíritos” da sala de sessões.

Os sonhos resultam às vezes da ação cerebral, processando-se automaticamente, e são também produzidos através da transmissão, pela pessoa interna real, daquelas cenas ou ideias, altas ou baixas, que a pessoa real viu enquanto o corpo dormia. Elas são então filtradas para dentro do cérebro, como se flutuassem na alma à medida que ela afunda no corpo. Esses sonhos podem ser úteis, mas geralmente a retomada da atividade corporal destrói o significado, perverte a imagem, e reduz tudo à confusão. Mas o maior acontecimento em todo ato de sonhar é que lá dentro alguém percebe e sente, e este é um dos argumentos para a existência da pessoa interior. No sono o homem interior comunga com inteligências superiores, e algumas vezes consegue imprimir no cérebro aquilo que recebeu, tanto como uma grande ideia ou como visão profética, e em outras falha, devido à resistência do tecido cerebral. O carma da pessoa também determina o significado de um sonho, pois um rei pode sonhar algo que se relaciona ao seu reino, enquanto a mesma coisa sonhada por um cidadão não se relaciona com nada de consequência temporal. Mas, como é dito por Jó: “Nos sonhos e nas visões da noite o homem é instruído”.

As aparições e os duplos são de dois tipos em geral. Em um caso, temos as cascas astrais ou imagens do mundo astral, tanto realmente visíveis aos olhos como resultantes da vibração de dentro lançada para o olho, fazendo assim a pessoa pensar que vê uma forma objetiva externa. No outro caso, o corpo astral de pessoas vivas, levando consigo a consciência integral ou apenas parte da consciência da pessoa. Tentativas laboriosas de sociedades de pesquisas psíquicas para comprovar as aparições sem o conhecimento dessas leis realmente nada provam, pois de vinte casos admitidos, dezenove podem ser a objetivação da imagem impressa no cérebro. Mas que aparições são vistas, não há dúvida. Aparições daqueles que acabaram de morrer podem ser tanto imagens tornadas objetivas como descrito, ou o corpo astral - chamado de *Kama Rupa* nesse estágio - do falecido. E como as forças e pensamentos finais liberados do corpo são muito fortes, temos mais relatos de tais aparições do que de qualquer outro tipo.

O Adepto pode irradiar sua aparição, a qual, entretanto, é chamada por outro nome, já que consiste de seu corpo astral consciente e treinado, dotado com toda sua inteligência e não totalmente destacado do seu arcabouço físico.

A teosofia não nega ou ignora as leis físicas descobertas pela ciência. Ela admite todas, tais como são provadas, mas afirma a existência de outras leis que modificam a ação daquelas que comumente conhecemos. Por trás de todos os fenômenos visíveis está o cosmo oculto com todo o seu maquinário ideal; aquele cosmo oculto pode apenas ser entendido por meio dos sentidos internos que pertencem a ele, aqueles sentidos não serão facilmente desenvolvidos se sua existência for negada. O cérebro e a mente, atuando juntos, têm o poder de desenvolver formas, primeiro como formas astrais na substância astral, e mais tarde como formas visíveis, por adição de matéria neste plano. Objetividade depende largamente da percepção, e percepção pode ser afetada pelos estímulos internos. Assim, uma testemunha pode tanto ver um objeto que existe verdadeiramente como tal do lado de fora, ou pode ser levada a vê-lo por estímulo interno. Isso nos dá três modos de visão: (a) com o olho, por meio da luz em um objeto; (b) com os sentidos internos por meio da Luz Astral, e (c) pelo estímulo de dentro que faz o olho se reportar ao cérebro, assim projetando a imagem interna para fora. Os fenômenos de outros sentidos podem ser mapeados da mesma maneira.

A substância astral sendo o registro de todos os pensamentos, sons, imagens e outras vibrações, e o homem interno sendo uma pessoa completa, capaz de agir com ou sem coordenação com o físico, todos os fenômenos de hipnotismo, clarividência, clariaudiência, mediunidade, e o restante daqueles que não são conscientemente executados, podem ser explicados. Na substância astral estão todos os sons e imagens, e no homem astral permanecem impressões de todos os eventos, por mais remotos ou insignificantes que sejam. Agindo juntos, eles produzem os fenômenos que parecem tão estranhos para quem nega ou desconhece os postulados do ocultismo.

Mas para explicar os fenômenos feitos pelos Adeptos, Faquires, Iogues e todos os ocultistas treinados, deve se entender as leis ocultas da química, da mente, da força e da matéria. E não é, obviamente, a meta desta obra tratar delas em detalhe.

NOTAS:

[1] O livro “O Oceano da Teosofia” foi publicado pela primeira vez em 1893. (NT)

[2] A Loja da Fraternidade Universal, da qual fazem parte os Mestres de Sabedoria que vivem nos Himalaias. (NT)

[3] No século 21, a ciência discute o conceito de teletransporte, que equivale aos conceitos de “desmaterialização” e “rematerialização”. (NT)

[4] Bombaim - atual Mumbai, na Índia. (NT)

000

CAPÍTULO XVII

Fenômenos Psíquicos e Espiritismo

Na história dos fenômenos psíquicos, os registros do assim chamado "espiritismo" na Europa, América do Norte e demais locais ocupam um lugar importante. Advirto que jamais um termo foi tão mal aplicado como "espiritismo" para o mencionado culto na América e Europa, já que não há nada do espírito nele. As doutrinas divulgadas nos capítulos precedentes são as do verdadeiro espiritismo, as mal denominadas práticas dos médiuns modernos e assim chamados espíritas constituem a adoração dos mortos, na realidade a antiga necromancia, que foi sempre proibida pelos mestres espirituais. Elas são a materialização grosseira da ideia espiritual, e lidam mais com a matéria do que com seu oposto. Dizem alguns que esse culto se originou há cerca de quarenta anos na América, em Rochester, NY, sob a mediunidade das irmãs Fox, mas era conhecido em Salem durante a onda de bruxaria, e na Europa, há cem anos, buscava-se as mesmas práticas, fenômenos similares eram vistos, médiuns se desenvolviam, e sessões aconteciam. Por séculos tem sido bem conhecido na Índia, onde é acertadamente chamado de "adoração de *bhutta*", significando a tentativa de comunicar-se com o espírito ou com os restos astrais das pessoas falecidas. Este deveria ser o seu nome aqui também, pois através dele as partes grosseiras, demoníacas ou terrenas do homem são provocadas, sofrem apelos e se comunicam. Mas os fatos do longo registro de quarenta anos na América requerem um breve exame. Esses fatos todos os teosofistas estudiosos devem admitir. A explicação e as deduções teosóficas, entretanto, são totalmente diferentes daquelas do espírita médio. Não se desenvolveu uma filosofia nas fileiras ou literatura espíritas; só a teosofia dará a verdadeira explicação, apontará os defeitos, revelará os perigos, e sugerirá remédios.

Como é sabido que clarividência, clariaudiência, transferência de pensamentos, profecia, sonhos e visão, levitação, aparições de espectros, são poderes conhecidos há eras, as questões mais prementes no tocante ao espiritismo são relativas à comunicação com as almas daqueles que deixaram esta terra e estão agora desencarnados, e com espíritos não classificados, que não estiveram encarnados aqui, mas pertencem a outras esferas. Talvez também a questão de materialização de formas nas salas de sessão mereça alguma atenção. Comunicação inclui falas em transe, escritas na lousa ou em outros meios, vozes independentes no ar, falas através dos órgãos físicos de vocalização do médium, e precipitação de mensagens a partir do ar. Os médiuns se comunicam com os espíritos dos mortos? Os nossos amigos que partiram percebem a condição da vida que deixaram, e retornam algumas vezes para falar conosco?

As respostas estão implícitas nos capítulos anteriores. Os nossos seres queridos que partiram não nos veem aqui. Eles estão liberados da terrível angústia que tal visão infligiria. De vez em quando, um médium de mente pura, não pago, pode ascender, em transe, ao estado no qual está a alma de uma pessoa falecida, e pode lembrar-se de fragmentos do que foi escutado lá; mas isso é raro. Aqui e ali, no curso de décadas, alguns altos espíritos humanos podem retornar por um momento e, por

meios inequívocos, comunicar-se com os mortais. No momento da morte a alma pode falar com algum amigo da terra antes que a porta seja finalmente fechada. Mas a grande quantidade de supostas comunicações, feitas dia após dia através de médiuns, são de remanescentes não inteligentes dos homens, ou em muitos casos, apenas a produção, invenção, compilação, descoberta e arranjo feito pelo corpo astral frouxamente fixado do médium vivente.

Há algumas objeções à teoria de que os espíritos dos mortos se comunicam. Algumas delas são:

I- Em nenhum momento esses espíritos revelaram as leis que comandam quaisquer desses fenômenos, exceto em alguns casos, não reconhecidos pelo culto, onde a teoria teosófica se adiantou. Como isso destruiria as estruturas, tais como as construídas por A. J. Davis, estes espíritos em especial caíram em descrédito.

II- Os espíritos discordam entre si, um descrevendo um pós-morte muito diferente do outro. Essas discordâncias variam segundo o médium e as supostas teorias do falecido durante sua vida. Um espírito admite a reencarnação, e outros a negam.

III- Os espíritos nada descobriram a respeito da história, antropologia, ou outros assuntos importantes, parecendo ter menor competência nesse campo do que os homens vivos; e embora frequentemente reivindiquem serem homens que viveram em antigas civilizações, eles mostram ignorância no assunto, ou apenas repetem descobertas recentemente publicadas.

IV- Nesses quarenta anos, nenhuma base lógica dos fenômenos nem do desenvolvimento da mediunidade foi obtida dos espíritos. É dito que grandes filósofos se comunicam através dos médiuns, mas proferem apenas disparates e lugares comuns.

V- Os médiuns chegam à ruína moral e física, são acusados de fraude, expostos como culpados de trapaça, mas o espírito que os guia e controla não interfere, nem para impedir nem para salvar.

VI- É admitido que guias e supervisores enganam e incitam à fraude.

VII- Qualquer um pode ver, através de tudo que é dito dos espíritos, que suas asserções e filosofias variam de acordo com o médium e com os mais avançados pensamentos dos espíritas ainda vivos.

De tudo isso, e de muito mais que poderia ser acrescentado, o homem da ciência materialista sai fortalecido na sua tentativa de ridicularizar, mas o teosofista tem que concluir que as entidades, se há qualquer uma se comunicando, não são espíritos humanos, e que as explicações devem ser encontradas em outras teorias.

A materialização de uma forma no ar, independente do corpo físico do médium, é um fato. Mas não é um espírito. Como foi muito bem expressado por um dos “espíritos” não aprovados pelo espiritismo, uma maneira de produzir esse fenômeno é por acréscimo de partículas elétricas e magnéticas em uma massa sobre a qual matéria é agregada e uma imagem refletida a partir da esfera astral. Isso é tudo; tão fraudulento como uma coleção de máscaras e musselina. Como isso é feito é outra história. Os espíritos não são capazes de contar, mas nos capítulos anteriores fizemos uma tentativa para indicar os métodos e os instrumentos. O segundo método é pelo uso do corpo astral do médium vivo. Nesse caso, a forma astral que emanou do médium, gradualmente atrai sobre si partículas extraídas do ar e dos corpos dos presentes na sessão até que afinal, ela se torna visível. Algumas vezes lembrará o médium; noutras mostrará uma aparência diferente. Em quase todos os casos a penumbra é requerida, porque uma luz forte perturbaria a substância astral de maneira violenta, e tornaria difícil a projeção astral. Algumas das assim chamadas materializações são imitações vazias, já que são apenas chapas planas de substância elétrica e

magnética, onde a Luz Astral é refletida. Estas parecem ser as fisionomias dos mortos, mas são apenas ilusões pintadas.

Para alguém entender os fenômenos psíquicos encontrados na história do "espiritismo", é necessário conhecer e admitir o seguinte:

I- A completa hereditariedade do homem, astral, espiritual e psiquicamente, como um ser que sabe, raciocina, sente e age através do corpo, do corpo astral e da alma.

II- A natureza da mente, sua operação, seus poderes; a natureza e poder da imaginação; a duração e efeitos das impressões. O mais importante nisso é a persistência das menores impressões, assim como das maiores; que toda impressão produz uma imagem na aura individual; e que por meio desta uma conexão se estabelece entre as auras de amigos e parentes, velhos, novos, próximos, distantes, e em graus distantes: isso daria uma ampla margem de possíveis visões a um clarividente.

III- A natureza, extensão, função e poder dos órgãos e faculdades astrais internas do homem, compreendidos pelos termos corpo astral e *Kama.* Que estes não são impedidos de agir pelo transe ou sono, mas estão reforçados no médium quando em transe; ao mesmo tempo sua ação não é livre, mas governada pelo acorde da massa de pensamentos dos presentes à sessão, ou por uma vontade predominante, ou pela entidade que preside por trás da cena; se um investigador científico cético estiver presente, sua atividade mental pode inibir a ação dos poderes do médium, por algo que podemos chamar de um processo de congelamento, o qual não há termo em inglês que descreva adequadamente.

IV- O destino do homem real após a morte, seu estado, poder e atividade lá, e sua relação, se há alguma, com aqueles que deixou para trás.

V- Que o intermediário entre a mente e o corpo - o corpo astral - é descartado na morte, e deixado na luz astral para desaparecer; e que o homem real vai para o *Devachan*.

VI- A existência, a natureza, o poder e a função da luz astral, e seu lugar como um registro na Natureza. Que ela contém, retém, e reflete imagens de toda e qualquer coisa que aconteceu a qualquer pessoa, e também cada pensamento; que ela permeia o globo e a atmosfera ao seu redor; que a transmissão da vibração através dela é praticamente instantânea, já que a velocidade é muito mais rápida que a da eletricidade tal como é conhecida agora.

VII- A existência na luz astral de seres que não usam corpos como os nossos, de natureza não humana, tendo poderes, faculdades e uma espécie de consciência própria; entre eles estão incluídas as forças elementais ou espíritos da natureza, divididas em muitos graus, os quais têm a ver com cada operação da Natureza e cada movimento da mente do homem. Que esses elementais agem nas sessões automaticamente em seus vários departamentos, uma categoria apresentando imagens, outra produzindo sons, e outras despolarizando objetos com o propósito de movê-los. Agindo com eles nessa esfera astral estão os homens sem alma que vivem nela. A estes devem ser atribuídos o fenômeno, entre outros, da "voz independente", sempre soando como uma voz em um barril porque é formada em um vácuo que é absolutamente necessário para uma entidade há tanto desprovida do espírito. O timbre peculiar desse tipo de voz não foi considerado importante pelos espíritas, mas é extremamente significativo do ponto de vista do ocultismo.

VIII- A existência e operação de leis e forças ocultas na natureza, que podem ser usadas para produzir resultados fenomênicos neste plano; que essas leis e forças podem ser colocadas em operação pelo homem subconsciente e pelos elementais, tanto consciente quanto

inconscientemente, e que muitas dessas operações ocultas são automáticas da mesma maneira que o congelamento da água sob o frio intenso, ou o derretimento do gelo sob o calor.

IX- Que o corpo astral do médium, compartilhando da natureza da substância astral, pode se estender a partir do corpo físico, pode agir fora do mesmo, e pode também projetar, às vezes, qualquer porção sua, como mão, braço ou perna, e que por meio dessas movem objetos, escrevem cartas, produzem toques no corpo, e assim por diante *ad infinitum*. E que o corpo astral de qualquer pessoa pode ser levado a sentir uma sensação que, sendo transmitida ao cérebro, faz a pessoa pensar que está sendo tocada do lado de fora, ou que escutou um som.

A mediunidade é cheia de perigos porque agora a parte astral do homem tem um funcionamento normal somente quando associada ao corpo; em um futuro remoto ela atuará normalmente sem o corpo, como já aconteceu no passado longínquo. Tornar-se um médium significa que você tem que se tornar desorganizado, fisiologicamente e no sistema nervoso, porque é através deste que ocorre a conexão entre os dois mundos. No momento em que a porta é aberta, todas as forças desconhecidas se apressam em entrar, e como a parte mais grosseira da natureza está mais próxima de nós, ela é a parte que mais nos afeta; a natureza inferior é também primeiramente afetada e inflamada porque as forças utilizadas são daquela parte de nós. Estamos então à mercê de pensamentos vis de todos os homens, e sujeitos à influência das cascas no *Kama Loka*. Se a isso for acrescentada a cobrança em dinheiro pela prática da mediunidade, há um perigo adicional, pois as coisas do espírito e aquelas relativas ao mundo astral não devem ser vendidas. Esta é a grande doença do espiritismo norte-americano, e ela deturpou e degradou toda a história; até que seja eliminada, nenhum bem virá dessa prática; aqueles que desejem ouvir a verdade do outro mundo devem devotar-se à verdade e deixar todas as considerações sobre dinheiro fora disso.

Tentar adquirir o uso de poderes psíquicos por mera curiosidade ou para fins egoístas é também perigoso, pelas mesmas razões apontadas no caso da mediunidade. Como a civilização de hoje é egoísta no mais alto grau e está construída sobre o elemento pessoal, as regras para o desenvolvimento desses poderes e a forma correta não foram reveladas, mas os Mestres de Sabedoria disseram que a filosofia e a ética devem primeiro ser aprendidas e praticadas antes que qualquer desenvolvimento de outro tipo seja permitido; e sua condenação ao desenvolvimento massivo de médiuns é amparada pela história do espiritismo, que é uma longa história da ruína de médiuns por toda a parte.

Igualmente impróprios são os modos das escolas científicas que, sem um pensamento para a verdadeira natureza do homem, favorecem experimentações em hipnotismo, no qual os sujeitos ficam prejudicados por toda vida, colocados em atitudes vergonhosas, e levados a fazer coisas para a satisfação de investigadores que nunca seriam feitas por homens e mulheres em seus estados normais. A Loja dos Mestres não se interessa pela Ciência, a não ser que ela vise uma situação melhor para o homem, tanto moral como fisicamente, e nenhuma ajuda será dada à Ciência até que ela olhe para o homem e para a vida a partir do lado moral e espiritual. Por essa razão, aqueles que sabem tudo sobre o mundo físico, seus habitantes e leis, estão promovendo uma reforma moral e filosófica antes que qualquer atenção maior seja dada aos estranhos e sedutores fenômenos possíveis para os poderes internos do homem.

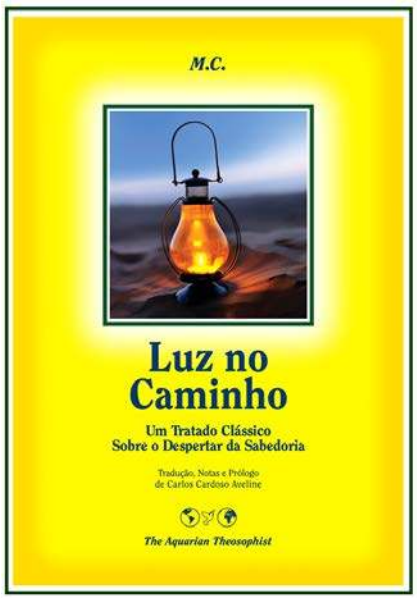
E no momento presente, o ciclo já quase completou sua trajetória neste século. Agora, como há um século, as forças estão desacelerando; por essa razão os fenômenos do espiritismo estão diminuindo em número e volume; a Loja espera que, no momento em que a nova maré comece a aumentar, o Ocidente tenha adquirido algum conhecimento da verdadeira filosofia do Homem e da Natureza, e esteja então pronto para suportar que se levante o véu um pouco mais. Ajudar o progresso da raça humana nessa direção é o objetivo deste livro, e deste modo ele é submetido aos seus leitores de todas as partes do mundo.

000

Aqui termina o livro "**O Oceano da Teosofia**", de William Q. Judge.

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de "**Luz no Caminho**", de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por "**The Aquarian Theosophist**".

000